UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO INSTITUTO DE PSICOLOGIA

FABIANA MARA ESTECA

A mãe que trabalha fora:

A criança e a família em relação ao trabalho materno

São Paulo

FABIANA MARA ESTECA

A mãe que trabalha fora:

A criança e a família em relação ao trabalho materno

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra Audrey Setton Lopes de Souza

São Paulo

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação Serviço de biblioteca e documentação Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Esteca, Fabiana Mara.

A mãe que trabalha fora: a criança e a família em relação ao trabalho materno / Fabiana Mara Esteca; Orientadora: Profa Dra Audrey Setton Lopes de Souza – São Paulo, 2012. 160 f.

Dissertação (Mestrado) — Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

1. relação pais-criança. 2. Parentalidade. 3. casal de dupla carreira. 4. papéis de gênero. 5. desenho da família. 6. crianças em idade escolar.

| Nome: ESTECA, Fabiana Mara. | |
|--|--|
| Título: A mãe que trabalha fora: A cria | ança e a família em relação ao trabalho materno |
| Dissertação apresentada ao Instituto de obtenção do título de Mestre em Psico. | e Psicologia da Universidade de São Paulo para logia. |
| Aprovado em: | |
| Banca Examinadora: | |
| Prof. Dr | |
| Instituição: | Assinatura: |
| Prof. Dr | |
| Instituição: | Assinatura: |
| Prof. Dr | |
| Instituição: | Assinatura: |
| | |
| Dissertação defendida e aprovada em: | / |

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço às famílias que aceitaram compartilhar comigo suas histórias, essenciais para a realização deste trabalho.

À minha orientadora Audrey Setton Lopes de Souza, pela orientação cuidadosa e competente.

À CNPQ pelo auxílio financeiro destinado à realização desta pesquisa.

Às professoras Isabel Gomes e Rosa Macedo, pelos direcionamentos realizados no exame de qualificação.

À Cris Baggio pela revisão de texto, extremamente cuidadosa e atenciosa.

Ao professor Bruno Baggio pelo companheirismo e incentivo nos momentos finais.

Aos amigos que pude contar em muitos momentos desta caminhada.

À minha família, sempre.

"A nossa vida, como repertório de possibilidades, é magnífica, exuberante, superior a todas as historicamente conhecidas. Mas assim como o seu formato é maior, transbordou todos os caminhos, princípios, normas e ideais legados pela tradição. É mais vida que todas as vidas, e por isso mesmo mais problemática. Não pode orientar-se no pretérito. Tem de inventar o seu próprio destino."

Ortega y Gasset

RESUMO

Esteca, F. M. (2012). A mãe que trabalha fora: a criança e a família em relação ao trabalho materno. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Este estudo pretendeu investigar como a variável trabalhar fora interfere na constituição do lugar da mãe para o filho. Utilizamos uma metodologia de pesquisa de campo, de natureza qualitativa a partir do estudo comparativo de seis famílias da classe média paulistana. Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com os casais e com as crianças aplicamos o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias, proposto por Walter Trinca (1997). Nosso estudo procurou articular o conhecimento advindo da história da trajetória da família burguesa, com os aportes oferecidos pela análise dos desenhos e entrevistas com as famílias inseridas nesse contexto, contando também com o auxilio do substrato teórico da psicanálise. Nossos dados apontaram que o fato da mãe trabalhar fora, enquanto fator isolado, não parece discriminar entre os dois grupos. Verificamos que os fatores mais importantes têm relação com a constituição da conjugalidade e da parentalização. Outro aspecto identificado esteve associado à possibilidade de um pai participativo, esse aspecto demonstrou ter forte relação com a satisfação conjugal, igualmente influente na percepção da criança sobre seu lugar na família.

Palavras chave: relação pais-criança; parentalidade; casal de dupla carreira; papéis de gênero; desenho da família; crianças em idade escolar.

ABSTRACT

Esteca, F. M. (2012). The working mother: the child and family in relation to maternal employment.

This study aimed to investigate how the variable "out-of-home work" affects the constitution of the place of the mother to the child. We used a methodology of field research, qualitative in nature, from the comparative study of six middle-class families in São Paulo. We executed semi-directed interviews with the couples and applied the Procedure of Family Drawings with Stories, proposed by Walter Trinca (1997), with the children. Our study sought to articulate the knowledge gained from the history of the trajectory of the bourgeois family, with contributions offered by the analysis of drawings and interviews with the families inserted within this context, also counting on the help of the theoretical basis of psychoanalysis. Our data showed that the mothers that work out of home, as an insulated factor, does not seem to discriminate between the two groups. We found that the most important factors are related to the establishment of conjugality and parenthood. Another aspect identified was associated with the possibility of the participation of the father. This aspect has demonstrated a strong relationship with marital satisfaction, equally influential in the child's perception of his place in the family.

Keywords: parent-child relationship, parenthood, dual career couples, gender roles, drawing of the family, school-age children.

SUMÁRIO

| Capítulo | п |
|----------|-----|
| t animin | |
| Capitalo | - 5 |

| Introduçãop.9 |
|---|
| 1. Apresentação |
| Capítulo II |
| Família em transiçãop.15 |
| 2.1Da família tradicional à família modernap.15 |
| 2.2Peculiaridades da família brasileirap.24 |
| 2.3Mulher, família e trabalhop.29 |
| Capítulo III |
| A mãe e o desenvolvimento infantil nas teorias psicanalíticasp.33 |
| Capítulo IV |
| O lugar da família na constituição do sujeitop.41 |
| A constituição da conjugalidadep. 43 |
| O processo de transição em direção à parentalidadep. 47 |
| Capítulo V |
| Objetivos p.52 |

Capítulo VI

| Delineamento da pesquisa | p.53 |
|--------------------------------|--------|
| 1. Participantes | p.55 |
| 2. Procedimentos | p.56 |
| 3. Instrumentos | p.57 |
| 4. Questões éticas | p.63 |
| Capítulo VII | |
| Resultados | p.64 |
| Apresentação das famílias | p.67 |
| GRUPO A | P.68 |
| Família 1 A | p.68 |
| Família 2 A | p.80 |
| Família 3 A | p.89 |
| Grupo A – Análise geral | p.100 |
| GRUPO B | p. 102 |
| Família 1 B | p.102 |
| Família 2 B | p.113 |
| Família 3 B | p. 125 |
| Grupo B – Análise geral | p.136 |
| Comparação entre grupos | p.137 |
| Conclusão da análise dos casos | p.147 |

Capítulo VIII

| Consideraçõ | es finaisp. 15 | 50 |
|--------------|-----------------------------|----|
| Capítulo IX | | |
| Referências. | p.15 | 2 |
| Anexos | p.150 | 6 |
| 1. | Convite | 7 |
| 2. | Termo de Consentimentop.153 | 3 |
| 3. | Roteiro da entrevistap.159 |) |

Capítulo I: Introdução

1. Apresentação

Nas últimas décadas, nossa sociedade contemporânea ocidental foi testemunha de uma gama imensa de alterações em seu cotidiano, valores e tradições. Esse processo foi fruto de uma multiplicidade de fatores envolvendo aspectos sociais, econômicos, culturais e históricos.

Sobretudo ao longo do século XX a velocidade dessas transformações se intensificou, marcando um descompasso entre a modernização ideológica e a capacidade do sujeito em processá-la (Figueira, 1986 citado por Macedo, 1994). Esse enredo é campo fértil ao desenvolvimento de conflitos geracionais, preconceitos e dúvidas quanto ao papel a ser desempenhado na esfera social e familiar. Estudos e pesquisas sobre a questão do gênero foram realizados em grande escala por profissionais de diversas áreas, volume ainda mais notável a partir da década de 70, no Brasil, retratando a "crise" de valores e de identidade, diante de uma nova configuração social e familiar que estava surgindo.

É com esse pano de fundo que esta pesquisa foi elaborada. Considerando que essas mudanças ocorreram principalmente ao longo das três últimas gerações, pode-se observar o impacto gerado na dinâmica familiar, tal qual estava estabelecida, em decorrência dos novos papéis atribuídos a homens e mulheres, especialmente ao que diz respeito ao espaço conquistado pelas mulheres na vida pública.

Se observarmos a trajetória da família da classe média brasileira ao longo dos últimos 50 anos, notamos o salto estrutural provocado principalmente pelo movimento feminista e pela invenção da pílula anticoncepcional, liberando as mulheres para novas possibilidades de atuação e desvinculando maternidade e sexo. (Khel, 2001)

Os pais de hoje, pertencentes à geração da década de 70 e 80, foram os filhos de casais contemporâneos à revolução sexual da década de 60, período marcado pelas mudanças de papéis de gênero e permeado por novos valores morais. Se dermos um salto maior e investigarmos os pais da geração da década de 50, provavelmente encontraremos o modelo de família nuclear explicitado por Shorter (1975): a mãe dona de casa, o pai como principal provedor, figura de maior autoridade dentro da hierarquia familiar, seguido pela esposa, em geral mais afetuosa e com maior proximidade dos filhos. Ou seja, notamos pelo breve intervalo de três gerações a intensidade com que essas transformações sociais e econômicas

afetaram o seio da família e exigiram de seus membros novos ajustes em suas funções (anteriormente pré-definidas).

É importante lembrar que estamos nos referindo a uma camada social específica, "descendente" da família patriarcal burguesa: a atual classe média. (Macedo, 1994). No caso das camadas menos favorecidas, encontramos outro panorama, onde a maioria das famílias é chefiada pelas mulheres, com maior número de filhos e uma sobrecarga ainda maior. Outro aspecto influente está no grau de escolaridade, estritamente relacionado à desigualdade social. Conforme Badinter (2011), quanto mais diplomada for, menos a mulher realiza trabalhos domésticos e mais investe no âmbito profissional (sem que essa dinâmica reflita uma maior participação do companheiro em casa), ou seja, esse "capital escolar" da mulher lhe permite recorrer a serviços externos à família, vantagem que não se aplica às mulheres das camadas menos favorecidas. Enquanto é possível às mulheres com maior formação investir na carreira e ter maiores chances de realização nessa área, as mulheres menos diplomadas, frente a um trabalho mal remunerado e instável, acabam por fazer a opção inversa e se dedicam fortemente à maternidade, enquanto fonte de realização pessoal.

Os avanços trazidos pela ideologia moderna refletiram basicamente nas famílias de elite. Apesar desse salto estrutural, o trabalho feminino ainda é considerado secundário em relação ao do marido, após o casamento e, principalmente, depois do nascimento dos filhos (Meirelles, 2001). Além disso, a falta de recursos sociais que auxiliem nos cuidados infantis, enquanto os pais trabalham, ainda é desfavorável e fonte de angústia para a mãe, pois se for preciso abdicar da carreira, normalmente é a mulher quem o faz – devido às expectativas sociais e aos valores tradicionais depositados sobre a figura feminina (Badinter, 2011).

O nosso primeiro contato com as questões de gênero e a trajetória da emancipação feminina foi no trabalho de conclusão de curso, em 2004, a respeito da emancipação financeira da mulher e as possíveis ressonâncias dessa condição para a vida conjugal (Esteca, 2004). Esse estudo, pautado em uma revisão bibliográfica, elucidou o quanto o casamento atual reproduz a tradicional divisão de tarefas entre os parceiros, com a diferença de que a mulher, além de seguir o antigo protocolo destinado às mulheres da década de 50, tem de dar conta de uma carreira profissional que ocupa um lugar secundário, se comparada à do marido. Essa configuração rende à mulher do século XXI a cobrança de ser uma "super-mulher", pois ganhou espaço na vida pública sem uma divisão igualitária das tarefas domésticas com o marido.

Para Badinter (2011)

Desde Durkheim, sabe-se que o casamento prejudica as mulheres e beneficia os homens. Um século depois, a afirmação deve ser entendida em suas nuances, mas a injustiça doméstica permanece: a vida conjugal sempre teve custo social e cultural para as mulheres, tanto no que diz respeito à divisão de tarefas domésticas e à educação dos filhos, quanto à evolução da carreira profissional e à remuneração. (p.25).

Considerando que o panorama moderno em relação ao lugar da mulher na sociedade produtiva e na família é fonte de grandes angústias e questionamentos, tanto nos homens quanto nas mulheres, além de impactar a organização da parentalidade e conjugalidade nessas famílias, delineamos o tema desta dissertação. O objetivo deste trabalho é investigar essa questão sob a ótica da criança considerando o efeito do nascimento dos filhos e das implicações dessa nova fase na dinâmica e organização familiar.

Podemos perceber a atualidade do tema quando nos deparamos com estudos e reflexões sobre a polêmica questão da licença maternidade e, mais recentemente no Brasil, a licença paternidade. O dilema entre a vida profissional e a maternidade ainda está muito presente em nossa cultura, existe sempre o impasse sobre quem ficará com as crianças durante a ausência da mãe em decorrência da jornada de trabalho. (Souza,1994)

Na Europa, os países escandinavos detêm as políticas familiares mais generosas do continente. A Suécia, por exemplo, desde 1974, conta com uma licença parental remunerada, a ser dividida entre o pai e a mãe. Existe uma tendência em promover a igualdade das condições de trabalho entre homens e mulheres, ou ao menos impedir que as mães de crianças pequenas sejam penalizadas profissionalmente (Badinter, 2011). Porém, a autora pondera que nem mesmo as generosas políticas familiares dos países escandinavos foram suficientes para convencer os homens a se dedicarem mais igualitariamente aos serviços domésticos. A licença paternidade, de até 13 meses, permite que os pais fiquem com as crianças após o período de aleitamento — o recesso pode ser tirado de uma só vez ou em partes, até que a criança complete oito anos de idade. Com isso, existe a opção de dividir o tempo entre o casal, de modo que nenhum dos cônjuges seja obrigado a abdicar de sua carreira para cuidar dos filhos.

Contudo, dados obtidos em pesquisa recente realizada na Europa, apontam um sistema enviesado nos moldes tradicionais (Meulders, Plasman, De Henau, Maron e O'Dorchai, 2007). Os autores se dispuseram a compreender os impactos do nascimento de um filho para mulheres e suas condições de trabalho, bem como os efeitos das políticas públicas sobre suas decisões. Por políticas públicas os autores compreendem: serviços de cuidado infantil, licenças ligadas ao nascimento e ajuda direta às famílias.

O estudo concluiu que ainda existe grande desigualdade de gênero em relação ao incentivo ao trabalho, pois as políticas públicas ainda refletem o modo tradicional de organização familiar: a ocupação feminina permanece em segundo plano diante do trabalho do marido.

De qualquer modo, na realidade européia despontam novas alternativas, ainda que insatisfatórias. Notamos que o Brasil está longe dessa realidade e deixa a desejar quanto às políticas públicas direcionadas a essa questão. Além disso, o alto custo dessas iniciativas ainda está muito distante da realidade de um país em desenvolvimento como o Brasil.

Porém, atentar para as medidas que estão sendo tomadas em âmbito internacional pode contribuir para desnaturalizar a realidade desigual que ainda vivemos. Acreditamos que tais medidas, com resultados positivos sobre a criação dos filhos e do casamento, podem apontar uma direção para essas questões, mesmo que ainda não contemos com um aparato financeiro para tal.

Em 2008, o presidente Lula sancionou a lei que amplia o período da licença maternidade de quatro para seis meses, sendo esse benefício obrigatório para o serviço público e opcional na iniciativa privada (Gusmão, 2008). Recentemente, foi aprovada pelo Senado Federal a obrigatoriedade da licença-maternidade de seis meses, inclusive na iniciativa privada. A proposta segue para a Câmara dos Deputados para votação (Bresciani, 2010).

Isso significa um investimento do governo em uma questão de extrema relevância social. Parece que caminhamos para o reconhecimento da mulher enquanto trabalhadora e ainda "engatinhamos" quanto à inclusão do pai nessa empreitada, sendo o período pífio concedido à licença paternidade (5 a 15 dias) reflexo disso. Ao que parece, estamos longe de uma resolução satisfatória sobre o dilema a respeito da criação dos filhos e ainda não

podemos contar com os subsídios necessários do governo. Porém, é possível construir novos olhares sobre discursos tão naturalizados.

A fim de subsidiar reflexão sobre o tema, pretendemos observar, sob o vértice da criança, como esta percebe sua dinâmica familiar. A partir do que, pretendemos formular hipóteses a respeito dos papéis desempenhados nas diferentes configurações de família que iremos investigar.

Este estudo pretende articular o conhecimento advindo da história da trajetória da família burguesa, com os aportes oferecidos pela análise dos desenhos e entrevistas com as famílias inseridas neste contexto, contando também com o auxilio do substrato teórico da psicanálise.

A pesquisa de campo terá um caráter comparativo, cujo diferencial será a ocupação ou não da mãe. Nesse sentido, a análise de dados será feita a partir da articulação entre os elementos trazidos pelas entrevistas realizadas com cada casal e a produção gráfica de seus filhos, a partir do modelo de Procedimento desenhos de família-estória com tema, proposto por Walter Trinca (1997)

Por fim, com as análises realizadas a partir da compreensão psicanalítica dos dados, teceremos nossas considerações finais.

2. Justificativa

A sociedade ocidental contemporânea é palco de uma gama de alterações nos papéis masculinos e femininos, tanto no âmbito privado quanto no espaço público. Esse processo tem sido fonte de angústia para pais e mães, pois houve relativa perda de referencial, os modelos de família do passado já não comportam os efeitos da modernidade e ainda funcionam como um lugar idealizado para se criar filhos saudáveis. Esse movimento é responsável por equívocos e um estudo nesse campo pretende trazer maiores esclarecimentos para a compreensão da nova dinâmica familiar.

Nossa hipótese é que por conta dessa idealização da família tradicional, pais e mães, sobretudo as mulheres, sofrem por terem "abandonado" a função de estar presente integralmente no cotidiano dos filhos e ter a família como projeto central de suas vidas.

Atualmente, podemos dizer que as mulheres podem aderir, recusar ou negociar a maternidade com a vida profissional (Badinter, 2011). Essa liberdade, porém, frequentemente vem acompanhada por sentimentos ambivalentes, e até mesmo culpa, por parte daquelas mulheres que privilegiam sua carreira. O reflexo disso pode ser distorções no modo de criar os filhos na atualidade, prejudicando tanto a dinâmica conjugal, como a de pais e filhos.

Esse é um quadro geral que observamos na clínica, nos estudos de caso e publicações diversas na área da psicologia (Ardaillon, 1997; Bruschini, 1993; Gomes, 2001; Kehl, 2001; Meirelles, 2001 et al).

Nesse sentido, acreditamos que a relação dos pais entre si e o sentimento destes frente à dupla tarefa de ser pai e mãe e ainda exercer uma profissão, irá refletir diretamente no modo de educar e criar seus filhos. Portanto, investigar as questões implicadas nas famílias atuais acerca do trabalho materno torna-se crucial para romper mitos e levantar discussões que permitam a homens e mulheres se realizarem enquanto pais, cônjuges e profissionais – possibilitando um ambiente que forneça subsídios para o bom desenvolvimento psíquico e social de seus filhos.

Capítulo II

2.1 A família em transição

Este capítulo tem por finalidade abordar o processo de transição da família ocidental tradicional até as organizações familiares contemporâneas. Partimos da sociedade oitocentista européia, quando despontou a classe burguesa como modelo de organização familiar, que influenciou fortemente a família pós-moderna da classe média, objeto deste estudo. O propósito desse aparato histórico é compreender as heranças ideológicas que permeiam nossos costumes e valores até os dias atuais.

O debate a respeito das relações de gênero na família traz discursos controversos e, por vezes, uma análise simplista, veiculada principalmente pelos grandes meios de comunicação. Portanto, esse embasamento teórico nos permite fazer uma análise fundamentada com o intuito de desnaturalizar aspectos aceitos como tal, os quais reduzem as possibilidades de existência de homens e mulheres.

As mudanças aceleradas e intensas do século XX, tais como: as duas guerras mundiais, o advento da psicanálise, o movimento feminista, a invenção da pílula e a globalização, além de sacudirem a organização social vigente, promoveram um conflito de valores intenso, cujo desfecho foi uma crise no modo de ser e de agir, anteriormente bem definidos de acordo com a posição ocupada na família e na sociedade.

Souza (1994) afirma que a família passou por dois tipos de mudança: uma ideológica, em que predomina o ideal democrático ou igualitário de relações; outra estrutural, onde há uma diminuição do tempo de duração do casamento, maior número de divórcios e recasamentos. As mudanças ideológicas e estruturais da família exigem de seus membros uma reorganização e ainda não se produziu um modelo claro para ordenar a conduta dos indivíduos dentro desse enquadre.

Por mais que essas mudanças no cenário doméstico influenciem as relações dentro da família, a família nuclear, proveniente do século XVIII – composta pelo marido, esposa e filhos, seguindo uma organização hierárquica – ainda é predominante. Em 1987 correspondia a 71% dos lares brasileiros. (Bilac, 1991 *apud* Romanelli, 1995).

Romanelli (1995) atenta que a questão está no significado simbólico que esse modelo passou a ter, se tornando um referencial e ideal para a maioria das pessoas. Acontece que manter esse tipo de organização familiar tornou-se insustentável no universo ocidental pósmoderno e acaba sendo motivo de frustração e sentimento de fracasso para aqueles que não conseguem seguir o padrão.

Para o autor, o início da ruptura com estruturas tradicionais tem relação com três movimentos oriundos do século XX: o feminismo, o psicologismo e as políticas de esquerda (Romanelli, 1991, citado por Chaves, 2006). As várias correntes do movimento feminista, em particular, foram responsáveis por mudanças no papel da mulher na família e na sociedade, dado que trazem questionamentos acerca das relações de gênero e consolidam novas representações sobre a posição feminina. Por exemplo, o surgimento da pílula anticoncepcional, que permite à mulher diferenciar maternidade e sexo, significando mais uma conquista de cunho emancipatório.

Moraes (2001) lembra que a família ocidental foi fortemente influenciada pelo Iluminismo - que defendia o predomínio dos valores democráticos e igualitários – favorecendo a reivindicação de igualdade de direitos entre homens e mulheres. Apesar desses ideais se aplicarem apenas aos considerados "cidadãos", excluindo as mulheres, a filosofia das luzes foi incorporada e serviu de argumento contra a discriminação e exclusão das minorias.

Outro importante autor foi Stuart Mill, que em suas obras combatia a ideia de que as mulheres pertenciam a uma categoria limitada por sua própria natureza. Mill viveu na Inglaterra, no período vitoriano (1837-1901), e foi contemporâneo do movimento feminista europeu do final do século XIX. Em 1869, lançou a obra "Sujeição das mulheres", onde argumentava a favor do sufrágio feminino e da independência econômica da mulher.

O movimento de luta por emancipação se estende durante todo o século XX. No Brasil, algumas publicações fizeram parte dessa luta por igualdade entre os sexos, como as revistas "A mensageira" (publicada em São Paulo entre 1897 e 1900) e a "Revista Feminina" (entre 1914 e 1936). Ambas se preocuparam em questionar os propósitos divulgados pelas teorias científicas da época e publicavam ideais a favor da emancipação das mulheres. Apresentavam uma preocupação a respeito da posição da mulher na sociedade e os preconceitos enfrentados, reivindicavam, entre outras coisas, uma educação de qualidade para

as mulheres e defendiam os benefícios do trabalho feminino. Essas publicações destoavam das outras voltadas ao público feminino, que tratavam de assuntos como trabalhos manuais, moda e culinária.

Abaixo, um trecho do primeiro número de "A mensageira", escrito por Julia Lopes de Almeida (1897), intitulado "Entre amigas":

Não é sem algum espanto que escrevo este artigo, para um jornal novo, e, de mulheres! É uma tentativa sem grandes fundamentos? Viverá pouco? Ficará? Só o tempo poderá responder a estas perguntas; entretanto, que fique, ou que passe no sopro ligeiro dos dias curtos, esta revista assignala um facto, digno de attenção de que o movimento feminista vae desenvolvendo a força de suas azas, no Brazil.

Na década de sessenta a psicóloga Betty Friedam publica "A mística feminina", em que discutia a crise de identidade feminina. Friedam percebe que as mulheres sofriam de uma frustração sem objeto, ao que denominou de "mal sem nome" ou "problema mal formulado". Seus estudos chegam à conclusão de que esse mal estar se devia ao fato de que essas mulheres não podiam desenvolver todas as suas potencialidades humanas.

Mais recentemente, estudos de Pereira (1979), Santrock e Warshak (1986), Walsh (1993) citados por Souza (1994), legitimam as considerações de Friedam e incluem as restrições masculinas. Esses autores sugerem que a cisão entre os domínios masculino e feminino retirou, de homens e mulheres, parte de suas possibilidades de realização e desenvolvimento. Ou seja, não só as mulheres são prejudicadas por essa limitação dos espaços, os homens também ficam restritos naquilo que é rigidamente imposto e esperado para a categoria de "macho".

Questões referentes à ocupação feminina fora do lar e suas implicações para a família renderam diversas pesquisas, principalmente a partir da década de sessenta, quando o processo de emancipação feminina se intensificou. Importante estudo foi realizado por Pereira, em 1978, onde a autora observou que não é o trabalho em si que responde pelos déficits muitas vezes observados nas crianças, mas o efeito das atitudes dos pais em relação ao trabalho da mulher. Ou seja, aspectos importantes quanto ao impacto do trabalho da mulher sobre os filhos são mediados pelas atitudes dos pais quanto à situação do trabalho

feminino, o que alterará as práticas educativas usadas pelos pais e os valores que eles buscarão transmitir à criança.

Yarrow (1962, citado por Pereira, 1978) realizou um estudo sobre as práticas educativas utilizadas por mulheres que trabalhavam ou não. Os resultados permitiram concluir que a consistência das práticas educativas, como o incentivo à autonomia, não estaria associado ao trabalho em si, e que a variável mais importante seria o grau de satisfação que a mulher experimentava, quer trabalhando ou não, bem como os motivos que a levaram a essa opção.

Houve, portanto, grande mobilização acadêmica em torno das questões de gênero, sobretudo sobre a maternidade. Essa produção teórica rompeu com antigas verdades sobre o ofício feminino e se fortaleceu com contribuições de diferentes autores por todo o mundo.

No entanto, os ganhos femininos do século XX entraram em conflito com antigas questões ideológicas relacionadas à maternidade, despertando nas mulheres a culpa por não mais poder participar integralmente da vida dos filhos. Além disso, a participação dos homens no espaço doméstico não foi proporcional à saída das mulheres, que continuaram atendendo as demandas da casa e dos filhos mesmo trabalhando fora, conforme vários estudos já indicaram (Souza, 1994, Norgren, 2002, Meirelles, 2001 entre outros).

Em contrapartida Romanelli (1995) observa que a mudança de papéis da família moderna promove uma aproximação dos pais aos filhos, diferente das relações distantes da geração passada, que correspondia ao modelo de família nuclear.

Ou seja, vivemos hoje o que parece ser uma espécie de reajuste, após um período de severas modificações da estrutura familiar. Não só, mas basicamente, o recurso financeiro trouxe consigo maior influência feminina no lar e maior autoridade também, fenômeno crucial para compreendermos os processos familiares da contemporaneidade.

O historiador norte-americano, Edward Shorter, aborda o nascimento do capitalismo como principal fonte de transição da família tradicional para a familiar nuclear, que se deu ao final do século XVIII, sendo esse modelo predominante até as décadas de 1960 e 1970, cedendo lugar, aos poucos, para a família pós-moderna.

Shorter (1975) destaca três fatores responsáveis pela queda da família tradicional:

-o amor romântico: promove maior comunicação entre os cônjuges, porém a união do casal depende da realização amorosa e sexual - o amor e o sexo ganham prioridade no lugar da propriedade, trazendo instabilidade à união e aumentando o número de rupturas conjugais.

- a relação mãe-filho: na sociedade tradicional o que reinava era a luta pela sobrevivência, bem-estar dos filhos vinha em segundo plano. Na sociedade moderna o bebê está acima de tudo. O crescimento econômico permite às mães ficarem mais com os seus filhos, ao invés de se ocuparem em ajudar na produção, pois o marido agora pode contratar ajudantes.

- a domesticidade: a família estreita os laços com seus membros, o casal já não tem mais vínculos tão fortes com a comunidade, os parentes e a linhagem.

Para o autor, o desvio na relação da família com a comunidade trouxe implicações para a estabilidade do casal, as quais ele define como parte da crise familiar contemporânea. Na família pós-moderna, a autoridade dos pais bem como o controle sobre os filhos diminui e o número de divórcios aumenta. O autor discorre ainda sobre fatores inéditos no plano familiar da atualidade: a indiferença dos adolescentes em relação à identidade da família, a já citada instabilidade conjugal e a queda da noção de "ninho" da vida da família nuclear.

Estamos descrevendo um processo de transição intenso da família burguesa tradicional, tal qual era conhecida até então. Elementos conservadores se dissipam, ainda que prevaleçam raízes no comportamento e modo de pensar do senso comum até hoje. É preciso ter cuidado ao falar dessa transição da família, visto que existe um temor de que a família "de antigamente" era a mais apropriada à educação dos filhos e à ordem social. Esse pensamento pode ser fonte de confusões sobre o modo de cuidar dos filhos e ainda gerar o sentimento de culpa por não seguir um padrão idealizado (Kehl, 2001).

Souza (1994) complementa que os pais criam seus filhos de acordo com a referência de sua relação com os próprios pais. Pais de hoje, que fazem parte da geração de 1960/70 e, portanto, filhos do modelo de família nuclear, vivenciam a posição de pai com o sentimento de compensação da vida familiar "do passado", por terem esse modelo como negativo devido às relações hierárquicas, e almejam ter relações mais democráticas com seus filhos.

O lugar de autoridade do pai, como aquele membro que era dotado de um saber que lhe garantia a posição na hierarquia familiar, foi paulatinamente se perdendo, fazendo com

que o saber acumulado pelo pai se tornasse obsoleto em meio às novas situações, nas quais ele ainda não tem experiência (Kehl, 2001, Romanelli, 1995). Furusawa (2003) faz uma comparação dos programas infantis como "Os Waltons", na década de 70, onde o pai e o avô eram figuras fortes no lar, bem como a série "Papai Sabe-Tudo", que mostrava um pai respeitado, com os programas mais atuais como "Família Dinossauro" e "Os Simpsons", nos quais o pai é retratado como uma figura frágil e sem autoridade. Essa alteração dos moldes familiares é significativa, dado que a natureza da autoridade paterna sempre foi tida como inquestionável.

É importante lembrar que o trabalho feminino está interligado a essa dinâmica, pois o dinheiro recebido pelas mulheres tem o poder de alterar as relações definidas anteriormente. Ardaillon (1997) aborda o tema do dinheiro como um valor simbólico que influencia as relações de gênero no casamento, na medida em que permite a individualização, a realização de desejos e o poder de decisão. Em sua dissertação de mestrado, a autora explica que o novo espaço que a mulher ocupa implica em um novo posicionamento da figura do homem, assim como a relativa perda da autoridade paterna exige um novo posicionamento da mulher, com mais autoridade.

Para Romanelli (1995):

Cada vez mais, o chefe de família deixa de ser o principal provedor financeiro do consumo doméstico devido à participação crescente das esposas — e numa segunda etapa, dos filhos — no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, o saber paterno perde sua eficácia, pois as experiências que ele continua a traduzir estão situadas em um passado que não é mais congruente com um presente marcado por mudanças intensas e rápidas. Além disso, a hierarquia existente na família tende a ser substituída, gradativamente, por vínculos de relativa igualdade entre marido e esposa, o que mina substancialmente a autoridade do marido e pai. (p. 85).

Na reflexão de Kehl (2001) os pais de hoje sentem-se insuficientes por existir uma cobrança da "família perdida", e ficam em um lugar sem sustentação, pois apesar da cultura moderna sugerir que a educação deva ser diferente da geração passada, ainda reina um ideal defendendo que a família deva ser como era antes.

Na segunda metade deste século, fala-se cada vez mais em uma crise na família ocidental como responsável por certa desestruturação da cultura burguesa, sobretudo no que diz respeito ao comportamento das crianças e dos adolescentes. Estes comentários baseiam-se no pressuposto de que algum dia existiu uma família estável e boa, que oferecia amparo, segurança e bons padrões de moralidade às crianças; hoje esta família estaria abalada, produzindo crianças angustiadas, crianças sintomáticas ou, ainda, crianças delinqüentes, anti-sociais. (Kehl, 2001, p. 31)

A autora questiona o pressuposto de que antes existia esse lugar estável de criação e educação das crianças, produzindo sujeitos saudáveis psiquicamente. Kehl (2001) lembra que quando Freud investigou a enorme quantidade de pessoas com sofrimento psíquico, no início da psicanálise, a família nuclear burguesa era dominante. Ou seja, não podemos afirmar que a família estruturada e estabelecida daquela época, por si só bastava para dar uma boa formação às crianças e formar indivíduos saudáveis. Kehl (2001) defende que novas estruturas familiares estão se formando e discorda das pesquisas que afirmam simplesmente que há uma desestruturação na família.

Kehl (2001) acrescenta que no final do século XIX/início do século XX, o ideal de feminino e masculino era tão inalcançável que acabou por tornar-se fonte de extrema angústia, para ambos os sexos. Além disso, havia ainda uma espécie de fixação dos filhos à mãe, pois a mulher depositava toda sua energia na criação dos filhos, como única forma de garantir uma "identidade".

Esse modo de organização familiar teve início já no século XIX. Com a família burguesa em seu auge no Brasil, a intimidade e a privacidade foram cada vez mais valorizadas, fazendo com que o espaço doméstico passasse a ser um lugar reservado. Nessas condições, a postura feminina era constantemente avaliada, dando início a uma priorização da educação materna para transmitir padrões de bons costumes aos filhos, um fazer para o qual as amas e escravas não estavam capacitadas (Kehl, 2003).

Maldonado (1999), baseada no historiador Ariès, complementa que as novas condições econômicas e políticas do século XIX favoreceram a saída dos homens de casa, deixando-a sob responsabilidade das esposas. Assim, a maternidade ganhou uma função social, já que a educação dos filhos passou a ser um atributo exclusivo das mães.

É notável a influência dos diferentes saberes da época, como a filosofia, a literatura e até a medicina, com uma argumentação "científica" acerca da natureza limitada da mulher.

A própria psicanálise reforçou esse preceito, quando enfatizou a relação mãe e filho, responsabilizando a mulher se algo no desenvolvimento não acontecia conforme o esperado. Para Meirelles (1997) as mulheres eram responsabilizadas pelo bom funcionamento da família e muitas teorias ressaltavam que a privacidade familiar e o amor materno contribuíam para o bom desenvolvimento físico e emocional dos filhos, deixando de lado outros fatores também relevantes. De acordo com Maldonado (1999) muitos teóricos adotaram uma postura acusatória em relação à mulher, defendendo a imagem de devoção que caracterizaria a "boa mãe".

Atribuiu-se, então, à mulher e mãe, uma responsabilidade quase integral pelo cuidado dos filhos. Rago (1997) afirma que existia a crença de que o trabalho feminino destruiria a família, pois as mulheres deixariam de ser boas mães, os filhos cresceriam sem os cuidados que exigiam a presença materna integral, além da ameaça de poder causar desinteresse pelo casamento. Enquanto isso, o pai era considerado responsável somente por alguns aspectos específicos do desenvolvimento da criança, mantendo uma postura social de provedor. Essa dinâmica se manteve, pelo menos, até os últimos anos da década de sessenta, com fortes resquícios na mentalidade atual, ainda que de maneira camuflada.

Foi crescente o número de autoras que se propuseram a romper com os ideais machistas, fortemente arraigados na sociedade dos meados do século XX. Entre elas, Badinter, Beauvoir e Friedam. Badinter, em 1985, lança seu livro clássico "O mito do amor materno", onde ilustra que a exaltação do amor materno é uma criação pautada em interesses econômicos e sociais. Não havia até o século XVIII uma valorização da infância (Ariès usa o termo "sentimento de infância" para se referir aos costumes sociais dessa época, que ignoravam certas necessidades específicas das crianças). Muitas vezes, afirma Badinter, a criança era abandonada ou entregue a uma ama, que ficava responsável pelos primeiros anos de vida, podendo se observar, até esse período, uma indiferença materna.

Com essa argumentação, pautada em uma investigação histórica, é possível reconhecer que a segregação de espaços em masculino e feminino é uma construção social, como já defendia Beauvoir em "O segundo sexo". Com as considerações de Badienter o conceito de

"instinto materno" ficou abalado, exigindo novas considerações a respeito do lugar do pai e da mãe na formação dos filhos.

A partir desse apanhado geral, acerca das mudanças sofridas pela instituição familiar ao longo do processo de modernização, iremos a seguir, discorrer sobre os processos de mudança específicos da família brasileira.

2.2 Peculiaridades da história da família brasileira

No Brasil, houve grande influência da cultura européia no século XIX, devido à vinda da corte em 1808, trazendo elementos distantes de nossa realidade social, com padrões tipicamente europeus (Araujo, 1993). Neste período, teve início um movimento de conscientização da população, mediante o discurso de médicos higienistas, desenvolvido junto ao processo de urbanização – com grande poder de transformar os costumes. A intenção era formar cidadãos à disposição do Estado e, aos poucos, a família rural extensa cedeu lugar à família nuclear.

A política higienista impôs à família uma nova educação física, moral, intelectual e sexual (Costa, 2004), elementos estes transportados à instituição conjugal e nuclear da atualidade.

Com a intenção de minimizar o poder do patriarca, a política higienista, sempre "em nome da saúde", paulatinamente domesticou a família à ordem médica. A relação mãe e filho passou a ser supervalorizada, enaltecendo a figura da mulher em sua função de mãe e esposa. O casamento adquire os ideais do amor romântico, com a ênfase dada ao direito de escolha do parceiro. Esses elementos reunidos dão à família uma nova face, idealizada como uma "família amorosa", fundada "no prazer de procriar e cuidar dos filhos como um ato de amor." (Araujo, 1993, p.38).

Os higienistas influenciaram o movimento de "hierarquização social da inteligência", o indivíduo culto passou a ser visto como superior ao inculto. Além de defender que o cérebro masculino era apropriado ao desenvolvimento de atividades intelectuais, enquanto o feminino era limitado apenas às atividades domésticas. Para Costa (2004), essa crença desencadeou uma epidemia de repressão sexual intrafamiliar: os homens oprimiam suas esposas e filhas, as crianças que se masturbavam eram severamente punidas pelos adultos, entre outras formas de repressão, mediante julgamento e humilhação. Ou seja, o sexo definia o grau de respeito e poder social do sujeito, além de ser uma arma de prestígio, vingança e punição.

Riolando Azzi (1987 apud Araujo, 1993) analisa algumas correntes de pensamento influentes na formação de valores da família brasileira entre 1870 e 1950:

- o catolicismo apresenta a família como uma estrutura extremamente hierárquica, com funções bem definidas entre seus membros. Esse pensamento reforçava a cisão público/privado, delimitando o primeiro ao masculino e o segundo ao feminino.
- Por sua vez, o positivismo criticava a corrente católica, por considerá-la retrógrada, pois o valor positivista estava no progresso. Embora também valorizasse o modelo de família hierárquica, uma vez que pregava ser a mulher uma figura destinada ao lar e que sua realização, necessariamente, viria com o casamento e a procriação.
- O pensamento liberal também se opunha ao catolicismo, mas incentivava as mulheres a uma maior participação na vida social. Essa corrente de pensamento levou as famílias a reverem suas práticas de educação.
- A corrente socialista adota a família burguesa, reunindo influências do modelo positivista e católico.

Com a expansão da modernização capitalista, em meados da década de 50, os padrões conservadores cedem lugar aos ideais progressistas, atingindo o seio da família brasileira e abrindo espaço para os movimentos de libertação, que viriam despontar nas décadas seguintes.

A juventude, do final dos anos 60 e da década de 70, se vê permeada por inúmeros fatores que geram questionamentos acerca dos padrões de moralidade e sexualidade, entre eles: a invenção da pílula, as drogas, o movimento feminista e a revolução sexual. Além destes elementos, a virada econômica do país também contribuiu para a transformação dos padrões familiares. De acordo com Ribeiro & Ribeiro (1987), a família enquanto "estrutura social mediadora entre o trabalho e o consumo, entre a produção e a reprodução" (p. 235), dialoga com o contexto social macro, influenciando e sendo influenciada por ele. Ou seja, a valorização do consumo e do trabalho, proveniente da alta da economia global, teve o poder de transformar padrões e papéis sociais, atingiu a natureza das relações familiares e promoveu o questionamento de antigos valores sociais.

Junto a isso, o projeto de "modernização conservadora" do país incentivado pelo governo militar pós-64, objetivava uma modernização econômica mediante o trabalho, a disciplina e a submissão ao Estado. Com isso, houve uma aceleração do desenvolvimento, com novas indústrias, produção diversificada e grande incentivo ao consumo, bem como

novas oportunidades de trabalho – era o "milagre brasileiro". "Milagre" que concentrou a renda para uma minoria da população, aumentando a desigualdade social, e culminou em um processo de empobrecimento da população sem precedentes (Araujo, 1993).

Em contrapartida, qualquer movimento que ameaçasse a ordem vigente era repudiado pelas forças militares a qualquer preço, situação que só começou a mudar com a crise do "milagre", a partir de 1974.

Nesse contexto, ainda segundo Araujo (1993), se desenvolveu uma cultura individualista. Para o autor, a impossibilidade de participar de decisões nacionais, levou os indivíduos a se refugiarem em si mesmos. O autor sugere que esse cenário reforçou os movimentos de libertação individual e sexual – com o culto às drogas e a revolução sexual da década de 70*.

Curiosamente (ou não), o processo ditatorial reforçou os ideais igualitários que, pela falta de canais de reivindicação, restringiu-se à esfera das relações pessoais, sendo o movimento feminista um reflexo disso (Araujo, 1993). Evidentemente, a instituição familiar teve de se reorganizar.

A indústria cultural, especificamente a televisão, absorveu e transmitiu esses novos ideais. Araujo (1993) lembra de uma das séries de sucesso da época, "Malu Mulher", de 1979, que ilustrava uma nova realidade feminina. Além das produções impressas como a revista "Cláudia", "Nova", entre outras, as quais veiculavam modelos de mulheres emancipadas e liberadas sexualmente. Essa enxurrada de informações novas e modernas causou, evidentemente, conflitos acerca desse novo modo de ser mulher.

Por fim, com a situação econômica precária vivida no Brasil, na década de 80, a classe média precisou se adaptar, buscando alternativas para conseguir manter o padrão de consumo conquistado anteriormente – uma das saídas foi a contribuição salarial da mulher, tornando-se cada vez mais comum, a partir de então, encontrar famílias de classe média com os dois cônjuges trabalhando fora.

* Diversos autores discorrem sobre reações sociais e psicológicas associadas ao autoritarismo político, como Gilberto Velho, Jurandir Freire Costa, Geraldo Romanelli, entre outros, com leituras muito interessantes que não caberia abordar de modo mais aprofundado neste estudo.

Partindo dessas considerações, Araujo (1993) questiona o surgimento real dessa família considerada igualitária, enquanto resposta aos movimentos sociais, políticos e econômicos vivenciados no país, nas décadas de 60, 70 e 80. Pois, se por um lado houve uma valorização das relações democráticas, por outro houve certo impedimento diante de sua viabilidade prática (decorrente, em grande medida, da falta de políticas públicas que sustentassem essa nova organização familiar).

De todo modo, a busca por relações democráticas não era sinônimo de famílias igualitárias, como bem pontua o autor. Ainda assim, uma grande mudança estava se produzindo, principalmente entre os casais jovens e intelectualizados da classe média. Com as vantagens oferecidas por eletrodomésticos que facilitavam o trabalho doméstico, o acesso às creches (particulares), entre outras facilidades, a mulher desse segmento social teve todo o aparato para sair e conquistar o mercado de trabalho. Desde então, se processou enorme conflito de papéis no interior da família e mesmo fora dela, não havia mais o "script" de outrora.

Embora todas essas conquistas tenham indubitavelmente alterado o posicionamento da mulher na sociedade, a família não se tornou igualitária. Araujo (1993) argumenta que:

"As mulheres, submetidas a uma dupla jornada de trabalho, continuam sendo responsáveis pela execução ou supervisão de todas as tarefas domésticas. As mudanças nesse sentido são ainda muito pequenas e dependem do poder de barganha das mulheres. A situação é amenizada quando a condição social da família permite dispor de uma boa infra-estrutura doméstica incluindo empregados e equipamentos domésticos." (p. 61)

A partir desse apanhado sobre como se deu o processo de ruptura da família tradicional patriarcal, entendemos porque observamos, em nosso cotidiano, os vestígios de uma sociedade pautada pela diferença de gênero. A estrutura social mudou de fato e as mulheres têm espaço no mercado de trabalho, isto já é inquestionável (apesar das diferenças salariais se comparadas aos homens para o mesmo cargo); muito já se produziu a respeito da capacidade masculina de cumprir com tarefas tipicamente femininas e a importância de sua presença na criação dos filhos. Ou seja, ao que tudo indica, não existe impedimento real, em termos de estrutura, recursos etc., que justifique a organização familiar pautada na diferença entre gêneros, pois muito já se escreveu e já se falou, dentro das ciências humanas, sobre a

capacidade de ambos os sexos realizarem devidamente tarefas que antes eram restritas. O que de fato é complicado é romper com o mito coletivo de que algumas funções são mais bem executadas por uma mulher ou por um homem. Esse "fantasma", que é velado, disfarçado, (propagado tanto por homens como por mulheres) ainda é poderoso. Basta olhar com mais atenção as propagandas publicitárias de produtos de limpeza, cuidados com o bebê e a criança, cerveja e automóveis, que alimentam o imaginário sobre o que é de fato esperado de cada um.

2.3 Mulher, família e trabalho

A participação feminina no mercado de trabalho já é reconhecida como uma das transformações sociais e econômicas mais importantes do Brasil, desde os anos 70 (Bruschini, 1993; Meulders, Plasman, Henau, Maron e O'Dorchai, 2007).

De acordo com Glaura Miranda (1975, apud Salem, 1980), a questão do trabalho feminino está associada também à classe social. A autora se baseia nos dados do Censo Demográfico Brasileiro, de 1970, que indicou ser o trabalho feminino mais acentuado nas regiões mais desenvolvidas e entre as mulheres com maior nível de escolaridade. Condição esta confirmada também na pesquisa de Ribeiro & Ribeiro (1984).

Fatores como a expansão do sistema educacional das décadas de 60 e 70, bem como a queda da taxa de natalidade, contribuíram com o movimento de entrada das mulheres na universidade e na sua permanência no mercado de trabalho.

A pesquisa de Ribeiro & Ribeiro (1984) procurou reunir categorias mediadoras de análise, a fim de compreender o processo de modernização da família e possibilitar a reflexão sobre as tendências atuantes nessas mudanças de valores, tendo como foco principal o aumento da taxa de atividade feminina, no período da década de 70 e 80.

As autoras reuniram três grupos de variáveis, a fim de analisar a incidência de mulheres no mercado de trabalho:

- O papel social (levando em conta sexo e idade)
- Posição social (grau de instrução e rendimento familiar)
- Vinculação institucional (estado civil)

Segundo o levantamento, em três metrópoles do sudeste do Brasil (Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo), na década de 70, o aumento das taxas de atividade da população feminina estaria em relação direta com a redução do número de filhos. Quando considerado o rendimento familiar per capita: quanto maior o salário, menor a taxa de fecundidade.

O conjunto de processos expressivos da modernização da sociedade brasileira nos anos 70 – observado com base na incorporação da mulher no mercado de trabalho rural ou urbano-metropolitano – teria se inscrito em anteriores desigualdades sociais; produzindo diferentes ritmos no amoldamento de relações familiares às imposições decorrentes da reorganização do território e da economia. Desta maneira, os efeitos sociais da modernização admitiriam o seu levantamento e interpretação não apenas através do nível de generalização alcançado pelos novos comportamentos; mas, ainda, pelas diferentes velocidades com que tais comportamentos teriam se expandido em diversos contextos – historicamente constituídos – de organização e institucionalização de relações sociais. Ribeiro & Ribeiro (1984, p. 238).

Essa entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho teria então relação com os processos que alteraram as condições do trabalho, as necessidades e o aumento da acessibilidade aos recursos sociais e culturais, de um modo geral, decorrente da modernização.

A crise econômica da década de 80 abalou esse cenário, porém não fez com que a taxa de atividade entre as mulheres diminuísse. Com a queda do poder aquisitivo das camadas médias, o trabalho da mulher era necessário para tentar manter o nível sócio-econômico da família, situação que também propiciou um movimento de maior igualdade entre os cônjuges. No entanto, ainda era notável a diferença do número de mulheres que trabalhavam após o casamento em relação àquelas que não eram casadas . De acordo com Ribeiro & Ribeiro (1984), na década de 70, as taxas de atividade feminina eram maiores entre as "solteiras" ou "desquitadas" do que entre as "casadas". A manutenção destes dados na década seguinte indicaria, portanto, o casamento ainda como um obstáculo ao trabalho feminino. Podemos supor então, que além das questões econômicas, a "mulher assalariada" ainda entraria em conflito com padrões subjetivos de desempenho social.

Outro aspecto de influência nas estatísticas sobre o trabalho feminino estaria relacionado à maternidade: mulheres sem filhos teriam maior participação na PEA (População Economicamente Ativa) em relação às mulheres com filhos e, entre estas últimas, haveria um aumento na taxa de atividade com o aumento da idade dos filhos. Essas discrepâncias foram amenizadas na década de 80, porém mantiveram correlação na década seguinte e ainda permanecem nos dias atuais. (Norgren, 2002, Souza, 1994 Meirelles, 2001, Gomes, 2001, Diniz, 1996 et al).

Com isso, percebemos o quanto a renovação da instituição familiar é ainda insuficiente para dar conta da renovação da percepção social da mulher. (Ribeiro & Ribeiro, 1984).

"O movimento da alteração de valores na formação social brasileira ocorre produzindo a ampla aceitação atual da presença feminina no mercado de trabalho, somada à sua desconexão de novas articulações do ponto de vista institucional no âmbito da família." (Ribeiro & Ribeiro, 1984, p. 320)

As autoras sugerem que existe uma aparente idealização, onde os papéis familiares seriam homogeneizados, com o homem assumindo parte das tarefas domésticas junto com a mulher, que também trabalha fora. Porém, configurou-se "um quadro social marcado profundamente pela sobrecarga feminina, e consequente indefinição dos papéis sociais." (p. 329).

Além disso, como lembra Silva e Anastacio (2008), somam-se aspectos da realidade social, pois a mulher, na maioria das vezes, não tem apoio social que lhe permita continuar trabalhando, e ainda o agravante de não ter segurança de que seu filho estará bem cuidado em sua ausência.

Portanto, além das condições econômicas, o trabalho feminino também está associado às demandas familiares. No Brasil as políticas públicas voltadas à maternidade ainda são muito deficientes e, quando faltam opções de cuidados auxiliares para os filhos, quem abdica do emprego é, na grande maioria dos casos, a mãe, indicando resquícios de um modelo patriarcal de família, onde cabia integralmente à mulher a responsabilidade pelo bem-estar de sua prole.

Estas considerações fazem crer que o processo de decisão quanto a abdicar do trabalho é pseudo-democrático, pois a pressão recai sobre a mulher, subjetivamente e socialmente. Esse processo pode ser gerador de grande frustração, recaindo inclusive no modo de ser mãe, envolvendo o sistema familiar maior.

"... entre as expectativas de desempenho e a resposta acionada pela pessoa incumbida do papel, intervém a forma pela qual esta última internaliza, avalia, seleciona e interpreta as pressões que sobre ela recaem." (Salem,1980, p.27)

A autora afirma que recaíram sobre as mulheres *expectativas normativas ambivalentes*, na medida em que estas foram motivadas a trabalhar, ao mesmo tempo em que sofreram preconceito por isso.

Gomes e Levy (2009) pontuam a complexidade das relações presentes no interior da família contemporânea: do mesmo modo que permite possibilidades inovadoras, instala também o caos, devido à desorientação frente às novas exigências sócio-culturais.

"É possível perceber um descompasso entre a diversidade de ideais, a rapidez das mudanças sociais e a capacidade do sujeito em processá-las." (Gomes & Levy, 2009, p. 220).

Dentro deste "descompasso", Maldonado (1989) acrescenta que o aumento das possibilidades de realização pessoal, tem duas facetas: ao mesmo tempo em que representa a liberdade de escolha, e daí uma conquista feminina, por outro lado, implica em sentimentos de cobrança e sobrecarga, diante de antigos padrões ainda presentes no imaginário social e individual.

Capítulo III

A mãe e o desenvolvimento infantil nas teorias psicanalíticas

Olhando para o percurso histórico abordado no capítulo 1, percebemos o quanto assuntos relacionados à família vêm sendo explorados, desde o início do século XX, em diferentes campos teóricos. Toda teoria reflete as influências culturais de sua época e, como vimos, a sociedade ocidental passou por intensas transformações, as quais exigem que o campo científico também se atualize.

Sabemos que existem ramificações teóricas significativas em psicologia, cada qual revelando aspectos contextuais claramente influentes.

Já no início da elaboração de sua teoria psicanalítica, como lembra Mandelbaum (2008), Freud já se debruçava sobre as intrincadas relações familiares na análise do caso do menino Hans (*Análise de uma fobia em um menino de cinco anos: o pequeno Hans* – Freud, 1909), tendo como eixo principal de compreensão o Complexo de Édipo.

Mandelbaum (2008), a partir das formulações de Adorno & Horkheimer (1973), compreende que, embora o conceito teórico proposto por Freud tivesse um caráter universal (e daí, provavelmente a escolha feita por temas da mitologia grega para ilustrar sua teoria), a família enquanto instituição reflete suas circunstâncias externas.

O principal argumento destas colocações refere-se à necessidade de integrar a compreensão dos processos sociais com as mudanças oriundas da dinâmica familiar, na formação do indivíduo.

Como lembra a autora, o Complexo de Édipo, por exemplo, ilustra a típica família burguesa do início do século XX, detentora da propriedade e herança familiar. O pai era a figura idealizada e respeitada pelos filhos: provedor, austero, respeitado, condições que paulatinamente foram sendo re-significadas, diante das crises que se seguiram no decorrer do século.

O lugar de destaque da criança na família é outro fator de considerável teor na composição dessas linhas teóricas. A criança passou a ser o centro da família no final do século XIX, até atingir o status de "Sua majestade, o bebê", conforme Freud bem definiu.

A mudança do lugar ocupado pela criança transforma radicalmente as relações dentro da família e, principalmente, os papéis e funções parentais.

A teoria se desenvolve ao longo do século XX e discípulos de Freud aprimoram algumas idéias trazidas por ele. Entre eles, Melanie Klein, da Escola Inglesa de Psicanálise, apresenta suas idéias referentes à relação objetal, entre a mãe e seu bebê. Posteriormente, suas formulações serviram de base para a elaboração da Psicanálise de Família. Psicanalistas partiram do princípio de que a primeira relação objetal entre mãe-bebê estaria na gênese de todas as relações futuras na vida individual (Gomes & Levy, 2009).

Referindo-se ao que chamou de "Sua majestade, o bebê", um estado de onipotência infantil, contraponto de seu intenso desamparo de origem, Freud (1911) introduz uma nota de rodapé na qual coloca que "uma ficção como esta só é possível se se considera a existência de uma mãe". Está marcada desde aí a importância da figura materna para ancorar o desenvolvimento infantil, impedindo que seu bebê, ainda precariamente constituído, se veja precocemente imerso no desespero de seu desamparo e dependência. Nos primórdios da teoria de Freud, porém, a luz girava em torno do Complexo de Édipo e ele estava mais interessado em compreender, a partir da infância, a sexualidade adulta. A ênfase sobre o primeiro relacionamento com a mãe veio com força maior posteriormente, com os discípulos de sua teoria (Phillips, 2006).

É interessante considerar, a partir do ponto de vista de Ferraz (2008), o quanto a teoria freudiana postulou sobre o feminino, a partir do referencial da falta, da própria castração, com que Freud manejava sua análise sobre as mulheres. Ou seja, enquanto ser faltante, a mulher apenas poderia compensar sua "falta estrutural" de origem a partir da maternidade, enquanto único destino possível de realização. O filho, portanto, ocuparia o lugar de substituto simbólico do pênis – único modo de a mulher ser *alguém* na sociedade.

Após Freud, psicanalistas como Winnicott, Bion, Klein e Lacan, deram sequência às formulações freudianas, trazendo contribuições próprias, mantendo os moldes propostos pelo "pai da psicanálise". A teoria se desenvolveu e a principal contribuição foi o reconhecimento consensual acerca dos cuidados que uma criança precisa para se desenvolver, em todos os

aspectos. Embora nos dias de hoje, isso pareça ser tão evidente, outrora o reconhecimento da vida emocional de um bebê ou de uma criança era praticamente inexistente, já que o foco estava apenas em manter aquele ser vivo e alimentado, até que pudesse ser considerado um indivíduo, o que, de acordo com Ariès (1978) começava a acontecer por volta dos sete anos de idade.

Portanto, esses discípulos de Freud, cada um à sua maneira, destacaram a importância da presença de um adulto capaz de cumprir com o que atualmente chamamos de função materna. A falha nesta função materna é apontada por diversos autores como responsável por dificuldades marcantes no desenvolvimento emocional.

Melanie Klein, uma das grandes pioneiras na análise de crianças, traz à luz a importância das primeiras relações na vida do recém-nascido, voltando a atenção para o lugar da relação do bebê com sua mãe ou, mais especificamente, do bebê com o seio da mãe. De acordo com Souza (2007) a descrição de Klein acerca da posição esquizoparanóide e da posição depressiva, enquanto dinâmicas de organização das ansiedades e defesas do ego, configura uma de suas mais importantes contribuições à psicanálise. Estas duas instâncias psíquicas são inauguradas na primeira relação objetal da criança com o mundo externo, apresentada pela figura materna.

Seu vértice de observação, como lembra a autora, centra-se na experiência emocional, sobretudo nos elementos subjetivos que "dão o colorido dessas experiências" (p. 275).

A descrição da formação do aparelho psíquico proposta por Melanie Klein é feita, predominantemente, a partir da descrição dos movimentos do mundo interno na tarefa de lidar com os conflitos gerados pela ambivalência e frustração, mediados pelo seio materno.

Na teoria Kleiniana, a relação da criança com o corpo da mãe configura o eixo do processo de formação simbólica e promove as condições psíquicas para o relacionamento inicial com o mundo externo (Segal, 1975).

Podemos afirmar que as contribuições de Klein alavancaram o salto que a teoria psicanalítica deu em direção ao reconhecimento da vida emocional na primeira infância, influenciando fortemente as formulações futuras dentro da teoria psicanalítica.

De acordo com Phillips (2006), suas considerações influenciaram fortemente as formulações de Winnicott, que por sua vez, complementa e critica continuamente o trabalho

de Klein. O ponto de intersecção perpassa pelo olhar sobre a importância dos estágios precoces do desenvolvimento, a partir do que cada um constrói seus pontos de vista, sempre privilegiando o lugar ocupado pela mãe nas primeiras relações.

Não podemos deixar de citar, contudo, a grande influência do naturalista Darwin na obra de Winnicott, fator que provavelmente tem relação com seu legado acerca da mãe enquanto figura primordial nos cuidados iniciais do bebê. De acordo com Phillips (2006), o naturalista britânico observou que a sobrevivência das espécies dependia de sua capacidade de adaptação ao meio. Winnicott, pela mesma linha, propõe que na espécie humana, é a mãe quem "se adapta ativamente às necessidades de seu bebê." (Phillips, 2006, p. 25). Para esse autor, Winnicott debruça-se sobre os processos "naturais" de desenvolvimento, e nessa concepção, a mãe é aquela que emocional e fisiologicamente está apta a adaptar-se e estimular o recém-nascido.

Embora esses teóricos pontuem que é possível os cuidados maternos serem satisfatoriamente supridos por cuidadores substitutos, apontam argumentos pautados na concepção de amor materno, enquanto biologicamente justificado.

Este trecho de Winnicott (1990), por exemplo, reafirma essa concepção:

Seu amor por seu próprio bebê provavelmente é mais verdadeiro, menos sentimental do que o de qualquer substituto; uma adaptação extrema às necessidades do bebê pode ser feita pela *mãe real* sem ressentimento. (p. 132)

As formulações do psicanalista inglês refletiam o modo como a sociedade ocidental estava organizada, naquele momento, isto é, de acordo com os padrões da família nuclear tradicional. Ora, se o pai não estaria em casa para estar atento aos apelos de sua cria, a mãe seria aquela que ficaria reclusa do mundo até que seu bebê começasse a desenvolver algum tipo de autonomia. Os papéis e funções, na teoria e mesmo na vida prática, naquele momento estavam plenamente definidos, organizados e hierarquizados.

Explorando um pouco mais a teoria do psicanalista, temos que o recém nascido vive um estado de dependência absoluta e necessita, nessa fase, de um ambiente capaz de uma identificação tão intima a ponto de ser capaz de responder adequadamente às suas necessidades. Este ambiente seria representado inicialmente pela mãe, pois estaria ela vivenciando o estado emocional que denominou "preocupação materna primária", um estado

peculiar que a capacitaria para ser sensível às demandas do seu recém-nascido. De acordo com o psicanalista, essa identificação só é possível por ter ela mesma (a mãe) sido um bebê e ter recebido esses cuidados. Diante do desamparo total exposto pelo recém-nascido, a mãe vivencia seu próprio desamparo e fica também vulnerável, diante da responsabilidade de suprir integralmente as necessidades daquele novo ser. Esta concepção leva Winnicott (2000) a colocar o pai na posição de protetor da mãe, ou seja, a função do pai, nesse momento, é de transmitir confiança e proteção à sua mulher, para que ela possa desempenhar sua função de mãe plenamente. Outro fator que contribui para essa fragilização é a própria preocupação materna primária, diante da regressão a estados primitivos, que a mãe vivencia nessa fase.

De acordo com Phillips (2006), o manejar dessas teorias teve relação direta com o clima da Europa pós-guerra, fato que para este autor culminou na grande valorização da figura materna como nunca antes:

Com a chegada de Melanie Klein à Inglaterra, em 1926, com a obra de John Bowlby e o próprio Winnicott e as crianças despejadas durante a guerra, e com os insights derivados da versão de Anna Freud sobre a análise de criança, um novo quadro emergiu na psicanálise, tratando da relevância dos relacionamentos precoces para o desenvolvimento individual. No mesmo momento em que as mulheres estavam sendo novamente encorajadas a ficar em casa após seu papel decisivo durante a guerra, teorias convincentes e coercitivas sobre a importância da maternagem contínua para crianças e sobre os perigos potenciais da separação começaram a ser publicadas, e essas teorias poderiam facilmente ser usadas para persuadi-las a assim o fazerem. Na psicanálise britânica pós-guerra não houve um retorno a Freud, como houvera na França com a obra de Lacan, mas um retorno à Mãe. (Phillips, 2006, p.32)

Ferraz (2008) lembra que, em meados da década de 60, Lacan amplia os conceitos psicanalíticos referentes às figuras de "pai" e "mãe" e introduz o termo "função paterna" e "função materna", trabalhando estes conceitos enquanto símbolos. Isso inaugura uma nova forma de compreender os determinantes psíquicos na primeira infância, na medida em que estende o termo para além do pai e mãe biológicos e não se limita a uma questão de gênero. Para o autor, os escritos de Lacan promovem outro olhar sobre o Complexo de Édipo, antes restrito à família burguesa e ocidental, e ganha um caráter mais universal "por não mais se

referir a figuras demarcadas de pai e mãe, mas por dizer respeito a elementos estruturais de toda e qualquer cultura, tais como "lei" e "linguagem". (Ferraz, 2008, p. 62)

Por fim, conclui o autor, na sociedade contemporânea a mulher ampliou suas possibilidades de existência:

"... a maternidade não é necessária como prótese que lhe confira existência plena como sujeito, e nem precisa ser encarada como saída "natural" ou "biológica" para uma mulher configurar-se como tal." (Ferraz, 2008, p. 69).

Vemos hoje a mulher encontrando realização em atividades profissionais, esportes, política, artes, etc. Assim, apesar do desejo ainda presente de ter um filho, este não é mais sua única fonte de prazer.

Concordamos com o autor, quando este sugere uma reflexão acerca dos conceitos e da linguagem psicanalítica, tomando o cuidado em não se perder diante das imposições provenientes do ritmo acelerado das mudanças culturais.

O padrão que se adota para a investigação da formação da subjetividade, da sexualidade e da psicopatologia deve ser amplo o suficiente para aplicar-se não apenas às crianças nascidas nas famílias convencionais, mas também à criança institucionalizada (como há muito já se vem fazendo), sem família, criada apenas pela mãe ou pelo pai, adotada por um casal homossexual, e tudo o que podemos imaginar e, mais ainda, o que ainda não podemos sequer imaginar...(Ferraz, 2008, p. 69).

A colocação do autor parece muito pertinente e atual, diante de tantas possibilidades de família com que nos deparamos em nosso cotidiano. Uma reflexão dessa natureza deve ser feita para que não corramos o risco de reduzir a complexidade humana aos moldes de uma teoria localizada em um tempo e um espaço muito distinto do nosso cenário atual sem, contudo "jogar o bebê fora junto com a água do banho".

Pesquisas como a de Souza (1994) mostram que o pai, cada vez mais, tem sido capaz de exercer não só o seu papel de ancorar a mãe, como Winnicott defendia, mas também de cumprir com parte dessa função materna. Resta tentar compreender o quanto essas antigas ideias ainda fazem parte do imaginário popular, frente a uma realidade que exige novos encargos de homens e mulheres.

Alguns estudiosos da psicologia do desenvolvimento vêm questionando em que medida essa função precisa ser cumprida pela mãe, *strictu sensu* (Rossetti-Ferreira, Amorim, Oliveira, 2009), na medida em que tal interpretação dessas teorias acaba por sobrecarregar, ainda mais, a figura materna, que passa a ser concebida como a única responsável pela saúde psíquica de seu bebê.

O cuidado da criança feito exclusivamente pela mãe constitui fenômeno recente na humanidade, conforme já comentamos anteriormente (Ariés, 1978; Shorter, 1975, Badinter, 1981).

Lamb (2005 apud Rossetti-Ferreira, Amorim, Oliveira, 2009) após ampla revisão bibliográfica sobre pesquisas em desenvolvimento humano, afirma que os indivíduos se desenvolvem em grupos mais complexos e diversificados do que puramente na sua relação com a mãe. Além disso, as novas formas de estruturação e re-estruturação familiar implicam em novas figuras significativas na vida de uma criança, tais como padrastos, madrastas e irmãos de outras uniões dos pais. Outra questão levantada pelo autor diz respeito à crescente participação da mulher no mercado de trabalho, exigindo que essas crianças recebam um cuidado compartilhado desde os anos iniciais.

De acordo com Rossetti-Ferreira, Amorim & Oliveira (2009):

Todo discurso científico sempre fala de algum lugar, para alguém, dentro de uma determinada época e contexto, a partir de certas perguntas, tendo como base determinadas abordagens teórico-metodológicas. Esses discursos orientam certas formas de recorte do fluxo dos fenômenos (e não outras), certas ações e intervenções (e não outras), e consequentemente certos percursos desenvolvimentais (e não outros). Assim, cabe ao pesquisador a tarefa de traçar essas múltiplas vozes, identificando respostas às perguntas colocadas, para posicionar-se criticamente em relação a elas. (p.16).

A teoria psicanalítica requer sempre a reflexão do contexto em que se aplica (como qualquer campo do conhecimento que investigue o humano), pois de outro modo corre-se o risco de recortar o sujeito para que ele caiba na teoria, impondo aspectos normativos, que reduzem a psicanálise de seu potencial transformador. Tanis (2001) defende que este olhar é fundamental "para abordar psicanaliticamente certos aspectos da contemporaneidade" (p.40), e ainda lançar mão de outras áreas como a antropologia, a sociologia e a história, as

quais dialogam entre si em prol da construção de um conhecimento integrado sobre a realidade que nos cerca.

Capítulo IV

FAMÍLIA E CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA

No interior da família, a criança pode avançar passo a passo, do relacionamento entre três pessoas para outros mais e mais complexos. É o triângulo simples que apresenta as dificuldades e também toda a riqueza da experiência humana. (Winnicott, 1990, p. 57)

As influências da família na constituição subjetiva do indivíduo, bem como sobre os modos como este irá vivenciar suas interações sociais mais complexas no futuro, já foram amplamente investigadas e reconhecidas de modo inconteste entre os autores da área (Pincus & Dare, 1981, Gomes, 1998, Macedo, 1994, et al).

Macedo (1994), por exemplo, afirma que a família constitui a célula psicossocial de todo indivíduo e pode ser considerada como "protótipo das relações a serem estabelecidas com o mundo" (p. 63).

De acordo com a autora, para a psicologia a família tem uma importância capital, pois constitui o primeiro ambiente em que a personalidade nascente de um indivíduo se desenvolve. Desse modo, é o berço da identidade pessoal e também social, dialogando aí com a citação de Winnicott (1990), na apresentação deste capítulo.

Nesse artigo, a autora promove uma discussão interessante a respeito da compreensão de família, no senso comum e no campo científico. Macedo (1994) afirma que, em nosso cotidiano, quando nos referimos à "família", as pessoas normalmente a entendem enquanto uma célula composta por pai, mãe e filhos, com algumas responsabilidades próprias (como procriar e cuidar da prole). Atenta ainda, para o conjunto de qualidades *ideais* que permeiam o imaginário, enquanto um lugar seguro para voltar depois "das batalhas do cotidiano" (p.63).

A este respeito, Gomes (1998) faz uma relação com o surgimento do capitalismo, pois, o mundo "lá fora" passa a ser mais assustador, diante da instabilidade trazida por esse sistema, e a família ganha, de fato, um status de refúgio diante dessas ameaças do mundo público. Esse processo está em relação direta com a "mitificação" da instituição familiar durante séculos,

como afirma Macedo (1994). E, apesar da experiência vivida contradizer essa imagem idealizada, ela se mantém enquanto expectativa de um modelo de "lugar seguro para crescer".

Nas palavras da autora:

"... na sociedade em geral, a família é vista como uma entidade que situa e legitima o indivíduo em seu espaço social, tendo essa função maior importância quanto mais uma sociedade é orientada para a família, como a brasileira." (Macedo, 1994, p. 63).

Tanto Gomes (1998), como Macedo (1994), discorrem sobre o quanto a perda de referenciais do passado, quando os papéis eram bem definidos, geraram uma série de inseguranças diante de novas possibilidades de atuação e existência, rompendo com certezas bem estabelecidas. Porém, muitos resquícios do modelo tradicional perduram até hoje, embora envoltos por um discurso generalizado que preza a igualdade de papéis e uma melhor divisão das tarefas domésticas. Gomes (1998), por exemplo, destaca a ainda presente identificação do homem com a função de provedor e da mulher com as responsabilidades domésticas, ainda que trabalhe fora.

Além dessas questões, o processo de modernização atingiu fortemente os modos de estruturação familiar e como esta se constitui. A entrada das mulheres no mercado de trabalho e a crescente busca por realização profissional fez com que a maternidade fosse deixada para mais tarde. A preocupação com a estabilidade financeira também trouxe mudanças, como a diminuição do número de filhos. Gomes (1998) lembra que, basicamente, essas alterações atingiram as famílias de elite, pois as de baixa renda sempre passaram por dificuldades econômicas, não sendo essa condição considerada tão assustadora, por já ser conhecida.

Este estudo está voltado para a família nuclear de classe média e nos ateremos sobre os processos que atingem especificamente esse modelo familiar. Desse modo, discorreremos sobre aspectos da família a partir de categorias nela inscritas, como a conjugalidade e a parentalidade, a fim de elucidar os processos psíquicos aí envolvidos, tanto em um nível individual, quanto interpessoal.

A constituição da conjugalidade

Como vimos no capítulo I, as transformações pelas quais a família ocidental passou está em relação direta com influências advindas da religião, da vida social, econômica e cultural de cada época. Do mesmo modo, o casamento enquanto instância fundamental da família também responde a essas influências de acordo com os imperativos vigentes.

Neste momento abordaremos alguns aspectos da constituição da conjugalidade a partir de postulações teóricas dos psicanalistas Gomes (1998), Pincus & Dare (1981), bem como algumas contribuições do sociólogo Giddens (2003).

Gomes (1998) realizou importante estudo referente à dinâmica do casal e sua relação com os sintomas dos filhos. Nessa obra, a autora destaca o papel central do Complexo de Édipo enquanto mecanismo norteador da constituição familiar. Gomes (1998) sugere ainda que, para compreender a natureza de uma relação conjugal, é preciso entender também a família de origem de cada parceiro, pois é nesse núcleo que cada indivíduo irá formar as figuras introjetadas de mãe, pai, mulher, homem, os quais irão influenciar diretamente os relacionamentos na vida adulta.

Assim, a autora propõe uma análise pautada no desenvolvimento da teoria freudiana do Complexo de Édipo enquanto eixo central à formação e à identificação do papel sexual individual, bem como os determinantes daí advindos para a escolha do parceiro com a qual irá constituir uma relação conjugal e, possivelmente, familiar.

Gomes (1998) afirma que o Complexo de Édipo está em estreita relação com a escolha amorosa futura, bem como com a forma em que cada um percebe o sexo oposto. Pincus & Dare (1981) assinalam ainda a importância dos mecanismos de projeção, enquanto válvula de escape de ansiedades, pois "a pessoa amada poderá tornar possível manter contacto com alguns aspectos do self, que podem ser aceitos no parceiro, mas não podem ser expressados diretamente pelo sujeito" (p.37)

Esses autores realizam ampla análise sobre o "contrato secreto do casamento". Nesse estudo, os autores elaboram quatro princípios gerais que regem a escolha amorosa, bem como a dinâmica conjugal, os quais definiremos a seguir.

Em primeiro lugar, sustentam que as motivações para o casamento, sua continuidade (ou ruptura), bem como as particularidades dessa relação, são geralmente inconscientes. Isso implica em lançar mão de recursos protetores, como por exemplo, processos de projeção, que segundo eles, fazem parte de qualquer tipo de relacionamento. Com isso, Pincus & Dare (1981) sugerem que existe um acordo implícito no contrato matrimonial, onde a projeção também é aceita em parte pelo outro, em um plano também inconsciente. Contudo, ponderam que essa dinâmica não se configura apenas enquanto uma tentativa de afastar sentimentos indesejados do self, mas também um recurso para diminuir a ansiedade produzida por esses elementos.

O segundo princípio é o de complementaridade, ou seja, os medos, anseios e necessidades divididos na vida a dois, a partir de processos tais como projeção e identificação. Este princípio reforça o primeiro, no que diz respeito à natureza inconsciente desse contrato.

Pincus & Dare (1981) ilustram esse mecanismo como um acordo tácito:

Eu tentarei ser algumas das coisas mais importantes que você quer de mim, ainda que algumas delas sejam impossíveis, contraditórias e loucas, desde que você seja para mim algumas das coisas impossíveis, contraditórias e loucas que eu quero que você seja. Não precisamos contar um ao outro o que estas coisas são, mas ficaremos zangados, aborrecidos ou deprimidos se não formos fiéis a isso.(p. 40).

Por se tratar de um mecanismo inconsciente, os autores sugerem um retorno aos relacionamentos da infância, e traçam então o terceiro princípio, pautado na persistência de desejos, em forma de fantasia, e derivados da forma com que as primeiras necessidades foram satisfeitas, constituindo um padrão repetitivo de satisfação. "Muitas vezes, no casamento, o aspecto repetitivo da sequência da escolha é impressionantemente literal" (Pincus & Dare, 1981, p. 41).

O aspecto repetitivo tem relação com o quarto e último princípio apresentado pelos autores, baseado na teoria edipiana, pensando a sensação de exclusão da criança frente ao casal parental. Ainda segundo os autores:

"O modo como este apanhado de experiências evolui e é padronizado, afetará de maneira crucial as fantasias subseqüentes evocadas por anseios sexuais. Anseios, necessidades e experiências de outras fases da vida darão forma e colorido aos conflitos do complexo de Édipo." (p. 41)

Estes fundamentos trazidos por Pincus & Dare (1981) evidenciam o círculo que se repete de geração em geração, promovendo, como afirma Gomes (1998), "uma reprodução histórica individual e social" (p.39).

Desse modo, os autores defendem o quanto o Complexo de Édipo é um conceito central para compreender o desenvolvimento da família, tanto em um nível individual, como histórico-social.

De acordo com essa premissa, nos questionamos sobre a formação de um "paradoxo" moderno, visto que a repetição de padrões mediante aspectos inconscientes, herdados da resolução do Complexo de Édipo, entra em colapso se tomarmos a realidade transformada dos papéis sexuais nas últimas décadas. Em outras palavras, as identificações construídas, sobre o pai e a mãe, se defrontam com uma intensa mudança de valores e padrões. Ao mesmo tempo em que existe um discurso que preza um relacionamento pautado na igualdade, a realidade vivida pende para um modelo tradicional de organização familiar (Gomes, 1998).

Além das relações entre as escolhas futuras da vida adulta com a resolução do Complexo de Édipo, Gomes (1998) destaca também a interferência dos moldes culturais na percepção que cada um tem do outro, na relação. No trecho abaixo, podemos observar o quanto a figura do feminino é subjugada, inserida em uma visão de mundo do início do século XX:

Como remanescente de todo esse mecanismo inconsciente, o homem acaba desenvolvendo um certo desprezo na atitude para com as mulheres, as quais encara como castradas. E a mulher, a partir da aceitação da castração e de sua feminilidade, procura o homem para o convívio sexual, que passa a representar a obtenção do pênis, o que é completado pela gestação de filhos, já que esta é também uma possibilidade de fabricar pênis. (p. 50)

Ou seja, esta percepção está afinada à visão histórica do feminino e do casamento, onde a mulher era considerada inferior e incompleta (em relação ao homem) e por isso, dependeria deste para "passar a existir e ter um papel social" (Gomes, 1998, p. 50).

Essa reflexão nos abre outra: Até que ponto a perda relativa de um referencial que mantinha tão bem definido os papéis sexuais, altera a natureza de nossas relações, as expectativas diante da união conjugal e da vida familiar? O que se mantém e o que se dissipa daquilo que nos foi apresentado no início da teoria freudiana?

Giddens (2003) retrata o quanto a mudança nos costumes interferiu nas identidades, sobretudo a masculina. Ele afirma:

Há pouca dúvida de que novos antagonismos emocionais estejam se revelando entre os sexos. As raízes da raiva, tanto masculinas quanto femininas, ferem mais profundamente do que sugere qualquer um dos relatos precedentes. O falo é apenas o pênis: que descoberta estarrecedora e desconcertante para ambos os sexos! As reivindicações de poder da masculinidade dependem de um pedaço de carne pendente que agora perdeu a sua relação peculiar com a reprodução. Esta é na verdade uma nova castração; agora as mulheres podem encarar os homens, pelo menos em um nível cognitivo, como um apêndice tão inútil quanto o próprio órgão sexual masculino. (p.169).

A afirmação impactante de Giddens (2003) ilustra essa transição intensa que se projeta sobre o "ser" masculino na contemporaneidade, atingindo, por conseguinte, os laços heterossexuais. O autor aponta para o movimento de democratização que está ocorrendo na vida privada, devido, principalmente, ao lugar conquistado pela mulher na esfera pública e à sua autonomia diante da decisão pelo divórcio, entre outros "ganhos" aos quais já nos referimos anteriormente. São mudanças estruturais de grande significado para a mulher em sua relação conjugal e na vida familiar como um todo, envolvendo todos que nela estão inseridos. Tentamos neste tópico abordar algumas questões sobre a vida conjugal na contemporaneidade, sem a pretensão de esgotá-las, mas sim para poder transitar entre os postulados teóricos e sua relação com as transformações da vida cotidiana.

A partir dessas considerações, passamos para a apresentação de outro momento na vida do casal: a chegada dos filhos.

O processo de transição em direção à parentalidade

Neste momento pretendemos explorar o termo "recente" da parentalidade, abarcando sua compreensão dentro da psicologia e, posteriormente, sua relação com aspectos relativos ao cenário atual.

Podemos afirmar que o conceito de parentalidade marca o início de um olhar mais cuidadoso sobre aspectos psicológicos envolvidos no processo de se tornar pai e mãe, até então reservados a um segundo plano, sempre mantendo a luz sobre as necessidades infantis.

O termo apareceu pela primeira vez em 1961, a partir de artigo publicado pelo psicanalista Paul-Claude Racamier. Seus estudos sugerem primeiramente o conceito de maternalidade, para definir o conjunto de processos psicológicos que se desenvolvem na mulher durante a maternidade, aos quais, posteriormente, acrescentou os termos paternalidade e parentalidade, baseado nos trabalhos de G.L. Bibring e Th. Benedeck, também psicanalistas, que investigaram os aspectos dinâmicos e processuais envolvidos na experiência de se tornar pais. Até então não havia um termo específico que caracterizasse a condição psíquica ligada a esta experiência. (Silva, 2004)

G.L. Bibring e Th. Benedeck a definem enquanto "uma fase da existência na qual o sujeito é confrontado com transformações identificatórias profundas, que são ditadas pela revivescência de conflitos antigos profundos, por ocasião de uma nova fase evolutiva da personalidade". (citado por Silva, 2004, p.9).

Conforme a autora, essa compreensão passou a ganhar importância junto aos estudos relativos às psicoses puerperais, tema do artigo de Recamier. O neologismo permaneceu em desuso por quase 20 anos, reaparecendo em meados da década de 80 com René- Clément. Entre os principais autores destacam-se: Berthoud (2000), Lebovici (2006), Solis-Ponton (2004) e Silva (2004).

Solis-Ponton (2004) defende que a parentalidade se consolida no momento em que o bebê real se confronta com o bebê imaginário, exigindo que o casal se adapte às suas

necessidades. Este movimento irá permitir que a criança se construa enquanto sujeito e encontre seu lugar na família.

Para Missonier (2006), esse processo se inicia já durante a gravidez ou mesmo no projeto de ter um filho. A criança imaginada pelos pais será portadora de toda uma herança, com a qual irá se relacionar de modo inconsciente, como por exemplo, as expectativas em relação ao sexo do bebê, a escolha do nome, entre outros aspectos ligados à história familiar da mãe e do pai.

De todo modo, é consensual que a parentalidade ultrapassa o sentido biológico e, segundo Lebovici (2006), esse momento conduz o indivíduo a uma reflexão sobre sua ascendência, que irá influenciar de alguma maneira o modo de parentar.

Nas palavras de Silva (2009):

"O conceito de parentalidade, portanto, contém a idéia da função parental e a idéia de parentesco, e a história da origem do bebê e das gerações que precedem seu nascimento." (p.7).

Além desse processo subjetivo, não podemos deixar de citar o impacto na relação do casal de pais do modelo de família nuclear. Há uma mudança extrema na rotina individual e conjugal e o cotidiano é completamente transformado. Os pais vivenciam uma dinâmica totalmente desconhecida.

Maldonado (1989) refere, por exemplo, as mudanças de horários, os programas e atividades do casal, a alteração da freqüência de contato com os familiares, a inclusão de outros profissionais domésticos (quando a família tem essa condição), a porta do quarto que passa a ficar aberta... Essas são algumas das condições que a autora cita ocorrer nessa fase da vida e que irão atingir cada casal de uma maneira diferente, mas o fato é que envolve grandes e pequenas mudanças, as quais transformam por completo a dinâmica anterior do casal.

Mas não só do casal, envolve o grupo familiar como um todo, como lembra Silva (2009): com o nascimento de um bebê, nasce com ele um pai, uma mãe, irmãos, avós, primos,

tios etc., exigindo uma adaptação de todos os membros daquela família. Além disso, a parentalidade também envolve alterações nos projetos de vida, individual e familiar.

Badinter (2011) fala ainda do período de aleitamento, quando o seio da mãe pertence ao bebê, e às vezes, até a cama, no caso dos defensores do "cododotage" (dormir na cama com o bebê). A autora coloca que psicopediatras e psicanalistas estão divididos quanto aos benefícios ou não do côdodo, mas destaca o quão difícil é para o casal de namorados passar para a função de pais, visto que muitas questões aí se aplicam. Por exemplo, a intimidade e a sexualidade do casal, "nem sempre é fácil distinguir o seio nutridor do objeto sexual" (p. 130). São questões de um aquecido debate, não havendo, ainda, um consenso sobre o assunto. No entanto, as explicitações da autora evidenciam o quanto a atenção se voltou tão somente à criança, deixando de lado a vitalidade da relação conjugal.

Para Silva (2009) a chegada de uma criança reestrutura a vida do casal e estabelece resignificações das relações familiares. Badinter (2011) chega a afirmar "é a decisão mais perturbadora que um ser humano é levado a tomar na vida" (p. 18), pois se trata de um compromisso de longo prazo e envolve dar prioridade a ele. De acordo com a autora, a partir do momento em que ter um filho passou a ser uma escolha, maior foi a responsabilidade dos deveres envolvidos e maior a cobrança também. No entanto, ela afirma que são raras as mulheres que de fato ponderam entre os sacrifícios e os benefícios envolvidos na chegada do filho, estando a fantasia, geralmente, voltada só para o amor e a felicidade. Uma idealização que pode ser perigosa diante de sentimentos ruins que também acompanham a mudança provocada pela parentalidade.

De acordo com Missonier (2006), o contexto atual produz maiores expectativas sobre a parentalidade. Para o autor, a partir do momento em que a mulher pôde ter maior autonomia sobre seu corpo - mediante os métodos anticoncepcionais, somados às mudanças sócio-econômicas e culturais - torna-se comum a escolha do melhor momento para ter filho. Frequentemente é uma gravidez considerada tardia (acima dos 30 anos de idade) e com menos filhos do que a geração precedente. Todos esses fatores fizeram com que as expectativas e idealizações sobre a gravidez e a criança se tornassem ainda maiores do que no passado.

Considerando os fatores da modernidade implicados na parentalidade, voltamos nosso olhar para o processo de parentalização das famílias cujas mulheres saíram do lugar exclusivo

que lhes foi destinado e passam a desempenhar outros papéis – rompendo, assim, com alguns modelos identificatórios trazidos ao longo da história geracional dos pais.

Notamos que, de fato, a mulher lutou e reivindicou outras formas possíveis de realização pessoal, conquistando um novo espaço no âmbito social. Porém, como já citamos anteriormente, esse espaço não foi proporcionalmente preenchido pelo homem (Gomes, 1998, Norgren, 2001), e a mulher precisou arcar com suas obrigações de mãe, esposa e trabalhadora, a "super mulher" dos anos 90 e 2000. O espaço doméstico e suas funções foram desvalorizados e subjugados, sendo uma ocupação sem o menor reconhecimento e, por vezes, com um reconhecimento negativo de um ponto de vista social. Ocupar-se do lar, para as mulheres, pode significar um retorno ao passado de exploração e desvalorização; para os homens, uma desqualificação de sua condição de macho...

Houve um amplo número de estudos voltados para a compreensão da relação de pais e filhos na contemporaneidade, como a pesquisa de Zanetti (2008) que mostra que algo está ocorrendo no interior dos lares, onde os cuidados com a criança ganham um caráter terceirizado e, muitas vezes, ligado ao seu custo, como veremos no discurso de alguns pais que entrevistamos, "eu pago caro para ele ser uma boa pessoa no futuro".

Colocamo-nos diante de um conflito moderno: o espaço doméstico fica desvalorizado, ao mesmo tempo em que existe uma onda midiática enfatizando as consequências negativas de uma má educação ou da ausência dos pais na criação de seus filhos.

Como aponta Khel (2001), parece que os pais de hoje acabam por se desincumbir da tarefa de criar e educar seus filhos, frente à vida agitada das grandes cidades, ao mesmo tempo em que há uma imensa oferta de serviços de "especialistas", como livros de auto ajuda para pais, matérias de revistas e de jornais televisivos, programas como supernanny... O espaço privado parece que deixou de ser privado, deixou de ser pessoal e fica quase desertificado, enquanto os pais trabalham.

Como vimos no capítulo anterior, a psicanálise trouxe grande contribuição para o olhar sobre as necessidades infantis, pautada nos moldes culturais do início do século XX, os quais foram vagarosamente sendo substituídos pela ideia de função, materna e paterna, enquanto simbolismo e não mais determinado pela condição biológica.

No entanto, vivemos inseridos em um caldo cultural que sustenta ainda as formas antigas de organização familiar, por diversos meios externos, como os meios de comunicação, anúncios publicitários sexistas e as leis trabalhistas que retratam a ideologia tradicional, onde o homem recebe o benefício da licença paternidade ínfimo, elucidando explícita ou implicitamente que o cuidar da prole é tarefa da mãe.

A partir dessas considerações, passamos agora para a apresentação da nossa pesquisa de campo.

Capítulo V - **Objetivos**

Objetivo Geral

Este estudo busca compreender a vivência infantil diante da ocupação materna, ou seja, como a criança compreende a presença/ausência da mãe em seu cotidiano e as influências dessa dinâmica na sua percepção das relações familiares.

Objetivo específico

- Verificar, dentro da amostra pesquisada, a hipótese de que a percepção infantil sobre suas relações familiares se modifica em decorrência de a mãe se dedicar a uma profissão.
- Observar as correlações presentes entre o discurso do casal a respeito da vida e organização familiar e possíveis "ruídos" nos desenhos realizados pelo seu filho (a).
- Perceber o modo de compreensão de cada criança a respeito de sua esfera familiar, isto é, do seu lugar naquela família e da relação de si com seus pais a partir das suas produções gráficas e verbalizações durante a aplicação do procedimento.

Capítulo VI - Delimitação da pesquisa

"... o principal em ciência não é o método sozinho, isolado, mas sim, sua absoluta coerência com os objetivos da pesquisa."

(Campos, 2004, p.58)

Esta pesquisa está inserida dentro dos parâmetros propostos pela ciência pós moderna ou contemporânea, que desponta como um novo paradigma científico no final do século XX e início do atual. Esse modelo surge como contraponto ao fazer científico que pressupunha conhecimentos absolutos sobre o mundo; insere a perspectiva de que em todo e qualquer processo de busca pelo conhecimento há influências sociais e históricas, as quais interferem no modo como o pesquisador entende o seu objeto de estudo. (Pazian e Mattioli, 2009).

A psicanálise, enquanto método de investigação, está inserida nos moldes desse novo paradigma, na medida em que inclui o olhar do analista na construção do conhecimento e rompe com a neutralidade idealizada do observador.

De acordo com Pazian e Mattioli (2009), o objeto de investigação do método psicanalítico são as entrelinhas, o conteúdo latente – os quais o pesquisador tenta acessar apoiado nos conceitos-chave de transferência, contratransferência e interpretação. A busca está em se aproximar do psiquismo e do modo como ele opera, com fins de compreendê-lo.

"...a psicanálise quer revelar o que há de mais profundo em toda e qualquer relação que seja humana." (Pazian e Mattioli, 2009, p.110)

Tendo em vista esses pressupostos, pensamos que o método psicanalítico é o que melhor se enquadra aos propósitos desta pesquisa, pois estamos interessados em buscar, de modo aprofundado, uma compreensão acerca do indivíduo e sua família, a partir de um movimento social contemporâneo (a entrada das mulheres do mercado de trabalho), e como este fator se relaciona com a subjetividade dos participantes. O trabalho envolve a articulação dos depoimentos com a realidade social, histórica e cultural em que vivem, além de levar em consideração a subjetividade do pesquisador no modo de analisar o recorte da realidade estudada.

Para alcançar nossos objetivos, faremos uma leitura psicanalítica, enfocando as associações livres, portanto, atentos às expressões verbais e não verbais dos entrevistados, realizando interpretações e considerando aspectos transferenciais e contra transferenciais.

Para que nossa investigação cumpra com estes propósitos, optamos pela pesquisa qualitativa, considerada como referência para o método psicanalítico.

O modelo qualitativo aborda justamente as pesquisas de caráter subjetivo, que visam a compreensão dos fenômenos na vida de cada individuo (Turato, 2003). Portanto, não inclui tratamentos estatísticos, dado que o foco está em aprofundar as narrativas e levantar questões que permitam o acesso a sentimentos, conflitos e aspectos mais profundos do psiquismo. A psicanálise dispõe de vários instrumentos para acessar esses conteúdos, dos quais selecionamos dois: a entrevista semi-dirigida e um procedimento projetivo de personalidade (O Desenho da Família-Estória com Tema). Acreditamos que esses instrumentos nos fornecem os elementos necessários à compreensão da singularidade do indivíduo e seu contexto familiar, bem como as influências do meio e do tempo em que vivem.

Por fim, gostaríamos de frisar que esse delineamento de pesquisa não nos leva a conclusões definitivas, mas promove a reflexão e a discussão, essenciais para aprofundarmos a compreensão de questões suscitadas pela transformação da realidade em que vivemos.

1. Participantes

Realizamos nossa pesquisa com seis famílias, separadas em dois grupos. O primeiro corresponde às famílias em que a mãe seguiu uma carreira profissional e trabalha fora, em período integral. O segundo grupo é formado por famílias onde a mãe não trabalha fora.

Recrutamos casais de pais, casados ou em união estável, sem filhos de outro casamento. As crianças da amostra estão na faixa etária entre seis e oito anos. Essa faixa etária foi escolhida por se tratar de uma fase em que a criança está iniciando a vida escolar e já possui recursos motores necessários para a aplicação do procedimento planejado. Além disso, partimos também do pressuposto de que crianças dessa idade já iniciam uma vida social fora do lar e podem nos fornecer elementos capazes de elucidar a percepção de sua dinâmica familiar e da relação que estabelece com seus pais.

Seguimos alguns critérios para a seleção da amostra, com fins de controlar algumas variáveis que poderiam prejudicar nossa análise:

- Todas as mães, profissionais ou não, tem escolaridade mínima de nível superior.
- As famílias residem na cidade de São Paulo e pertencem à classe média ou média alta.

A opção por trabalhar com esse perfil de família está relacionada ao nosso interesse em compreender melhor como a questão do trabalho feminino é vivida por essas famílias, dado que se trata de um fenômeno relativamente recente para as classes mais favorecidas da sociedade. Sabe-se que, nas classes menos favorecidas, a existência de mulheres que trabalham e que são responsáveis pelo sustento da família é uma realidade muito conhecida, já há várias gerações, pois a necessidade financeira exigia que assim fosse. Nesta pesquisa, porém, nosso foco está em compreender a questão do trabalho feminino enquanto opção de realização da mulher.

As mulheres de nossa amostra têm idades entre 31 e 48 anos; das seis mães, cinco constituíram uma carreira, tendo que abandonar posteriormente e apenas uma relata que a vida doméstica foi de fato uma opção de vida, tendo trabalhado apenas dois anos na área de formação, antes do casamento. Todos os homens da amostra são profissionais bem colocados na profissão e com alto grau de investimento em sua formação, a maioria com pós-graduação. De todos os casais, apenas um revelava um nível de igualdade entre os cônjuges acerca do

investimento e colocação na carreira, os outros destoavam: as mulheres abdicaram de investir na carreira após o nascimento dos filhos e, em contrapartida, os homens investiam para aumentar o salário e alcançar cargos maiores.

Das seis crianças participantes, quatro são primogênitas e entre estas, três são filhas únicas. A ordem de nascimento e o sexo da criança não fizeram parte do critério de seleção, mas será levado em consideração no momento de análise.

A coleta de dados foi realizada na residência das famílias, sendo feita em dois momentos:

1º Entrevista com o casal

2º Aplicação do Procedimento de desenhos de família-estória com tema com a criança

O número de famílias que entrevistamos foi pautado na metodologia da pesquisa qualitativa e nos forneceu material para realizar uma análise aprofundada nos moldes desse método de pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

2. Procedimentos

Os sujeitos foram recrutados a partir da indicação de amigos e conhecidos da pesquisadora. Entramos em contato diretamente, por e-mail ou telefone, com 18 famílias que preenchiam os nossos requisitos. Além disso, duas mães com filhos na faixa etária escolhida enviaram e-mail para todas as mães dos alunos da classe de seus filhos, porém não obtivemos retorno. Dos critérios exigidos, o de maior dificuldade foi o referente aos pais estarem casados ou em união estável. Entre as mães contatadas, cinco trabalhavam fora, oito não trabalhavam e cinco ficaram indefinidas, pois não responderam a nosso contato ou não aceitaram participar.

Notamos que, destas dezoito mulheres, a maioria não trabalhava fora. No entanto, foi nesse grupo que tivemos maior dificuldade em agendar as entrevistas e cumprir com o mínimo necessário para realizarmos as análises. A principal questão referida era o horário de trabalho do marido ou a não concordância do mesmo. Foi notável a facilidade em marcar com as mães que trabalhavam, sem maiores problemas.

Enviamos um convite (Anexo C), via e-mail, a todas as mães indicadas, com informações sobre os objetivos do estudo e no que consistiriam as entrevistas. Desse modo,

aquelas que tinham disponibilidade em participar nos enviavam um e-mail. A pesquisadora, então, ligava para agendar um dia e horário para o encontro.

As entrevistas foram realizadas após a assinatura do Termo de Consentimento (Anexo B) e seguiram um roteiro elaborado previamente. As instruções para a realização dos desenhos solicitados às crianças seguiram o modelo de aplicação do Procedimento do Desenho da Família-Estória com Tema, proposto por Walter Trinca (1997).

Tivemos o cuidado e o rigor de não manter no mesmo ambiente o casal e a criança. Primeiro, para que o casal ficasse o mais livre possível para transitar entre os assuntos e não evitassem tocar em pontos que não gostariam de revelar aos filhos. Segundo, para que a criança estivesse à vontade para criar seus desenhos e contar estórias, sem ser influenciada pela presença dos pais.

3. Instrumentos

Para realizar a coleta de dados utilizamos entrevistas semi-estruturadas com os pais, a partir do modelo sugerido por Cunha (2003) com alguns tópicos de investigação sugeridos pela autora: sobre a história perinatal, história de vida da criança e história do casal.

Além destas informações, complementamos com algumas questões propostas por McGoldrick (2001) sobre questões financeiras, divisão de tarefas e principais áreas de participação na vida do filho.

Na segunda etapa da pesquisa, feita com as crianças, aplicamos o Procedimento de Desenhos de Família com Estória (DF-E) proposto por Walter Trinca. Para justificar a utilização desse instrumento, seguem alguns esclarecimentos acerca da proposta original deste autor: o Procedimento de Desenhos-Estória (D-E).

O método de D-E, uma entre as técnicas de investigação clínica da personalidade, é um recurso capaz de tornar acessíveis conteúdos inconscientes facilitando a compreensão de alguns aspectos da personalidade. Esse método, introduzido em 1972, foi fundamentado na teoria psicanalítica, nas técnicas projetivas e também na entrevista clínica, sendo usado inicialmente como complemento do processo de diagnóstico psicológico.

Para Trinca (1997) esse método se justifica por que:

- "a) quando a pessoa é colocada em condições de associar livremente, essas associações tendem a se dirigir para setores nos quais a personalidade é emocionalmente mais sensível;
- b) a pessoa pode revelar seus esforços, disposições, conflitos e perturbações emocionais ao completar ou estruturar uma situação incompleta ou sem estruturação;
- c) diante de estímulos incompletos ou pouco estruturados, há uma tendência natural de o sujeito realizar uma organização pessoal das respostas, desde que para isso tenha liberdade de composição;
- d) quanto menos diretivo e estruturado for o estímulo, maior será a probabilidade do aparecimento de material pessoal significativo;
- e) havendo setting adequado, o cliente pode, nos contatos iniciais, comunicar os principais problemas, conflitos e distúrbios psíquicos que o levaram a procurar ajuda;
- f) no atendimento psicológico, os desenhos e as fantasias aperceptivas são modos preferenciais de comunicação da criança e do adolescente do que a comunicação verbal direta,
- g) quando o sujeito realiza determinada sequência, em repetição, de provas gráficas ou temáticas, ocorre um fator de ativação dos mecanismos e dinamismos da personalidade, alcançando-se maior profundidade e clareza." (p.18).

O autor recomenda que o aplicador do procedimento esteja atento para poder relacionar as queixas, levantadas por meio de entrevistas e outros recursos de diagnósticos, com os conteúdos latentes suscitados no D-E. A decodificação do desenho deve sempre levar em conta o contexto do examinando.

Quando foi proposto, o procedimento D-E era considerado como um instrumento intermediário entre os testes projetivos e as entrevistas clínicas, no entanto, Trinca sustenta que o diagnóstico passou por algumas mudanças, que atualmente se enquadram na proposta do D-E, permitindo que esta ferramenta ocupe lugar central no diagnóstico. Esse modelo de diagnóstico procura:

"encontrar um sentido para o conjunto de informações disponíveis, tomar o que é relevante e significativo na personalidade, entrar empaticamente em contato emocional e, também, conhecer os motivos profundos da vida emocional de alguém." (Trinca, 1972 apud Trinca, 1984, p.19)

No início da década de setenta, os modelos de investigação psicológica se baseavam basicamente na visão psicométrica ou no modelo médico. Esse quadro começou a ser questionado, a fim de poder introduzir métodos não-invasivos que favorecessem o estabelecimento do vínculo entre o entrevistador e o entrevistado e se aproximassem mais da postura profissional do psicólogo. Neste contexto, o método psicanalítico entra em cena, trazendo propostas de investigação visando um diagnóstico abrangente e específico (Trinca, 1997). A partir dos pressupostos da psicanálise, foi possível ampliar o modelo de diagnóstico psicológico, transformando o papel do examinador para além dos instrumentos clássicos de mensuração.

Com esse movimento da psicologia, muitos testes projetivos se adaptaram às novas demandas, sendo incluídos nas entrevistas inquéritos mais aprofundados nos testes gráficos, as estórias gráficas, o TAT (Thematic Apperception Test) e o CAT (Children's Apperception Test), entre outros. Foi, portanto, com esse pano de fundo que surgiu o Procedimento de Desenhos-Estórias, contribuindo, também, para o novo modo de entender diagnóstico psicológico.

A partir de 1978, a técnica de investigação a partir do desenho da família vai se delineando, contribuindo para a compreensão de situações intrapsíquicas e intrafamiliares, no contexto da família. Na verdade, os desenhos de família são utilizados na prática do diagnóstico psicológico desde a década de 30, como lembra Lima (1997). Porém não há um consenso sobre a autoria desse instrumento. A autora afirma que a técnica foi difundida inicialmente na Europa, por Porot (1952). Nos Estados Unidos, uma variante designada "Desenho cinético da família", proposta por Burns e Kaufmann (1970), foi utilizada enquanto procedimento complementar ao desenho tradicional da família (Freitas & Cunha, 2003).

Foi Corman (1964 apud Lima, 1997) que lançou a instrução "Desenhe uma família qualquer". Esse autor defendia que muitos problemas infantis eram resultado de relações estabelecidas em seu contexto familiar.

Ainda segundo Lima (1997), Walter Trinca introduz o Procedimento do Desenho da Família com Estória (DF-E), em 1978, associando técnicas gráficas e técnicas de apercepção temática. Assim como o Procedimento de Desenhos-Estória, o Procedimento de Desenhos de Família com Estória está também inserido dentro do modelo diagnóstico do tipo compreensivo, que se apropria de técnicas clínicas que promovam a associação livre.

O procedimento consta de quatro desenhos cromáticos ou acromáticos, sendo que ao término de cada um o indivíduo deverá contar uma estória associada à sua produção gráfica. Por fim, o examinador realiza o inquérito e solicita o título do desenho. As instruções propostas por Trinca (1997) são as seguintes:

- a) "Desenhe uma família qualquer";
- b) "Desenhe uma família que você gostaria de ter";
- c) "Desenhe uma família em que alguém não está bem";
- d) "Desenhe sua família".

Esse instrumento segue os moldes do Procedimento de Desenho-Estória, os quais permitem o acesso a questões conflituosas referentes à dinâmica familiar. O DF-E foi elaborado a partir do reconhecimento da importância da família no desenvolvimento psíquico e é empregado, basicamente, para se ter conhecimento sobre como se configuram as relações familiares no mundo interno do sujeito. Sendo um instrumento de natureza projetiva, sua principal característica está em promover uma comunicação e expressão dos conflitos relacionados às figuras significativas do meio familiar de cada indivíduo.

Para a avaliação, é necessário que o examinador tenha como base uma fundamentação teórica psicanalítica, técnicas de interpretação de desenhos projetivos e conhecimentos sobre a dinâmica da família a ser investigada.

Trinca (1997) aponta ainda tópicos que merecem atenção para a aplicação e análise dos desenhos e estórias:

- -características peculiares das figuras paterna e/ou materna;
- -tipos de vínculos e formas de interação com as figuras parentais;
- -trocas sexuais e afetivas entre as figuras parentais;

- -relacionamentos com irmãos e outras figuras do circulo familiar;
- -determinantes da estrutura e dinâmica familiar;
- -forças psicopatológicas existentes na família;
- -eventos familiares reveladores de conflitos/dificuldades:
- -pontos centralizadores de conflitos no examinando;
- -descrição que o examinando faz de si próprio;
- -atitudes para com a vida e sociedade;
- -tendências, necessidades e desejos;
- -características das forças de vida e de destrutividade;
- -mecanismos de defesa;
- -fatores de aquisição da individualidade;
- -outras áreas de experiência emocional.

Em nossa pesquisa, adaptamos as instruções propostas por Trinca (1997) para o Procedimento de DF-E, a partir do nosso interesse de investigação: a percepção da criança sobre o trabalho materno. Sendo assim, foi pedido à criança que realizasse quatro desenhos temáticos, tal qual a proposta original do autor, sendo que, as duas primeiras instruções não foram modificadas e nas duas últimas inserimos nosso tema de análise:

- a) Desenhe uma família qualquer;
- b) Desenhe uma família que você gostaria de ter;
- c) Desenhe uma família onde a mãe trabalha fora;
- d) Desenhe uma família onde a mãe não trabalha fora.

As duas primeiras instruções nos permitem fazer um apanhado sobre a percepção global da criança sobre seu lugar na família, possíveis conflitos, desejos e demais elementos inconscientes, de acordo com o que Trinca (1997) havia se proposto a investigar com esse procedimento. As duas últimas instruções, por sua vez, pretenderam especificar sobre o fator

"trabalho da mãe", a fim de explorar melhor como a criança lida com as questões envolvidas nesse campo, além de nos fornecer material que ilustre as fantasias infantis sobre um modelo familiar diferente do seu.

Acreditamos que esse instrumento é eficaz enquanto ferramenta diagnóstica, pois permite acessar representações inconscientes, conflitos e desejos relacionados ao universo familiar da criança.

As informações obtidas a partir da entrevista com o casal somam-se aos conteúdos levantados pelos desenhos e estórias, a fim de verificar concordâncias e discrepâncias entre o mundo "real" observado e o mundo latente desvelado pelos desenhos e estórias infantis.

Formas de interpretação do Desenho de Família com Estória

Na interpretação do desenho da família, levamos em conta a impressão geral do desenho, com ênfase na busca da percepção que a criança tem de sua família, os sentimentos e atitudes em relação a cada membro. São considerados fatores como o tamanho relativo de cada elemento desenhado, a substituição de algum membro por algo "não humano" (como animal, planta, ou a própria omissão dele), a distância entre as figuras, a ordem em que foram desenhadas, a posição no papel, e ainda elementos gráficos, como o ritmo, a força e tipo de traçado etc. Todos esses fatores configuram elementos para levantarmos hipóteses interpretativas referentes a cada caso.

Hammer (1991 apud Freitas & Cunha, 2003) considera o tamanho das figuras a variável mais importante, no que se refere à percepção que o indivíduo tem de si naquele núcleo familiar ou a percepção que tem da relação como os pais e com os irmãos. Outro aspecto que Hammer considera, de acordo ainda com Freitas & Cunha (2003), refere-se à distancia/proximidade com que os membros são representados.

De todo modo, não existe um roteiro padronizado, como afirma Freitas & Cunha (2003). Porém, é possível, segundo estudiosos do procedimento, traçar hipóteses interpretativas a partir de alguns elementos. É por intermédio dessas hipóteses previamente indicadas no levantamento realizado por essas autoras, que iremos trabalhar nossa análise, bem como fundamentos de análise e interpretação apoiados em Tardivo (1997).

Por fim, será feita a articulação entre o conteúdo latente dos desenhos e os dados obtidos na entrevista, a fim de captar pontos que se cruzam ou que destoam na expressão das fantasias infantis sobre sua esfera familiar, tal qual é apresentada por seus pais.

4. Questões éticas

Quando falamos em questões éticas, levamos em consideração, primeiramente, o sigilo, pois o indivíduo expõe questões íntimas de sua vida psíquica e temos o dever de preservar os dados que possam identificá-lo. De fato, para a nossa busca, omitir tais informações não trará prejuízos, pois nosso foco está em compreender o modo de funcionamento psíquico de cada indivíduo e é este recorte que será feito para a análise de dados. (Safra, 1993)

Portanto, será assegurado ao entrevistado que nenhum dado de identificação constará na publicação da pesquisa. O material coletado ficará sob responsabilidade do pesquisador e será apagado posteriormente.

Caso haja necessidade de encaminhamento ou qualquer respaldo psicológico aos entrevistados, a pesquisadora se compromete com os procedimentos de encaminhamento. Quando não houver disponibilidade financeira para os custos do atendimento, os participantes serão encaminhados para a clínica-escola do Instituto de Psicologia da USP, com garantia de que serão atendidos em triagem.

Todas as entrevistas foram realizadas após os pais assinarem o Termo de Consentimento (Anexo B).

Capítulo VII – **Resultados**

Este capítulo visa trabalhar sobre os dados obtidos a partir das entrevistas com os seis casais participantes e dos desenhos de família realizados por seus respectivos filhos.

Separamos as famílias em dois grupos assim estabelecidos:

- Grupo A: Famílias em que a mãe trabalha fora
- Grupo B: Famílias em que a mãe <u>não</u> trabalha fora

A partir dos dados obtidos nas entrevistas, apresentaremos as produções gráficas infantis e as estórias contadas, seguidas por análise e interpretação das mesmas.

Abaixo a tabela com as categorias de análises propostas por Tardivo (1997).

| ATITUDE BÁSICA | Aceitação – estão incluídas nesse traço as necessidades e | | | |
|----------------|--|--|--|--|
| | preocupações com aceitação, êxito, crescimento e as atitudes de | | | |
| | segurança | | | |
| | Oposição – atitudes de oposição, desprezo, hostilidade, | | | |
| | competição, negativismo | | | |
| | Insegurança – inclui as necessidades de proteção, abrigo e ajuda; | | | |
| | as atitudes de submissão, inibição, isolamento, bloqueio, e as | | | |
| | atitudes de insegurança | | | |
| | Identificação Positiva - sentimentos de auto-valorização, auto- | | | |
| | imagem e auto-conceito reais e positivos; busca de identidade e | | | |
| | identificação com o próprio sexo | | | |
| | Identificação negativa - refere-se aos sentimentos de menor | | | |
| | valia, menor capacidade, menor importância e identificação com o | | | |
| | outro sexo | | | |
| FIGURAS | Figura materna positiva – mãe sentida como presente, | | | |
| SIGNIFICATIVAS | gratificante, boa, afetiva, protetora, facilitadora (objeto bom) | | | |
| | Figura materna negativa – mãe vivida como ausente, omissa, | | | |
| | rejeitadora, ameaçadora, controladora, exploradora (objeto mau) | | | |
| | Figura paterna positiva – sentida como próxima, presente, | | | |

| | gratificante, afetiva e protetora | | |
|--------------|---|--|--|
| | Figura paterna negativa – idem a figura materna negativa | | |
| | Figura fraterna positiva e/ou outras figuras – aspectos de | | |
| | relacionamento com irmãos e/ou com outros iguais | | |
| | (companheiros, amigos, etc.), cooperação, colaboração Figura fraterna negativa e/ou outras figuras – aspecto | | |
| | | | |
| | negativos do relacionamento: competição, rivalidade, conflito, | | |
| | inveja | | |
| SENTIMENTOS | Sentimentos derivados do instinto de vida – são os mais | | |
| EXPRESSOS | construtivos, como alegria, amor, energia, instinto sexual, | | |
| | conquista, etc. | | |
| | Sentimentos derivados do instinto de morte – são os mais | | |
| | destrutivos, como ódio, inveja, ciúme persecutório, voracidade, | | |
| | desprezo, etc. | | |
| | Sentimentos derivados do conflito – sentimentos ambivalentes, | | |
| | que surgem da luta entre os instintos de vida e morte, próprios da | | |
| | fase da elaboração da posição esquizo-paranóide e da vivência da | | |
| | posição depressiva. Entre esses: sentimentos de culpa, medos de | | |
| | perda e de abandono, solidão, tristeza, desproteção e outros. | | |
| TENDÊNCIAS E | Necessidades de suprir faltas básicas – Desejos de proteção e | | |
| DESEJOS | abrigo, necessidades de manter as coisas da infância, de | | |
| | compreensão, de ser contido e cuidado regressivamente, etc. | | |
| | Tendências destrutivas – Desejos de vingança, de atacar, de | | |
| | destruir, de separar os pais, de hostilizar, etc | | |
| | Tendências construtivas - são as mais evoluídas, como | | |
| | necessidades de cura, de aquisição, realização e autonomia. | | |
| | Desejos de canalizar energia sexual e agressiva, de recuperar | | |
| | partes sadias, de desligar-se de coisas infantis, de evitar danos | | |
| | físicos e/ou psicológicos. | | |
| IMPULSOS | Amorosos – Decorrentes do instinto de vida. | | |
| | Destrutivos – Decorrentes do instinto de morte. | | |
| ANSIEDADES | Paranoides – Ansiedade encarada como uma ameaça, um perigo | | |
| | dirigido ao <i>ego</i> . | | |
| | | | |

| | Depressivas – Ansiedade encarada como uma ameaça dirigida ao | |
|---------------|---|--|
| | objeto. | |
| MECANISMOS DE | Cisão | |
| DEFESA | Projeção | |
| | Repressão | |
| | Negação/anulação | |
| | Regressão | |
| | Racionalização | |
| | Isolamento | |
| | Deslocamento | |
| | Idealização | |
| | Sublimação | |
| | Formação reativa | |
| | Negação maníaca ou Onipotente | |

Fonte: Tardivo, 1997, p. 118 - 121

Por fim, propomos algumas reflexões nos pautando em aspectos observados em cada grupo, a fim de realizar uma análise comparativa.

1. Apresentação das famílias

| | GRUPO A | GRUPO B |
|---------------|--|--|
| | (famílias em que a mãe trabalha fora) | (famílias em que a mãe não trabalha fora) |
| FAMÍLIA | 1 A | 1 B |
| Criança/idade | Ana, 6 anos e 1 mês | Hugo, 7 anos e 2 meses |
| Pai/idade | Marcelo, 51 anos | |
| | | Nelson, 48 anos |
| Mãe/idade | Fatima, 47 anos | Rita, 45 anos |
| FAMÍLIA | 2 A | 2 B |
| Criança/idade | Bia, 6 anos e 6 meses | Tiago, 7 anos e 3 meses |
| Pai/idade | Lucio, 42 anos | Cesar, 45 anos |
| Mãe/idade | Carla, 32 anos | Joana, 45 anos |
| FAMÍLIA | 3 A | 3 B |
| Criança/idade | Caio, 6 anos e 8 meses | Gabi, 6 anos e 5 meses |
| Pai/idade | André, 37 anos | Luis, 43 anos |
| Mãe/idade | Denise, 39 anos | Glaucia, 31 anos |

79

GRUPO A

Família 1 A

Ana

Idade: 6 anos e 1 mês

Os pais de Ana estão casados há 15 anos, ela é a única filha do casal. A mãe, Fátima, está com 47 anos, é fisioterapeuta e trabalha em período integral. Fatima conta que, embora trabalhe fora o dia todo, tem uma agenda bem flexível, sendo possível levar e buscar a filha na escola, na natação, ou outros compromissos, como ir ao médico.

O pai de Ana, Marcelo, está com 51 anos, é administrador de empresa e também trabalha em período integral, tendo que viajar a trabalho esporadicamente.

Fátima e Marcelo ficaram em união estável (não são casados oficialmente) nove anos antes de Ana nascer. Houve um aborto espontâneo alguns meses antes que Fátima ficasse grávida de Ana. Observamos, de acordo com esta passagem, que o planejamento da gravidez estava mais relacionado ao relógio biológico do que um desejo afinado entre o casal:

"Quando eu perdi esse bebê a gente queria muito e não falávamos muito sobre isso, ficou uma coisa mal elaborada...daí eu fiz 40, falei eu quero ser mãe, vamos lá, então tá...daí o médico pediu alguns exames, pediu pra ele também (Marcelo), ele nem chegou a fazer os exames eu já engravidei"

Sobre as esferas que cada um mobilizou diante da chegada da filha, Fátima conta que, embora tenha sentido as dificuldades, conseguiu superá-las de um modo quase "onipotente", afirma ela:

"você percebe que quando você tem filho você vira um gigante, você provê de qualquer jeito as coisas, quando não é para um lado é pro outro e que as coisas vão dando tudo certo, você vai se organizando pra isso."

Houve um período difícil após o nascimento de Ana, pois o negócio em que Marcelo trabalhava fechou e ele ficou desempregado, contaram apenas com o salário de Fátima. Quando Ana estava com dois anos, Marcelo conseguiu montar o negócio próprio e a situação financeira melhorou.

80

Percebemos certa distância afetiva entre o casal, vários pontos de discordância e também de atitudes de enfrentamento. Fátima parece negar um pouco os problemas e manter uma análise artificialmente otimista acerca das dificuldades. Enquanto Marcelo indica uma posição mais precavida e resguardada, aponta mais os problemas e essa postura parece incomodar Fátima, como ilustra o trecho abaixo:

Pesquisadora: Eu gostaria que vocês me contassem um pouco sobre a vida da Ana desde que ela nasceu.

Fátima: A Ana sempre foi extremamente saudável.

Marcelo: Agora é filha única né, de pais mais velhos...

Fátima: Ah, hoje em dia tem tanta...eu não me acho...eu não acho nada disso

Pesquisadora: Que interferências você acha que tem isso de ser pais mais velhos com filha única?

Marcelo: Não sei, todo mundo fala que filho único é mais bajulado e eu não sei se a gente também não é assim...com 51 anos, eu não sei se a gente se doa tanto pra Ana, eu não sei se a gente tem a mesma paciência de uma pessoa de 25, 30 anos...eu acho que a gente faz de tudo, mas não sei...

Fátima: "Não tem nada a ver isso aí...pai de 35 erra um monte também, a gente as vezes peca por excesso, as vezes a gente erra também por falta de dar limite...isso acontece com todo mundo, acho que não tem relação. Mas assim, coisas importantes que aconteceram na primeira infância da Ana que acho que é bacana falar pra você..."

Assim Fátima rapidamente muda de assunto, mostrando certa intolerância para falar dos problemas do casal e/ou da família.

Fátima conta que Ana teve problemas para aprender a usar o banheiro, ela retia as fezes e precisou fazer tratamento. Outra preocupação foi na mudança de escola, Fátima relata que Ana passou para uma escola onde as crianças já se conheciam e era avançada, as crianças já estavam lendo e Ana não. Isso a deixou muito ansiosa e Fátima percebeu que ela começou a roer as unhas e a filha disse que se sentia ansiosa com sua dificuldade na leitura.

Fatima: "Ela ficou estava muito angustiada com isso e começou a não ter estímulo, a não querer, a sofrer com a tarefa."

Ana passou pela psicóloga, pelo pediatra e a mãe incentivava qualquer palavra que ela lesse. Então a situação foi se normalizando.

Um ponto que os pais concordam é sobre a menina ser dependente. Ana não consegue dormir fora de casa, nem mesmo nos acampamentos da escola.

Houve uma ocasião em que a menina foi para o acampamento, mas meia noite ligou chorando para os pais irem buscá-la. Fátima reconhece que "é uma falha nossa", pois a menina dorme junto com os pais na cama.

Marcelo: "Mas sabe o que eu acho que é, ela ia lá pro nosso quarto e a gente...

Fátima: "Curtia ela na nossa cama, adorava que ela vinha...essa coisa de passar o dia fora trabalhando, que delícia chegar e abraçar a filha."

Marcelo: "Ela chegava na cama e a gente ficava com dó de mandar ela de volta, ai agarrava ela. No frio, as vezes eu ia lá, pegava ela e botava na nossa cama..."

Fátima argumenta que chega cansada em casa e acaba sentindo que é um momento gostoso de ficar junto com a filha. Existe uma relação de interdependência de Fátima com Ana, pois além dessa questão do dormir junto, a amamentação também foi difícil para Fatima "se separar da filha".

"Eu sai de manhã e quando voltei a moça tinha dado leite ninho pra ela, eu falei "quem mandou?" e ela disse "ué, a senhora disse que chega", e eu "ela tomou?" "tomou", ah, eu fiquei numa tristeza que ela tinha tomado, ai a noite ela dormiu sem pegar meu peito"

Pesquisadora: E como foi pra você parar de amamentar?

Fátima: Ah, parece que é um laço que corta...mas aí você constrói outros também.

A entrada na escolinha ocorreu sem maiores problemas, Ana tinha dois anos e meio. Fátima queria ter esperado que a filha completasse três anos, mas não foi possível, pois a moça que trabalhava na casa, cuidando de Ana, precisou sair.

Sobre imposição de limites e relação que mantém com a filha, Fátima diz que a menina "testa" mais a mãe, com o pai ela respeita mais. Apesar desses momentos de "birra", ambos os pais consideram a filha obediente.

Nas considerações finais, notamos certa insatisfação com a vida familiar tanto para Marcelo como para Fátima.

Marcelo: Eu queria ter tido mais um filho, acho que eu tive filho tarde, até pra ela ter uma companhia, os primos são bem mais velhos.

Pesquisadora: Não ficou muito claro pra mim o que fez vocês esperarem mais para ter...

Fátima: Eu acho que na época era uma situação de instabilidade financeira, talvez imaturidade nossa...

Mas Marcelo realça outros motivos:

Marcelo: Eu diria que eu e a Fátima...era uma relação meio instável ainda, depois de um tempo que a gente acabou se firmando.

Sobre a realização pessoal e profissional, ambos se consideram realizados profissionalmente, porém a relação conjugal é insatisfatória, como descreve Fatima:

"Acho que se eu pudesse falar o que eu mudaria, mudaria a sexualidade do casal...a gente vive muito em função do filho e pouco em função do casal, ninguém vive sem essa sexualidade nessa fase da vida"

Falta essa que Marcelo também confirma.

Pesquisadora: O que fez com que isso perdesse espaço na vida de vocês?

Fátima: Essa correria, essa coisa, uma hora é correria com o trabalho, outra hora...sabe, cada um assumindo uma rédea.

Notamos, por fim, que o estilo do relacionamento é mais democrático, apesar de Fátima cuidar majoritariamente da administração doméstica, o marido está disponível quando é preciso, existe esta flexibilidade no casal. A filha ocupa lugar central nessa família e simbolicamente está entre os dois, que deixaram de ser "namorados", para ser integralmente "pais".

Descrição desenhos Ana

Observações: Ana é uma criança mais retraída, tímida, verbaliza pouco no primeiro

desenho e aos poucos consegue elaborar estórias mais ricas em conteúdo. Porém, não

consegue dar título aos seus desenhos.

1°) Uma família qualquer

Verbalização

"Eles estão indo brincar no parque, depois voltaram pra casa"

2°) Uma família que você gostaria de ter

Verbalização

Pesquisadora: Conta pra mim o que você fez?

"Essa é a mais velha fazendo lição, este é o menino e a menina mais nova de todas"

Pesquisadora: E o que está acontecendo?

"Eles vão pedir leite pra mãe, ela deu o leite, a mais velha toma suco."

3°) Uma família em que a mãe não trabalha fora

Verbalização

"A mãe tá no computador vendo uma viagem para a Disney. Daí essa mais velha foi

lá sem que a mãe visse foi jogar no computador."

Pesquisadora: E o que aconteceu depois?

"O pai acabou de sair do banho e as meninas jogaram sorvete na cabeça dele, ele

ficou bravo e teve que tomar outro banho."

4°) Uma família em que a mãe trabalha fora

Verbalização

"As meninas foram escondidas para o trabalho da mãe, o pai foi procurar lá em cima no prédio. Não achou e depois elas chegaram todas juntas."

Interpretação e análise

Os desenhos de Ana são um pouco imaturos para sua idade, com produções que demonstram a transição entre as figuras "palito" para figuras bidimensionais, não apresentam muitos adereços, não possuem pés e a maioria das figuras não possuem mãos. As representações de masculino e feminino são praticamente indissociáveis, o mesmo estilo de vestimenta, a única diferenciação é o cabelo.

As atitudes básicas são predominantemente de oposição e insegurança. As estórias de Ana estão cheias de condutas "escondidas", como por exemplo, no terceiro desenho, em que a filha mais velha "foi lá sem que a mãe visse" ou no quarto desenho "as meninas foram escondidas para o trabalho da mãe". Percebemos ainda, o quanto Ana percebe-se "abandonada" em alguns momentos, pois, na situação em que a mãe não trabalha fora, esta mesma mãe está em casa e não "vê" a filha mais velha ir no computador. Ou no quarto desenho, em que o pai está em casa e também não "vê" as filhas saindo escondidas. Podemos inferir que, para Ana, a presença física dos pais não corresponde a um cuidado ou maior proteção, pois nessa casa, mesmo os pais estando presentes, acontecem coisas que eles não observam.

Quanto às *figuras significativas*, notamos que Ana representa vários irmãos, sobretudo irmãs, sempre agindo em equipe, sempre do "mesmo time", compreendendo estas figuras como positivas. Por outro lado, a figura materna aparece como positiva e negativa, pois, se por uma lado é a mãe que dá o leite e procura uma viagem para a Disney (objeto bom), por outro lado é também aquela que é enganada pelas filhas que vão escondidas mexer no computador. A figura paterna é vivida como negativa, pois majoritariamente é o alvo dos ataques desses filhos.

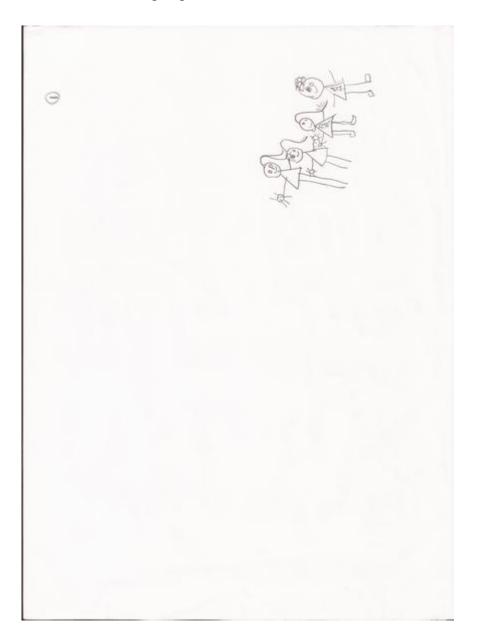
Os *sentimentos expressos* indicam um conflito ambivalente, pois estão presentes em seus desenhos sentimentos bons, como "ir brincar no parque", receber o leite que a mãe dá, por exemplo, ao mesmo tempo em que "se joga sorvete na cabeça do pai" ou saem escondido para ir atrás da mãe que está no trabalho, demonstrando algum sentimento de abandono pelas duas figuras parentais: a mãe, por não estar presente e o pai, que estava em casa, não consegue cuidar das filhas que saem sem que ele perceba.

Sobre as *tendências e desejos* parece que está presente desejos de cuidado e afeto, necessidades orais, as crianças pedem leite para a mãe, saem escondidas para ir "buscar a mãe no trabalho", consiste em uma busca por suprir faltas básicas. Porém, nota-se que a mais prevalente nas produções de Ana são as tendências destrutivas, com elementos hostis, direcionados, sobretudo para a figura paterna. Os *impulsos* também são destrutivos.A ansiedade é depressiva.

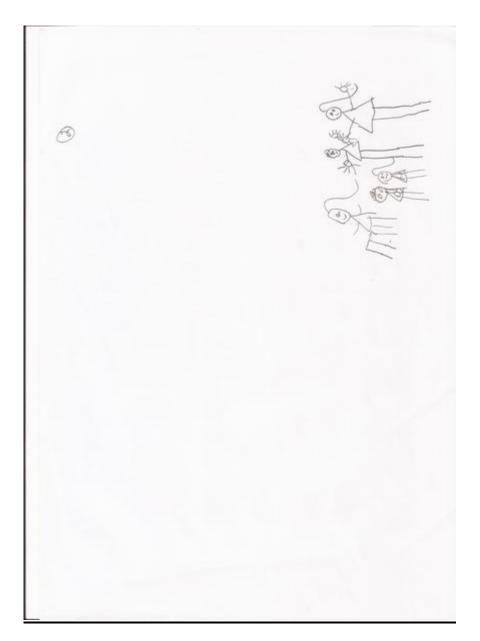
Entre os principais mecanismos de defesa, destacamos a regressão, pelo conteúdo de suas estórias, como pela qualidade de seu desenho.

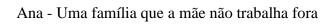
Em síntese, Ana revela um conflito ambivalente diante da figura materna, que a acolhe, mas que também é persecutória, pois as filhas precisam fazer coisas escondidas dela. Há uma intensa necessidade de outras crianças no cenário familiar de Ana, em todas as produções aparecem irmãos, os quais interagem como cúmplices em oposição aos pais. A figura paterna é muito hostilizada. De acordo com os dados da entrevista com o casal, o pai se define como mais severo e a mãe tem mais relação com a filha, condizendo com os conteúdos que Ana trouxe nos desenhos.

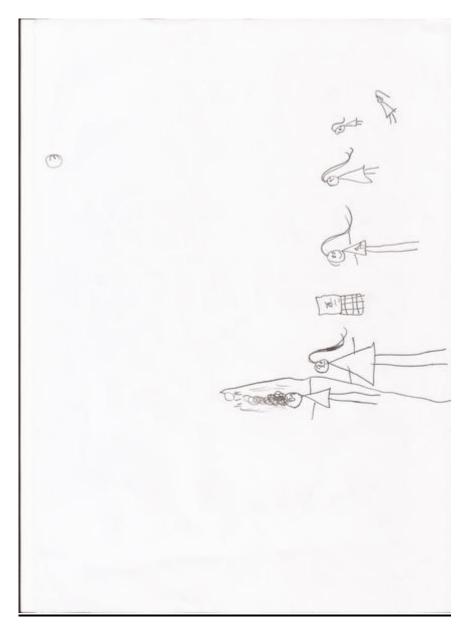
Ana – Uma família qualquer



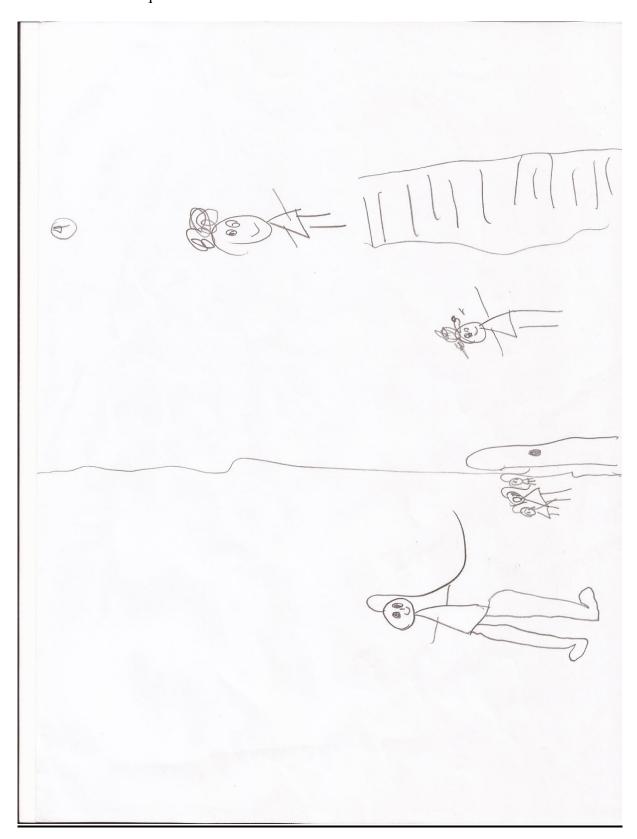
Ana – Uma família que gostaria de ter







Ana – Uma família que a mãe trabalha fora



Família 2A

Bia

Idade: 6 anos e 6 meses

Os pais de Bia estão casados há 12 anos, tiveram duas filhas: Carol, com oito anos e onze meses e Bia, com seis anos e seis meses. A mãe, Carla, tem 32 anos, é advogada, trabalha em período integral. O pai, Lucio, está com 42 anos, trabalha na área financeira igualmente em período integral.

Notamos logo no início da entrevista uma preferência por Bia, apresentada em suas qualidades em referencia à falta delas na irmã mais velha, que é de fato, uma criança mais retraída. Há uma forte identificação da mãe com a filha mais nova: "acho que ela é mais parecida comigo". A mais velha passa pela psicóloga há um ano, já detectada como a criança problema, que "nunca está satisfeita com nada... A Bia você dá qualquer presente e ela fica super feliz, a Carol você pode dar o mundo que as vezes não satisfaz".

A reação a períodos de separação é diferente entre as duas, Carol sente mais e Bia é mais tranquila. Isto pode ocorrer por conta da sensação de proteção passada por uma figura feminina mais velha e em contrapartida, a sensação de abandono desta figura pela mais velha, que tem de ocupar por sua conta o lugar da mãe (da mais nova) quando a mãe precisa se ausentar.

Quanto à divisão de tarefas, a resposta foi rápida e clara, quem cuida das coisas da casa é integralmente a Carla. Porém, há dois meses o pai passou a ficar uma vez por semana pra fazer a lição com as meninas e nesse dia a mãe sai pra fazer um curso.

O pai gosta de fazer as atividades com as filhas e comenta que Carol é mais comprometida que a Bia.

Há uma passagem em que surge uma hipótese sobre o ciúme de Carol, a mãe conta que conforme elas vão crescendo, ela tem dificuldade de manter um contato físico, ela gosta de fazer carinho, conta, mas queria poder fazer mais, ser mais "grudenta", segundo ela "eu

acho que eu tenho esse problema quanto mais elas vão crescendo, de bebê, eu gosto muito de bebê", Bia sempre vai ser mais bebê que a irmã...

A mãe se coloca como uma figura mais assertiva na educação delas "minha cunhada me chama de general", mas diz não haver problemas graves de desobediência. A questão da autoridade, Carla observa que o pai tem maior influência do que ela, diz que as filhas respeitam mais a ele.

O pai é uma figura muito dedicada ao trabalho e precisou ficar bastante ausente, talvez por este motivo ele descreva ser mais "coração mole, me rendo mais aos dengos delas", indicando talvez uma reação compensatória por sua ausência.

É muito clara a maior proporção de participação da mãe na vida das crianças, e também presente alguns momentos de insatisfação:

"Eu acabo tendo uma relação de dedicação forte, abro mão da minha vida, as vezes a gente sente um pouquinho de falta, mas foi uma escolha...". Carla sentiu bastante o peso da maternidade, talvez em decorrência desta balança desequilibrada entre seus afazeres e o do marido, esse desgaste é bem evidente quando ela comenta que "se você pensar demais não tem" (filhos)

Carla diz ainda que abdicou de parte de sua carreira profissional e isto tem relação direta com as filhas, ela trabalha como autônoma para poder ter maior flexibilidade de horário para estar com elas.

Pelo fato de os dois trabalharem, o casal contava com o cuidado auxiliar de babás, mas há três anos não contam mais com essa ajuda, segundo Carla porque neste meio há alta rotatividade e as crianças sentiam muito estas perdas.

Lucio, falando sobre as concessões que fez diante da paternidade, refere que abriu mão de ficar mais com elas por conta do trabalho e acha que deveria ter ficado mais tempo. Carla reafirma esta falta.

Quando descreve a rotina das meninas, de fato, o pai não é citado...

Alguns percalços na vida conjugal são sentidos por Carla e parece ser associado também ao desequilíbrio na rotina diária:

"Talvez na relação conjugal a gente deixe um pouquinho a desejar por conta até

desse desequilíbrio que a gente gerou, de conseguir harmonizar mais as nossas vidas em

conjunto, porque em alguns momentos a gente acaba vivendo separado dentro do

casamento."

Nota-se que Lucio tem uma postura menos participativa, diante do relato de Carla e

pelas poucas colocações que fez durante a entrevista, basicamente respondeu ao que lhe foi

perguntado.

Descrição desenhos Bia

1°) Uma família qualquer

Verbalização

Pode ser na praia? Vou desenhar no quintal deles. Vou desenhar uma árvore...ops, ficou

pequena (apagou). Vou fazer 1º a minha irmã, a franja, agora o cabelo dela. Minha

mãe...todos estão olhando pra lá, porque a cachorra está latindo. Eu faço a minha mãe alta,

mas ela acha que é baixa. Eu fiz uma casa e não um prédio. Eu to "aqui". Meu pai vai ficar

aqui (fora) ele está alto (apagou e fez mais baixo)...ops, eu fiz uma menina...já sei, ele pode

ser a irmã mais velha. Agora o pai. O cachorro, au au. Lorisbelda, 9 anos. A mãe, Cristal, 20

anos. Essa é a irmã mais nova, Carol, 3 anos. Essa daqui é a mais velha, Carola, 17 anos. O

pai, Zoiudo, 40 anos. O cachorro au au pum pum, ele solta pum. Estão tirando uma foto, no

quintal, num dia lindo, com muitas nuvens e borboletas. Quem tirava a foto era um moço

para fazer propaganda para alugar a casa. Passarinhos...Eu seria a Carola, cuidava da

natureza.

Tiitulo: A menina que cuidava da natureza: Carola

2°) Uma família que você gostaria de ter

Verbalização

Já sei, vou desenhar elas no hospital, nascendo a minha irmãzinha, outra né, porque já tem a

Carol. A mãe está olhando pra lá porque tá sentindo dor, a nenê Carol pisou na barriga dela. O

mais velho não pisa.

Pesquisadora: Quem é você?

Bia: Eu sou a mãe. Aqui do lado tem um monte de presentes, pão de mel, docinhos, bombons.

Aqui o namorado dela, comendo escondido. Pedro e Amanda. Uns corações porque eles estão

apaixonados.

3°) Uma família em que a mãe não trabalha fora

Verbalização

"Aqui a mãe trabalhando no computador. Uma família não né, eu posso fazer só a

mãe. Ela está trabalhando no computador e a net pifou e não tinha mais como trabalhar e

começou a chorar e era uma adolescente, ela estava jogando joguinho. O celular tocou, o

bebê...o pai tá brincando com o filho. Ela não podia ir pra frente e para trás, foi para o

quarto e disse "a minha vida acabou".

Título: A vida da menina acabou

4°) Uma família em que a mãe trabalha fora

Verbalização

Ela trabalha vendendo roupa. A menina com vestido bonito que ela comprou e era

tomara que caia. Tem 20 anos. Daí manchou o vestido e a fada ajudou a limpar e ela deu o

vestido. Os filhos brincam de pega-pega e o pai está no trabalho dele.

Titulo: Compras sujas

Interpretação e análise

O desenho de Bia ocupa toda a folha, apresenta diversos elementos, como nuvens,

flores, borboletas, pássaros, revelando um potencial criativo, vitalidade e empatia, como de

fato ela se apresenta para a pesquisadora.

Bia traz diversos aspectos ligados ao feminino, como a preocupação com detalhes do

cabelo das figuras femininas, as roupas bem demarcadas por gênero, contendo golas, sapatos

e mangas.

Se considerarmos as categorias de análise propostas por Tardivo (1997) na avaliação deste procedimento, podemos inferir que Bia apresenta duas *atitudes básicas*

-identificação positiva: existe grande identificação com o sexo feminino, grande investimento nos desenhos em termos de adornos, preocupação com a aparência das figuras, sobretudo as femininas;

-insegurança: na situação de conflito, Bia não consegue dar uma solução, como acontece no terceiro desenho em que, diante de um problema (a "net" pifar), a personagem principal chora e se recolhe em seu quarto, recebendo um título muito definitivo e negativa "a vida da menina acabou".

Sobre as *figuras significativas*, Bia demonstra uma percepção positiva e negativa, elucidando um caráter ambivalente. A mãe é uma figura importante e presente em seus desenhos, Bia se identifica com ela, mas ao mesmo tempo direciona impulsos agressivos, existe um "nenê" que pisa na barriga da mãe. Por ser uma figura positiva e negativa, Bia parece deter uma percepção ambivalente sobre a figura materna. Já a figura paterna é sentida como ausente, Bia se propõe a desenhar o pai, mas "sai" uma menina, além disso é o membro que permanece do lado de fora da casa. No terceiro desenho, a figura masculina que vai visitar a mãe que está grávida, a engana, "come os bombons escondido". No quarto desenho o pai nem sequer aparece. Podemos dizer que existe também grande identificação com a figura fraterna, Bia escolhe ser nos desenhos a figura que leva o nome parecido com o da irmã "carola", porém, notamos também uma identificação negativa quando é esta irmã quem "pisa na barriga da mãe", demonstrando aí sentimentos de ambivalência diante da irmã mais velha.

Em relação à figura fraterna, temos ainda que é esta o menor elemento desenhado no primeiro desenho, com três anos. Esta configuração pode receber duas interpretações, não excludentes, a primeira de que é esta irmã que está precisando de cuidados, que vai ao psicólogo, que é triste e por isso representada como pequenininha e, portanto, frágil. Outro modo possível de compreender esta representação perpassa por uma expressão de hostilidade com esta irmã.

Os sentimentos expressos basicamente são derivados do conflito: Existe uma paisagem viva e "o dia está lindo", como no primeiro desenho, contudo, no segundo desenho já aparecem elementos como ódio e ciúme persecutório. O terceiro desenho contém elementos

típicos desta condição ambivalente: sentimento de desproteção, tristeza "a vida da menina acabou".

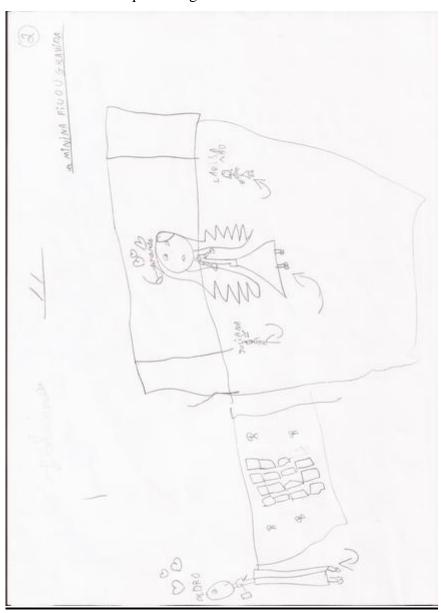
Em *Tendências e Desejos*, Bia parece demonstrar tanto tendências destrutivas (como os ataques presentes no segundo desenho) como construtivas e destrutivas confluentes no quarto e último desenho, pois, ela "mancha o vestido", mas vem a fada boa e a ajuda limpar. Os impulsos são basicamente destrutivos, com ansiedade depressiva.

Dentre os mecanismos de defesa, destacamos a projeção, diante dos impulsos agressivos identificados em outras figuras que não ela própria.

Concluindo Bia é uma criança com forte ligação com a figura materna e apresenta sentimentos e atitudes ambivalentes em relação a ela com movimentos de aproximação e afastamento competitivo. Em relação à figura paterna este parece ser sentido como ausente e sem um lugar na estrutura familiar, como de fato é descrito pelo casal na entrevista.

Bia – Uma família qualquer



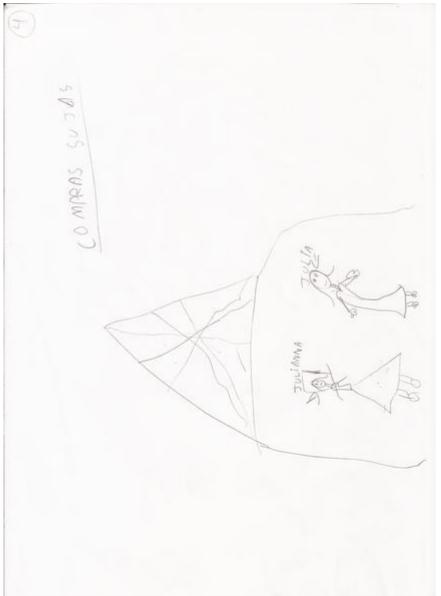


Bia – Uma família que você gostaria de ter

Bia – Uma família que a mãe não trabalha fora



Bia – Uma família que a mãe trabalha fora



Família 3 A

Caio

Idade: 6 anos e 8 meses

Os pais de Caio estão casados há dez anos. A mãe, Denise está com 39 anos, é jornalista, pós-graduada e trabalha em período integral. O pai, André, está com 37 anos, é radialista e também trabalha em período integral, cumprindo o turno tarde/noite. Os dois não

são de São Paulo e não tem família na cidade, ela é de Minas Gerais e ele é de Brasília.

Quando se casaram já tinham como meta ter filhos, mas por conta da mudança de

cidade, André veio trabalhar em São Paulo no primeiro ano de casamento, mas Denise

permaneceu em Minas Gerais. No segundo ano ela conseguiu emprego e mudou-se para cá.

Após o período de adaptação e com a estabilidade no emprego, Denise engravidou, três anos

após se casarem. Percebemos que houve grande investimento emocional sobre este filho.

André: "O nome dele já estava escolhido antes da gente casar."

História da vida de Caio:

Com quatro meses ele já foi para a escolinha e ficava em período integral. A avó

materna veio auxiliar no primeiro momento e ficou na casa do casal nos três primeiros meses.

Denise conta com pesar sobre este momento de ter que voltar ao trabalho e deixar o filho,

com dúvidas ainda sobre os cuidados recebidos pela criança.

O pai lembra-se da rotina do casal:

"Foi corrido, eu trabalhava em dois empregos, doze horas por dia, ela nove horas por

dia, fora o tempo de deslocamento, então era uma rotina puxada até pra ele que era um

bebezinho, ficava na escola período integral."

O menino ficou então dos quatro aos sete meses em período integral, depois decidiram passar para meio período e contar com a ajuda de uma cuidadora em casa, que permanece até hoje com a família. Denise esteve bem atenta aos processos da criança:

"... daí depois ele acabou pegando muita virose (...). E a gente achou que funcionou muito melhor, porque desestressava (sic) ele um pouco, ele ia, tinha a dinâmica da escola e depois tinha o canto dele né."

Sobre sintomas especiais, Denise relata que Caio teve dificuldades para usar o vaso, a criança retinha as fezes, só conseguia fazer na fralda. O casal recorreu à ajuda psicológica, a mãe afirma que ele começou a usar o banheiro normalmente este ano.

A rotina de Caio está organizada do seguinte modo: No período da manhã fica com o pai, almoçam juntos e então o pai o leva na escola. Quem busca é a cuidadora. O menino tem futsal duas vezes por semana. Denise chega do trabalho por volta de 20:30h, os dois jantam juntos e a mãe acompanha os afazeres da escola.

Denise: "A gente até dividiu isso, porque o pai fica de manhã, a moça a tarde e eu a noite."

Aos finais de semana, Caio joga futebol sábado de manhã, é o pai quem leva, Denise faz conversação de inglês no mesmo horário. À tarde os três costumam passear juntos.

Preocupações quanto à rotina: Denise se preocupa com o horário que o filho vai dormir, porque costuma esperar o pai chegar do trabalho, por volta de 22:30h, desperta e as vezes vai dormir meia noite, conta.

Notamos que o pai tem grande envolvimento com a paternidade, desde o início: André: "Eu nunca falei "isso é coisa da sua mãe", desde o começo "eu quero aprender a trocar fralda, a dar banho", eu sabia que a mãe trabalhando eu teria que ter esse lado de cuidar do menino e não só trabalhar e por dinheiro em casa."

Sobre as concessões que fizeram a partir da parentalidade, o pai conta que abriu mão do segundo emprego para poder participar mais da vida do filho:

André: "Eu ouvia muito dos radialistas mais velhos "meu filho está bem, pena que eu

não acompanhei ele crescer" e isso mexeu muito comigo. Daí eu abri mão também dessa

questão financeira para tentar organizar mais a nossa rotina."

Os dois se consideram realizados na vida profissional e na vida familiar. Parecem ter

constituído uma relação mais democrática e mantém um estilo de relacionamento considerado

moderno, ambos se comprometem e dividem os afazeres domésticos e cuidados com o filho,

embora o pai seja uma figura privilegiada por passar o período da manhã com o filho.

André: "Eu brinco com ele que ele é meu companheirão, de manhã tem as coisas da

casa, banco, alguma coisa assim...eu tento acompanhar ele em tudo que eu posso e ele acaba

retribuindo, mesmo que não seja a coisa mais legal do mundo ele acaba fazendo."

O casal parece estar realizado em sua conjugalidade, e não apresentam maiores

conflitos relacionados à vida em família. Caio preenche um espaço central na vida do casal.

André acentua:

"Eu gosto muito da minha fase da adolescência, quando comecei a namorar com a

Denise, a gente tem ótimas memórias, mas parece que depois da chegada dele potencializa

tudo. Eu até comentei com ela, quando tem festival de natação dele, eu falo pra ela "como é

bom estar aqui com você", isso em muitos momentos me emociona."

Descrição desenhos Caio

1°) Uma família qualquer

Verbalização

Caio: "... minha mãe ficou estranha... vou pegar outra folha..."

Pesquisadora: Você está fazendo a sua mãe?"

Caio: "É... não, meu pai. Estão passeando no parque."

Título: "Família junto"

2°) Uma família que você gostaria de ter

Verbalização

Caio: "Eu vou me fazer com 9 anos...(desistiu) Jogam futebol, mãe fez gol

Pesquisadora: "Quem joga melhor?"

Caio: "Eu (se confunde ao apontar quem é ele na figura, confunde com o pai). "Eu fiz 10 gols

e ganhei um troféu, minha mãe ganhou uma medalha, meu pai não ganhou nada."

Pesquisadora: E quem está no seu time?

Caio: Ninguém é do time de ninguém, é todos contra todos.

Título: "Jogo em família"

3°) Uma família em que a mãe não trabalha fora

Verbalização

Caio: "Essa é difícil... meu pai está vendo o jogo do Corinthians, minha mãe trabalhando no

computador e eu to brincando."

Título: "Família junto"

4°) Uma família em que a mãe trabalha fora

Verbalização

Caio: "É pra fazer só a minha mãe?"

Pesquisadora: Como você preferir.

Caio: "... Meu pai e minha mãe, sempre ela sai cedo aí eu fico jogando com meu pai, eu

ganhei 5 rodadas e meu pai não ganhou nenhuma."

Título: "Trabalhar fora"

Interpretação e análise

Os desenhos de Caio apresentam uma qualidade um pouco imatura para sua idade, as

figuras humanas são feitas a partir de dois círculos (a cabeça e o tronco) de onde saem as

pernas e os braços, representados com traços, não consta mãos e nem pés em suas figuras. A

diferenciação de sexo é feita pelo estilo do cabelo, não são representados maiores adornos,

como roupas ou outros acessórios.

A atitude básica é a identificação positiva, pois Caio ganha "todos os jogos de

futebol", demonstra identificação com o sexo masculino.

As figuras significativas, paterna e materna, são sentidas como positivas, interagem

entre si, não há conteúdos ameaçadores ou de ataque, embora o pai sempre faça menos pontos

nos jogos. Os sentimentos são derivados do instinto de vida, pois expressam interação entre os

três elementos da família, amor, alegria (brincam juntos). Não observamos conteúdos

ambivalentes ou derivados de conflito.

Caio apresenta tendências construtivas e impulsos amorosos. O mecanismo de defesa é

a sublimação.

No terceiro desenho, contudo, os três estão no mesmo ambiente, a mãe está em casa,

mas não está disponível, pois está trabalhando, o pai assiste ao jogo do Corinthians e o filho

brinca, sozinho. Aqui aparecem expressos alguns sentimentos ambivalentes, pois, os pais

estão presentes, mas também não estão, com uma ansiedade depressiva, pois envolve uma

ameaça de abandono dirigida ao ego.

De modo geral, podemos afirmar que Caio expressa figuras parentais presentes, está

sempre ao lado do pai, demonstrando alto investimento afetivo nesta figura e também grande

identificação (Caio inclusive se confunde ao apontar quem é ele na figura).

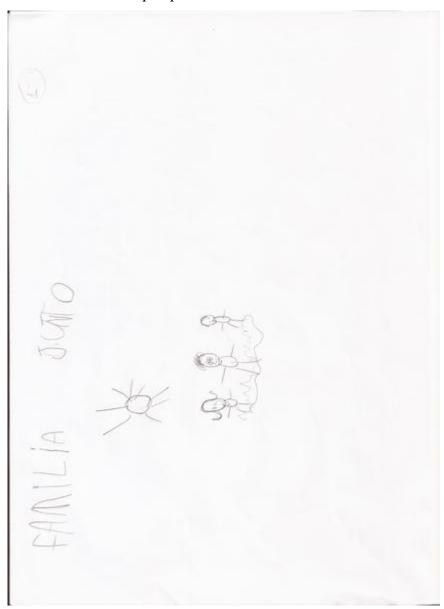
No segundo desenho, a família idealizada, Caio ocupa o lugar central, que faz "dez

gols", além de estar entre os pais, ainda se destaca no jogo.

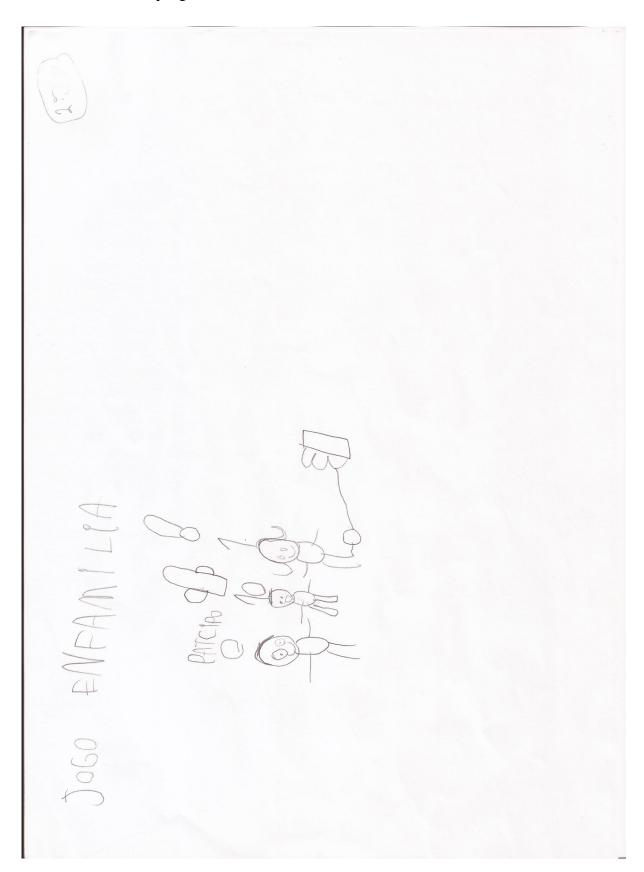
Na família em que a mãe trabalha fora, Caio reproduz dados de realidade, a mãe vai embora e ele fica junto com o pai, brincando.

Em síntese, Caio parece não ter maiores conflitos relacionados à sua esfera familiar, indica um bom desenvolvimento emocional com recursos evoluídos de elaboração dos conteúdos.

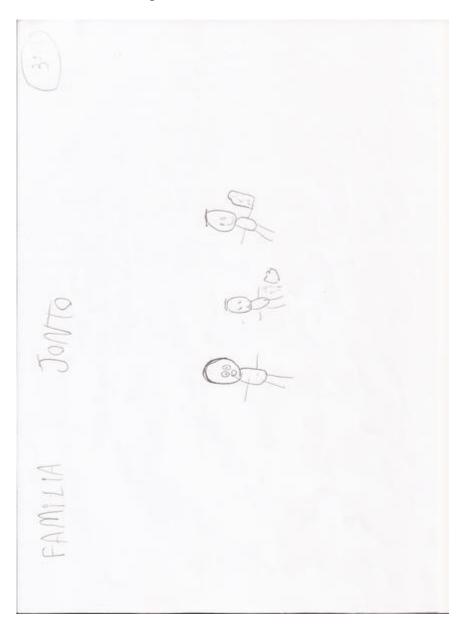
Caio – Uma família qualquer



Caio – Uma família que gostaria de ter



Caio – Uma família que a mãe não trabalha fora



Caio – Uma família que a mãe trabalha fora



Grupo A – Análise Geral

Observamos que entre as famílias em que a mãe trabalha fora, existe uma relação direta entre a satisfação conjugal e a divisão de tarefas. Os casais das famílias 1 A e 2 A mantém uma divisão desigual, havendo sobrecarga para a mulher, que trabalha e majoritariamente resolve as questões referentes a administração doméstica e solicitações do filho, como levar ao médico, fazer o dever de casa, etc. Na família 3 A observamos uma relação mais igualitária entre os cônjuges, grande investimento afetivo no filho e realização profissional mutua, consistindo aparentemente um núcleo familiar saudável.

Os desenhos infantis mostram-se afinados com os dados da entrevista, como podemos observar entre Ana e Bia, o pai é percebido como mais ausente, em compensação grande identificação com a figura materna. Ana mostra profunda dependência na situação em que a mãe trabalha fora, pois vai até ela e não aceita ou não se sente segura apenas com a figura paterna – revela inclusive hostilidade, ao abandonar o pai para ir ao encontro da mãe, revelando sentir esta figura como insuficiente para cuidar dela. Bia, por outro lado, expressa também essa percepção, porém de modo mais sutil, vai desenhar o pai (do lado de fora da casa), mas eis que "sai" uma figura feminina. O pai ganha mais espaço na produção de Bia apenas no segundo desenho (a família idealizada), porém, embora participe, vai até o hospital visitar a namorada que vai ter um nenê, mas acaba comendo os bombons escondido dela, indicando ser uma figura ambivalente para a criança.

Já na família de Caio, notamos uma relação familiar mais harmoniosa e equilibrada tanto na relação conjugal como na parental. A mãe se considera realizada e envolvida com o trabalho. O pai tem uma conduta muito participativa e deposita grande investimento emocional no filho. O estilo do relacionamento é igualitário e a postura parental é democrática. Os desenhos de Caio indicam tratar-se de uma criança bem adaptada, com recursos psíquicos bem estruturados, não apresenta maiores conflitos sobre as figuras parentais. Sente-se seguro quando a mãe sai para trabalhar, o pai é uma figura privilegiada nos conteúdos gráficos. Caio detém uma identificação positiva sobre si, sempre se sobressai nos jogos, "ganha um troféu", "faz dez gols". A

família apresenta boa interação em seus desenhos, e nas quatro instruções nenhum membro é omitido ou alvo de ataques hostis.

GRUPO B

Família 1 B

Hugo

Idade: 7 anos e 2 meses

Os pais de Hugo estão casados há 22 anos, tiveram uma menina de 14, Hugo é o filho do meio, com 7 anos e 2 meses, seguido por Raul, hoje com 4 anos. O pai Nelson tem 48 anos e a mãe, Rita, 45. A história desta família é singular, a mãe trabalhou 25 anos no mercado de jóias (parou em jan/2009), era muito envolvida com o trabalho e segundo o casal, muito explorada por seu chefe.

O casal tem uma historia conjugal conturbada. No nascimento de Juliana, primeira filha do casal, Rita voltou para o trabalho antes de encerrar a licença maternidade, com dois meses e meio voltou, conta ela. Rita confessa que não se lamentava de deixar o bebê em casa, qualquer coisa quem socorria era o marido. Mas Nelson relata alguns eventos marcantes para ele em que a mulher esteve ausente, por exemplo, quando a menina, com três anos na época, teve uma pneumonia e Rita não foi junto no médico.

Nelson: "Tem até uma passagem que ilustra bem. Ela tinha 3 anos (Juliana), aí ela teve uma gripe e não ficava boa. E foi um dia que era o meu rodízio...daí eu peguei a Juliana, meti num táxi, levei no consultório da pediatra, não tinha horário, ficamos eu e ela ali durante horas até que ela pudesse nos atender. Na consulta ela via que estava com princípio de pneumonia, pediu umas radiografias urgente, eu tive que levar ela no laboratório. E durante esse dia inteiro a Rita não saiu do trabalho pra me acompanhar nessa odisseia."

Rita: "Pra mim meu trabalho era a coisa mais importante."

Quando Rita saiu definitivamente do trabalho, após um período de oito meses amadurecendo a ideia, a dinâmica conjugal ficou abalada.

Rita: "Eu comecei a achar que eu fazia mais pelas crianças, que ele não se preocupava, como eu estava em casa ele se acomodou, aquelas coisas..."

Após um ano de separação, a requisição de Hugo, que estava com quatro anos, fez com que os pais se reaproximassem. Hugo é considerado como o filho problema, é mais tímido, precisa de mais ajuda, é mais dependente do que os outros dois.

No período de separação a mãe comenta "até nisso o Hugo reagiu mais", ele fazia o desenho da família, todos juntos. O casal afirma que as dificuldades do filho também fizeram com que eles se reaproximassem.

Nesta passagem, Rita ilustra bem a situação conjugal desfavorável do passado:

"O Nelson tinha sua própria vida e eu tinha a minha, cada um viva suas coisas e <u>as</u> <u>crianças ficavam à deriva</u>, na realidade era isso"

Rita afirma que a dedicação exagerada ao trabalho fez com que ela falhasse em alguns momentos na educação, sobretudo da filha mais velha. Notamos que não houve um preparo emocional para a chegada dos filhos. Rita conta que não pensou muito a respeito, apenas queria ter filhos e "deixou acontecer", porém, acredita que a maternidade veio em um momento de muita realização profissional, com uma boa condição financeira que permitia ao casal uma dinâmica pautada no "princípio do prazer."

Rita: "... a gente tinha uma vida assim, ia três vezes no cinema na mesma semana, não tinha uma noite que a gente saia e vinha para casa. Aíquando eu tive a minha filha eu fiquei em casa, então pra mim toda aquela mudança foi terrível. Eu não via a Juliana e "ai que delicia", não, eu via que eu não podia fazer nada."

Com Hugo, Rita acredita que foi em um melhor momento de sua vida, estava com 42 anos e se sentiu mais amadurecida para ser mãe. Porém, Nelson percebe que Rita se sentiu realizada com a maternidade apenas com o nascimento do terceiro filho, quando Hugo tinha três anos. Até essa idade a mãe mantinha a mesma rotina de trabalho, emocional e fisicamente mais ausente. Além deste fator importante na história da criança, outro evento marcante foi a separação dos pais.

A mãe descreve que a criança como muito carinhosa. O pai já enfatiza mais a questão de "saber se impor", para Nelson, o filho apresenta essa dificuldade, por exemplo, não reclama se alguém passa na frente dele na fila da escola, etc.Na opinião de Rita ele quer agradar e se preocupa muito em ser aceito, acredita que talvez por isso ele não reaja.

Um sintoma que a mãe refere é a respeito da fala, o menino demorou a falar e falava errado, acredita que isso também fez com que ele fosse mais tímido, tinha medo de falar errado, fez tratamento com a fonoaudióloga e melhorou. Também conta que o menino aprendeu a usar o banheiro mais tarde, com dois anos e meio.

A adaptação na escolinha não teve maiores problemas, ele estava com dois anos e meio. Mas em períodos de separação ele fica mais "tristonho" em relação aos irmãos. Quando precisam de auxilio para cuidar das crianças, contam com os avós maternos, o pai de Nelson já é falecido e a mãe mora no Rio de Janeiro, vem pouco para São Paulo.

Os pais se preocupam sobre como ajudar o filho, sem "passar a mão na cabeça", para que ele possa desenvolver sua autonomia.

Notamos que a conjugalidade, após o período turbulento que descreveram, está estável e amadurecida. Existe sentimentos de compreensão e reconhecimento dos erros do passado. Ambos relatam estar satisfeitos com a parentalidade.

Rita: "...é uma coisa que eu to descobrindo todo dia, é essa troca, essa troca de carrinho, de atenção, de *preenchimento* na vida da gente...tá sendo uma descoberta, talvez que eu tenha descoberto até mais tarde e tem sido maravilhoso pra mim."

Nelson: "Eu não consigo me imaginar, na minha vida hoje, na minha idade, sem os meus filhos...eu não consigo nem imaginar...os meus filhos *complementam* a minha vida e dão mais sentido à ela. Ser pai pra mim é um privilégio e eu acho impressionante como alguns homens abrem mão..."

Pelo discurso final dos pais, arriscamos dizer que os termos utilizados (destacados no trecho), "preencher", segundo a mãe, parece que os filhos estão suprindo alguma falta ou insatisfação da mãe, que anteriormente era suprida pelo trabalho, a escolha por este termo pode talvez indicar uma falta de realização pessoal. O termo escolhido pelo pai parece indicar uma maior realização por parte deste, pois os filhos não preenchem um lugar vaio, e sim complementam uma vida que aparentemente está plena.

Descrição desenhos Hugo

1°) Uma família qualquer

Hugo tem um comportamento peculiar, senta na frente da pesquisadora e não diz nada

e também sem muito contato visual, aguarda as instruções e sem nenhuma pergunta ou

comentário começa a fazer o desenho que pedi.

Começa da esquerda para a direita, e vai me dizendo quem é quem, nesta ordem: "eu,

minha mãe, minha irmã, meu irmão e meu pai".

Pesquisadora: O que está acontecendo?

Hugo: "Estão lá fora, indo na piscina."

Desenha então o círculo no canto direito para representar a piscina.

Título: "Família".

2°) Uma família que você gostaria de ter

Aqui ele inclui os avós maternos, mas mantém a ordem do desenho anterior: ele na ponta

esquerda, seguido pela mãe e a irmã (aqui a irmã aparece menor que a mãe), os avós e segue a

sequência já feita: o irmão e o pai na outra ponta.

Verbalização

Hugo: "Tem meu avô e minha avó."

Pesquisadora: "O que eles estão fazendo?

Hugo: "Estão no parquinho"

(Desenha o brinquedo no canto direito da folha)

Hugo: "... aqui sou eu escorregando."

Título: "Melhor dia"

3°) Uma família onde a mãe trabalha fora

Hugo tem dificuldade para fazer esse tema, ele faz e apaga, troca a folha e começa

novamente. Então começa pela figura da esquerda, a mãe, depois na outra ponta da folha, o

pai e entrega o desenho para a pesquisadora.

Verbalização

Hugo: "Aqui é a mãe no computador e o pai trabalhando."

Pesquisadora: Aonde estão os filhos?

Hugo: "Estão em casa."

Título: "Casa"

4°) Uma família onde a mãe <u>não</u> trabalha fora

Faz quatro personagens e entrega a folha.

Verbalização

Hugo: "Eu, minha irmã, meu irmão e minha mãe"

Pesquisadora: O que eles estão fazendo?

Hugo: "Estão dormindo."

Faz então a cama (canto direito da folha) e diz:

"Aqui é o meu irmão dormindo."

Título: "Computador"

Pesquisadora: E por que você escolheu esse título?

Hugo: "Porque eu gosto de computador."

Análise e Interpretação

Observações formais: Os personagens não tem pescoço, a cabeça está "enterrada" no tronco, as mãos não seguem um padrão, são bolas, as vezes riscos, pontudas. Em três dos quatro desenhos, Hugo faz algum elemento no canto direito da folha: uma piscina, um escorregador e uma cama.

Não há nenhuma distinção entre sexo feminino e masculino. Apresenta uma produção muito pobre em relação às crianças da sua idade, as figuras são grotescas – indicando imaturidade emocional e/ou cognitiva.

Em relação as *atitudes básicas* está bem evidente a insegurança e identificação negativa. Sobre as *figuras significativas* Hugo não enfatiza em seus relatos nenhum membro, todos fazem coisas juntos, nenhum se sobressai, identificamos porém, uma forte ligação com a figura materna, pois, nos dois primeiros desenhos aparece ao lado dela, considerada como figura positiva. O pai, embora esteja destacado no primeiro desenho como a maior figura, no último é omitido por Hugo, parece ser sentida como uma figura positiva e negativa. Em relação às figuras fraternas, parece que Hugo percebe o irmão mais novo como elemento de competição, já que o representa maior que si mesmo no segundo desenho e nos outros tem a mesma altura. A irmã é normalmente maior que a representação de si e no último desenho está ao lado dele e mais próxima, enquanto o irmão mais novo e a mãe ficam um pouco mais distantes. As figuras fraternas são tanto positivas como negativas, aparecem elementos de competição mas também de proteção.

Diante desses aspectos ambivalentes, os *sentimentos expressos* são derivados do conflito, pois os desenhos de Hugo indicam também sentimentos como medo do abondono (como na terceira unidade de produção).

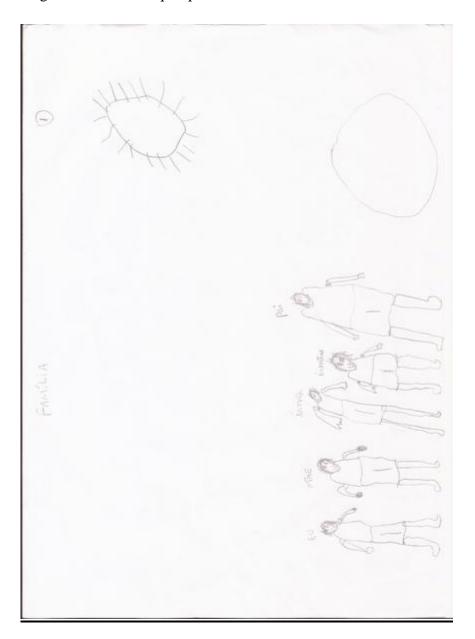
Sobre *tendências e desejos* Hugo demonstra necessidade de suprir faltas básicas, condizendo com os sentimentos expressos, na família idealizada Hugo indica a sensação de falta de figuras de proteção, incluindo assim os avós.

Os *impulsos* são mais destrutivos do que amorosos, a ansiedade predominante é a paranóide, a criança demonstra sentimentos de abandono, como no terceiro desenho. O mecanismo de defesa é a sublimação, o conteúdo de suas estórias são sempre momentos de diversão, "estão passeando", "estão na piscina". Também existe regressão, a representação da mesma figura ocupando dois lugares ao mesmo tempo já não é mais esperado para a idade de Hugo, como reproduz no segundo e no quarto desenho.

Em síntese, observamos que a percepção dos pais sobre Hugo condiz com o conteúdo de suas produções, trata-se de fato de uma criança com prejuízos em sua expressão gráfica e verbal, apresenta sinais de angústia, com um traçado tremido e a presença de sombreamento nos desenhos. Na família idealizada a mãe é apresentada como mais protetora (mais alta que ele), aspecto que não se repete nas outras produções. Outro fator muito interessante é o modo comoa criança representa a família em que a mãe trabalha fora (figura três), diante de todos os conflitos relatados pelos pais neste processo, inclusive culminando na separação. Hugo faz

duas figuras parentais isoladas e distantes e os filhos não cabem na representação, existe um grande vazio na folha.

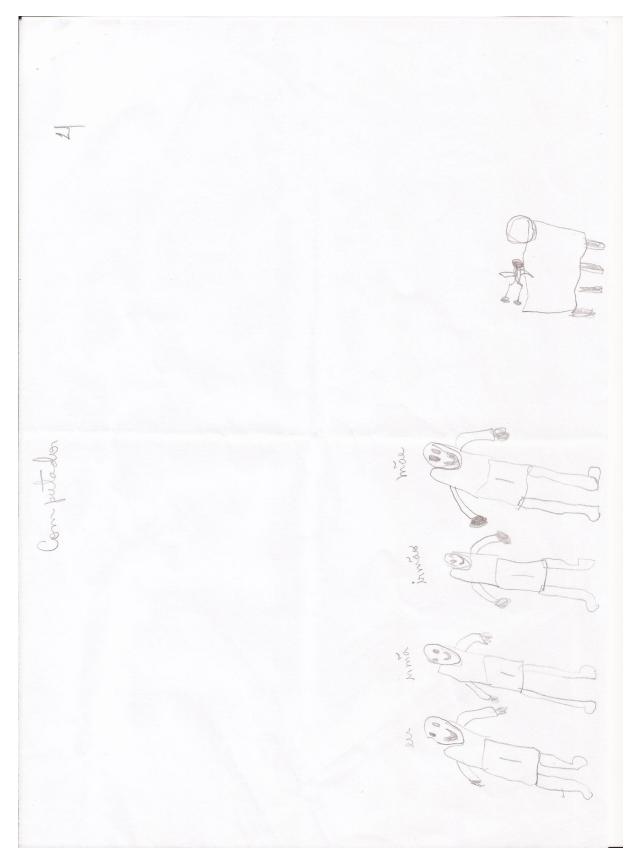
Hugo – Uma família qualquer



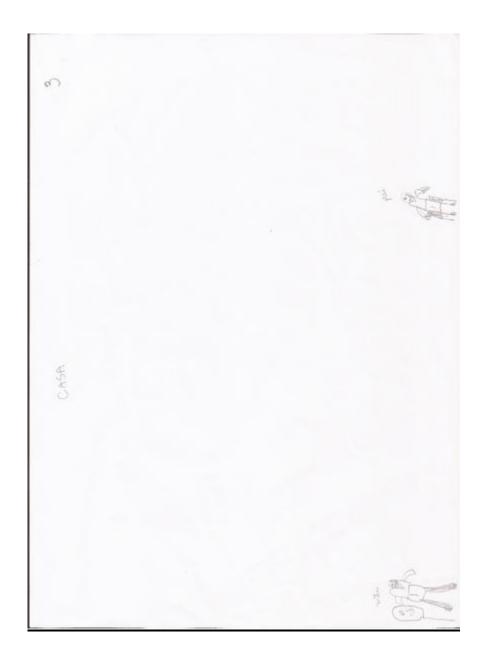
Hugo – Uma família que você gostaria de ter



Hugo – Uma família que a mãe não trabalha fora



Hugo – Uma família que a mãe trabalha fora



Família 2B

Tiago

Idade: 7 anos e 3 meses

A mãe de Tiago, Joana, tem 45 anos, se formou em desenho industrial, trabalhou na área até o filho nascer. O pai, Cesar, está com 45 anos, é publicitário e está concluindo a segunda pós-graduação. Estão casados há 13 anos e Tiago é o único filho.

Joana conta que não foi uma opção parar de trabalhar, ela precisou se afastar porque descobriu que estava com câncer. Após dois meses que havia retornado ao trabalho, Tiago, portanto estava com seis meses, Joana descobriu a doença e foi afastada pelo INSS, em 2005. Em 2008 recebeu alta, porém, houve uma mudança na gerência e Joana foi mandada embora.

Joana: "Eu ia voltar a trabalhar normalmente, com o coração apertado porque eu tinha ficado todo esse tempo com meu filho, mas ai eu fui mandada embora. Daí já estava em setembro eu desisti de procurar naquele ano, daí eu fui fazer curso pra me atualizar, eu comecei a procurar emprego e não achei nada, e nisso foi passando, eu fui ficando, eu queria procurar com calma, eu não queria mais ir pra zona sul, quero trabalhar perto de onde eu moro e foi passando, pá, fiquei em casa. E ele também não aceitava (o filho) falava que eu iria trabalhar fora ele chorava (...). Então não foi uma decisão, foi acontecendo."

Embora não tenha sido de fato uma opção parar de trabalhar, Joana esclarece que foi compensador parar de trabalhar:

Joana: "Mas foi importante, eu fiquei muito doente e assim, eu vi meu filho crescer, eu escolhi a escola, fui em todas as reuniões, eu levei pra tomar todas as vacinas, eu vi todos os dentes crescerem, eu ensinei a andar, eu alfabetizei ele aqui em casa, eu levei e busquei todos os dias na escola, então esse lado também não deixava muito eu procurar emprego, entendeu, porque esse lado mãe, eu sempre quis ter um filho, as vezes fala mais alto, as vezes não, sempre fala mais alto. Agora ele com 7 anos, ta mais maduro, ele fala "mãe, se você trabalhar, vai ter mais dinheiro daí vai dar pra comprar mais coisas?" ai ele já "então <u>pode</u> voltar a trabalhar", então ele já ta maiorzinho, já se vira bem, mas eu levo na natação, levo no pediatra, eu vivo em função dele, quando eu voltar a trabalhar isso vai mudar um pouco."

Joana demonstra um conflito, pois, ao mesmo tempo em que aponta argumentos positivos para sua situação, por outro, explicita um valor subjugado de mãe que "fica em casa" e enaltece as várias funções que exerce, a partir do referencial de outros profissionais:

"Então não foi assim, olha, você vai parar de trabalhar e vai cuidar da casa e do filho, não, foi uma conseqüência, mas eu não estou trabalhando, to só cuidando do Tiago, entre aspas né, trabalho muito aqui em casa, sou motorista, sou gerente, administradora, eu sou Office boy, eu sou mãe, porque é uma loucura assim, até tarde da noite você tá correndo atrás de coisa, da lição, vai comprar isso, comprar aquilo, é uma rotina dura, toda hora tem coisa, e assim, é a mesma coisa todos os dias, então é um pouco chato, mas por outro lado você não pega transito, você não tem gente brigando com você por causa do trabalho, não tem ninguém puxando seu tapete, então tem assim né, os dois lados."

Notamos também que antes de Joana parar de trabalhar, a rotina doméstica se sobrecarregava à profissional, pois a divisão das tarefas era pautada segundo um modelo tradicional de relacionamento:

"Eu deixava o Tiago na minha mãe, depois ia buscar, isso levava tempo, chegava em casa 20:30, ai ia fazer janta..."

História de vida do Tiago

Joana inicia seu relato contando sobre o dia do nascimento, onde ilustra a criação de um vínculo forte ccom o filho:

"um fato marcante foi quando trouxeram ele eu encostei a cabeça na dele e falei "nene, não chora, é a mãe" ele parou na hora."

Os pais demonstram um alto grau de investimento narcísico neste filho, com várias passagens como as que se seguem:

Joana: "E uma coisa, ele nasceu muito durinho, a moça lá disse seu bebe é diferente, ele é muito durinho...e a gente achou engraçado, daí pus esse brinquedo no chão pra ver se eu conseguia fazer uma comida, e ai me chamou a atenção por que ele mexia muito bem nas coisas e ele já se arrastava."

"Ele teve um desenvolvimento muito precoce, com 10 ele já andava, ele sempre foi uma criança muito independente, ele quer uma coisa ele vai lá e faz."

"Ele já foi alfabetizado com 4 anos, com 2 anos ele já sabia o alfabeto inteiro, eu ficava no computador e ia falando pra ele"

Cesar: "Ele realmente tem uma personalidade muito forte, ele quer uma coisa, <u>e não é</u> <u>só questão dele ser mimado</u>, ele é muito <u>decidido</u> naquilo que ele quer."

"Ele é uma criança muito criativa, ele é muito autêntico e ele não gosta de regras"

O discurso do casal parece estar rodeado de re-significações sobre comportamentos e atitudes negativas do menino . Também notamos em várias passagens o caráter super protetor de ambos os pais:

Cesar: "Ele é <u>muito espontâneo</u> e <u>a escola é mais rígida</u>, e ai teve um ano que a professora ficava em cima dele e aporrinhava né…e ai ah, precisa ver de levar esse menino pra psicóloga que ele não se adéqua a escola, num sei o que…ai pô, não é possível, a criança não ta nem no primeiro ano ainda, com 5 anos já falar que não se enquadra. <u>Essa professora não ta bem intencionada</u>, não é legal falar isso e ai a gente tava até pensando em trocar de escola."

A mãe então pondera, mas sempre enfatizando as qualidades do filho:

Joana: "Voltando a falar do Tiago ele tem excelentes notas, o comportamento que deixa um pouco a desejar, porque assim ele é mandão, ele é muito autoritário. Agora eu to levando na psicóloga porque ele quer mandar e as crianças não querem obedecer e ele quer ganhar no grito, ele quer ganhar as vezes batendo, então eu vi que fugiu um pouco do meu controle, então eu to levando ele na psicóloga agora tem pouco tempo, pra ele aprender a seguir regras, a respeitar os amigos. <u>Mas</u> assim ele é uma criança muito alegre, ri muito, faz gracinha."

Joana: "Ele é muito autêntico, ele fala assim "mãe eu não gosto de mulheres gordas, eu acho feio", ou "mãe eu não gosto do seu cabelo preto eu prefiro ele loiro", ele expressa muito esse tipo de coisa. As emoções afloram mesmo, é uma característica dele, mas isso eu vou ficar aqui falando dias do Tiago (risos)."

Tiago entrou na escolinha com três anos e dois meses, a mãe conta que ele chorava muito e gritava, demorou dois meses para se adaptar, Joana ficava na escola esperando durante o período.

Joana: A coordenadora me falava que ele sentia que eu ficava com dó, mas não tinha como não sentir.

De fato, a história se resolve quando a mãe consegue ter uma postura mais firme, a partir de um evento traumático no supermercado. O menino ficou doente e precisou faltar na escola por três dias. Um dia a mãe foi fazer compras com o filho e então Tiago se perdeu.

Joana: "No outro dia eu falei pra ele assim: "Você vai pra escola, você pode chorar, você pode arrancar os cabelos, mas você vai pra escola e eu vou embora, eu tenho as minhas coisas pra cuidar, eu não vou mais, você tá entendendo ?Eu não vou mais ficar lá sentada esperando você sair."(...) Nunca mais chorou, acabou o problema, porque eu também desapeguei, ele via que eu sofria, então ele tava me chantageando"

Observamos também que a relação de autoridade é bastante desigual entre o casal. A mãe detém o poder de decisão, se impõe mais perante o filho, ainda que constitua uma relação super-protetora como já apontamos. O pai não consegue estabelecer esta relação com o filho:

Cesar: Por exemplo, tem vezes que ele dorme no sofá e a gente põe o pijama nele e ai <u>ela fala</u> pra por ele pra fazer xixi senão ele pode fazer na cama, eu pego ele, levo ele pro banheiro, arrumo ele pra fazer xixi, ele sobe a calça e vai pra cama (risos)

Joana: Eu falo pra ele "mas o menino manda em você?"

Cesar diz que não se importa e as vezes acha até engraçado a rebeldia do filho com ele.

Joana aparenta estar mais dedicada e comprometida com a educação do filho, em relação a Cesar. Existe um grande desequilíbrio entre a relação estabelecida com a mãe e com o pai.

Joana: "Eu fui ficando amiga dele, ele me conta tudo, se ele fez alguma coisa errada ele me conta, se gosta de uma menininha ele vem me contar, se tem algum problema no corpo, feridinha, se ta coçando ele não mostra pro pai ele mostra pra mãe. Então a gente tem esse vinculo imenso que eu acho que só se deu porque eu tava em casa, tava junto com ele. E outra coisa também, eu fiquei com câncer, a primeira coisa que vem na cabeça "vou morrer" e vou deixar um ser tão pequeno sem mãe, talvez por isso ele seja assim mimado, eu não sabia quanto tempo eu tinha com ele."

Pai: "Eu me ajustei no trabalho pra ficar mais com ele, mas tem isso de ter que se atualizar, então eu acabei ficando mais distante, isso se reflete aqui em casa da seguinte forma, a relação que ela tem com o Tiago é muito maior do que a relação que ele tem comigo, não é

nem uma questão de amor, mas é uma questão de cumplicidade, (...) e não é uma coisa de eu

sentir ciúmes, de me sentir excluído, não, pra mim isso não faz diferença, não é que eu não to

nem ai pra ela nem pra ele, mas é que eu acho bonita a relação. Ele fala tudo pra ela e eu

acho bom, o importante é ele estar falando dentro de casa e se ele crescer dessa forma eu

acho que ele tem tudo pra ter um bom caminho."

Descrição Desenhos Tiago

1°) Uma família qualquer

Tiago começa com o menino no canto esquerdo, Brady's, denomina ele. Depois faz

"Rebeca" e diz que ela tem três anos. O pai é Ozzy e tem 38 anos. Mas então Tiago decide

trocar os personagens, se dá conta de que fez o pai menor do que o filho (verbaliza isso

quando a pesquisadora lhe questiona porque decide fazer a alteração). Então ele apaga a idade

de Brady's, que antes tinha 13 anos e coloca 38. E Ozzy fica com 9 anos, representando o

filho. Embora mude a idade das figuras masculinas, percebemos que ambas têm aspectos

infanto-juvenis, não é feita uma figura paterna com a representação de um adulto.

Pesquisadora: O que eles estão fazendo?

Tiago: "Estão tirando uma foto."

Título: "Família Jackson da Silva Pereira Motta"

Pesquisadora: Como você escolheu esse nome?

Tiago: "Jackson é por causa do Michael Jackson, eu gosto dele, e os sobrenomes de alguns

amigos da minha escola."

2°) Uma família que você gostaria de ter

Verbalização

Tiago: "A família que eu gostaria de ter é de três mesmo"... "Vou começar pelos

sapatos"

(Faz então sapatos masculinos, depois um feminino (com saltos) e por fim mais um

masculino. Continua pelo último sapato desenhado e faz a figura, dá o nome "Tiago", depois

faz a mãe e por úlltimo o pai.

Pesquisadora: O que eles estão fazendo?

Tiago: "Uma foto de família"

Pesquisadora: "Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar desta família?"

Tiago: Não.

E vai correndo mostrar para a mãe a família que ele gostaria de ter (que é igual a sua),

buscando claramente a aprovação da mãe, que elogia e lhe dá um beijo.

Título: "Família S." (o sobrenome da família)

3°) Uma família em que a mãe trabalha fora

Tiago tem dificuldades para fazer este desenho, pensa um pouco, diz que não quer

fazer. Nesta situação a mãe estava na sala de estar, e ele vai até lá e deita no tapete, fazendo

birra, ela briga com ele, mas ele não obedece, ela o levanta e cochicha algo em seu ouvido, ela

diz a ele que eu vou contar para a namorada dele que ele faz isso, fica com vergonha, pede

para que eu não conte.

Após esse episódio ele volta e termina o desenho. Faz ele e a avó materna.

Tiago: "Estou passando a tarde na casa da minha avó"

Título: "Tiago e a vovó"

4°) Uma família em que a mãe não trabalha fora

Tiago reproduz o modelo do segundo desenho, e intitula "Tiago, mamãe e papai".

Novamente começa o desenho pelos sapatos (de todos os personagens) e depois então constrói

o corpo das figuras. Inicia pelo pai, depois a mãe e ele por último.

Conta "Estão no parque", não se estende e logo se retira da mesa.

Interpretação e análise

No primeiro desenho de família os membros estão mais afastados. Em alguns pontos

Tiago calca mais o lápis ou preenche com grafite espaços em branco, como no segundo

desenho em que pinta a roupa de baixo dos personagens. Ainda no segundo desenho, notamos

que ele primeiro faz o desenho de uma saia para a mãe, depois apaga e desenha uma calça, como as figuras masculinas, mas faz o sapato de salto alto.

As orelhas chamam a atenção pelo tamanho, sobretudo no último desenho. As mãos também são enfatizadas, em todos os personagens e em todos os desenhos. Nos desenhos de Tiago sempre a figura feminina está no meio de duas masculinas, com exceção do terceiro desenho, onde faz apenas ele e a avó.

O desenho mais curioso e que parece identificar mais conflitos é o primeiro. Nesta representação, Tiago se confunde com "o pai" e acaba fazendo dois garotos, dando a impressão de que não tem uma figura paterna nesta família. Além disso, pode também indicar o pai como uma figura de competição e rivalidade, pois ambos parecem ocupar a mesma posição, a figura feminina é feita no meio dos dois. A menina que Tiago desenha tem três anos – talvez a percepção de fragilidade desta mãe após um período conturbado de doença e tratamento, que quase a matou. Pensamos que Tiago indicou a percepção que tem da mãe enquanto figura que precisa ser cuidada.

Outro aspecto que demonstra a aparente hostilidade com a figura paterna é quando Tiago diz "O pai é Ozzy" (Ozzy é um boneco de um esqueleto que tem na casa da família e que Tiago tem medo). Porém, no resultado final é ele quem acaba "virando" o Ozzy, na mudança que opta por fazer entre os personagens.

As *atitudes básicas* são de aceitação, como na situação do segundo desenho, onde busca a aprovação da mãe e também oposição, diante da hostilidade direcionada à figura paterna. Tiago também demonstra uma *identificação positiva*.

Nesta mesma linha, notamos que as figura paterna é negativa e a materna é positiva e negativa, pois no primeiro desenho é uma figura ausente, em seu lugar há uma menina de três anos, por outro lado, na família idealizada é essa mesma mãe, e no último desenho a família passeia e consta uma figura materna do seu lado. Notamos que a situação em que a mãe trabalha fora não é percebida como angustiante, a criança, diante da ausência da mãe consegue buscar outra figura substituta, a avó.

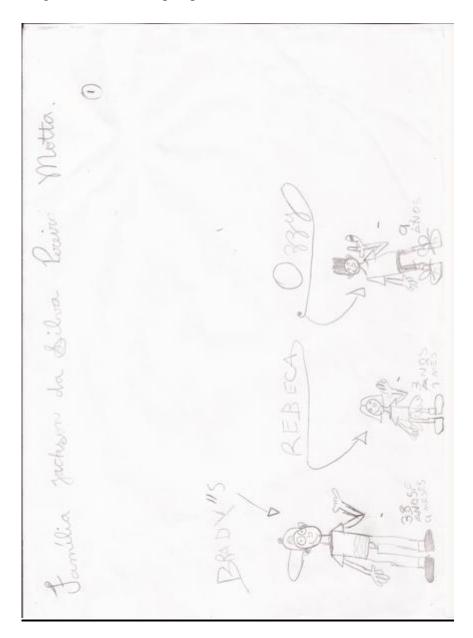
Os sentimentos são derivados do conflito, existem elementos do instinto de vida e de morte coexistindo. Os conteúdos das estórias são positivos, mas existe a disputa velada com a figura paterna.

Sobre *tendências e desejos*, emergem tendências construtivas e destrutivas, os impulsos também refletem a ambivalência, são amorosos e destrutivos. Com uma ansiedade depressiva.

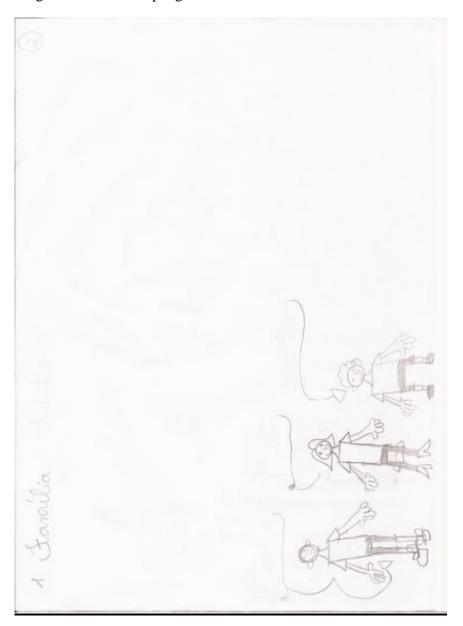
Dentre os *mecanismos de defesa*, inferimos a negação, já que a família idealizada é a dele mesmo, não se permitindo explorar um pouco mais aspectos que sente faltar em sua esfera familiar.

De um modo geral, podemos afirmar que os desenhos e até mesmo o comportamento com "as birras" durante a aplicação do procedimento, estão de acordo com o relato dos pais. Um dado importante, é que, ainda que tenham recebido a instrução de não permanecer no mesmo ambiente que a criança no momento de fazer os desenhos, os pais ficaram na outra sala, mas sem nenhuma divisão por parede, podendo ter acesso ao que o filho verbalizava. Isto indica a dificuldade de se separar da criança, como a mãe já havia dito, querer ajudar, vigiar, não sabemos, mas não foi possível realizar a aplicação do procedimento sem dizer que a presença da mãe influenciou, e muito, o comportamento de Tiago. Porém, a atitude de Tiago sugere que se trata de uma criança que tem uma preocupação excessiva em agradar esta mãe, (ele não mostra o desenho para o pai) e usa de mecanismos infalíveis para tal: "a família que eu quero ter é essa mesmo".

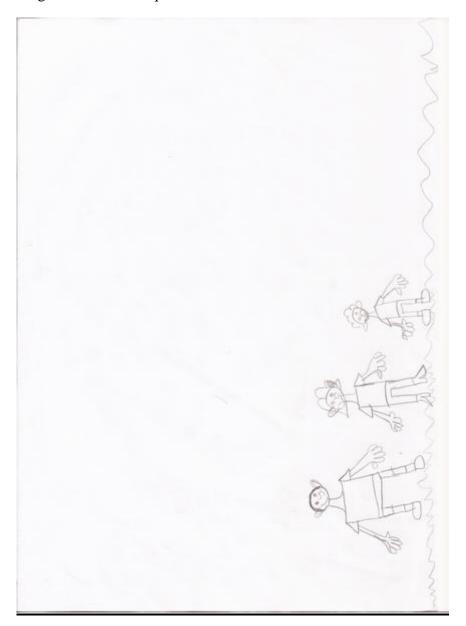
Tiago – Uma família qualquer



Tiago –Uma família que gostaria de ter



Tiago – uma família que a mãe não trabalha fora



Tiago –Uma família que a mãe trabalha fora



Família 3B

Gabi

Idade: 6 anos e 5 meses

Os pais de Gabi estão casados há oito anos e namoraram por cinco, somando um tempo de união de treze anos, Gabi é a filha mais velha, tem uma irmã mais nova de dois anos e onze meses. O pai, Luis, está com 43 anos é professor do ensino superior e Glaucia está com 31 anos, formada em publicidade, parou de trabalhar uns meses antes de se casarem, segundo ela para organizar as coisas do casamento, e já tinha optado por não seguir uma carreira, fez alguns estágios na faculdade e depois de formada trabalhou dois anos na área, mas não estava satisfeita com o mundo corporativo.

Glaucia: "Eu só consigo ver o lado positivo, porque é aquilo, se um dia eu precisar voltar pro mercado de trabalho... eu sou nova, se ele falasse que nossa renda não está dando eu voltaria, sem problemas. Mas pelo que eu vivi no setor empresarial, politicagem, engolir sapo. Pelo que eu ajudo elas e ele também, eu não me sinto ociosa, trabalho pra caramba, até mais do que se eu trabalhasse em empresa. Então eu só tenho benefício, eu passo o tempo todo com elas, eu acompanho, sei a evolução escolar, consigo estar bem presente, ir atrás das necessidades delas, porque a escola solicita estar presente nas reuniões. Eu sou realizada, não trabalhar fora não me faz falta."

A decisão de Glaucia é legitimada por Luis, que afirma que caso ela trabalhasse teriam que se cercar de outros serviços para cuidar das crianças. Glaucia complementa o quanto percebe que as crianças sentem falta da mãe ir buscar na hora da saída da escola.

A única questão apontada por Luis é o fator renda, segundo ele:

Luis: "A única desvantagem é renda, mas a gente não tem problema de renda, então tudo que ela puder dedicar pras crianças, pra mim é ótimo."

Sobre a organização da renda familiar, quem toma a frente é Glaucia, mas transparece o receio de ser julgada pela condição de depender financeiramente do marido:

Glaucia: "Eu que faço as aplicações. Eu cuido do cartão de crédito, mas eu não sou essas dondocas "ah, hoje eu vou ao shopping"... primeiro que ele não teria confiança em mim, já teria tirado o cartão de crédito."

Sobre a divisão de tarefas, Glaucia não traz nenhuma queixa, diz que Luis sempre foi muito participativo, ela resolve as coisas, mas sabe que pode "contar com ele se precisar".

Luis diz que segue o modelo da família de origem:

"É aquele modelo arquetípico bem bonitinho, que é papai, mamãe, irmãozinho, cachorrinho... nas duas famílias, então é o modelo padrão, e é o mesmo modelo que a gente tem aqui."

É interessante a relação de "bonitinho" que se faz com o modelo de família tradicional.

O nascimento de Gabi foi planejado, inclusive o dia do nascimento, conta a mãe:

Glaucia: Nossa vida tudo é planejado, eu sou muito metódica.

Luis: E eu sou formado em planejamento estratégico

Glaucia: Então tudo funciona com lista, com data, tudo dá certo. E o dia que eu marquei pra Gabi nascer foi o dia que ela nasceu.

Luis: Uma coisa que frita a cabeça dos dois é quando algo sai fora do planejado.

Sobre as expectativas com o nascimento de Gabi, a preocupação dos dois destoa, Luis enfatiza a preocupação com a renda e Glaucia com sua atuação enquanto mãe. Isto faz sentido a partir da escolha de desempenho que decidiram para suas vidas, ele como o provedor e ela como a "boa mãe", dedicando-se exclusivamente ao cuidado dos filhos.

Luis: "Minha preocupação era mais no sentido de saber se iria dar pra suprir, se daria pra manter a educação..."

Glaucia: "Não, eu era mais o afetivo assim...de saber se eu iria saber ser mãe, de estar sozinha com uma criança e saber se virar."

Ambos parecem participar de modo mais igualitário na tomada de decisões, imposição de regras, etc. Os pais têm um acordo de que os dois precisam consentir sobre os pedidos da filha, caso contrário não tem discussão. O pai, embora fique muito fora de casa por conta do trabalho, tenta participar e estar próximo. Conta que conversam nas refeições sobre o dia na escola, grava os desenhos que a filha gosta para assistirem juntos. Não notamos conflitos entre a dinâmica estabelecida, embora tenhamos observado que há uma tendência em nega-los, sobretudo pelo discurso de Glaucia.

Sobre a parentalidade, notamos uma hierarquia herdada do modelo de família tradicional, onde a mãe trabalha a imposição de regras e quando não consegue sucesso transfere o problema para o pai, que têm uma postura "mais firme". Neste trecho essa condição é bem explicitada:

Glaucia: "É que nem na escola, a professora tenta controlar a classe quando ela não consegue, leva pra coordenadora. Eu acho que funciona igual aqui em casa."

Outro ponto destacado é a postura de superproteção materna, Glaucia comenta que sempre ia ao colégio tirar satisfação daquilo que a filha contava em casa, mas foi orientada pela escola a agir de outro modo:

Gláucia: "Eu sou muito emocional assim, então ela me via indo discutir, cheia de razão, acho que ela se sentia importante de me ver chegar ao colégio, defender ela (sic). Ai a coordenadora e a professora me instruíram que a próxima vez que acontecesse alguma coisa para que eu não reagisse tão emocionalmente..."

O pai afirma que esta relação já não é a mesma com ele, pois não dá atenção aos apelos da menina. Este é outro fator que reproduz a dinâmica da família tradicional, o pai detém uma postura mais racional frente à postura passional da mulher.

Sobre sintomas especiais, lembram de uma fase em que Gabi tinha náuseas em situações de mudança, este sintoma teve início com 4 anos de idade. É importante lembrar que neste período coincidiu com a gravidez e nascimento da irmã mais nova (Sabrina nasceu quando Gabi estava com três anos e quatro meses). Outro fator também pode ser a natureza mais metódica do casal, dentro de um ambiente muito previsível e controlado, como é na sua casa, as surpresas do "mundo lá fora" podem ser mais assustadoras.

Gabi entrou na escolinha com dois anos, a mãe diz que estava preocupada que a

menina pudesse interagir com outras crianças, pois na família só tinham adultos, a adaptação

foi muito tranquila, mas Glaucia se sentiu ansiosa nesse momento.

Glaucia: "No primeiro dia eu fiquei aqui em casa e não via no relógio a hora de ir

buscar, mas depois que eu confiei. Ela foi daquelas crianças que sai bem e a mãe é que sai

chorando (risos), ela me deu tchau e saiu tranquila."

De um modo geral, parece que o casal estabeleceu uma dinâmica parental que

funciona satisfatoriamente e é sentida como positiva pelos dois. A conjugalidade também é

sentida como satisfatória, gostam de sair só os dois, reservam esse tempo para o casal, as

filhas ficam com a avó materna nessas situações. Existe alto investimento afetivo nas filhas, o

pai é uma figura bastante participativa na entrevista e demonstra grande preocupação com a

forma de educar e a rotina das filhas. Não parece haver um desequilíbrio relativo ao grau de

envolvimento e investimento parental.

Descrição desenhos Gabi

1°) Uma família qualquer

Verbalização

Pesquisadora: Conta pra mim o que você fez?

Gabi: "O pai, mas com um cabelo diferente, a mãe costuma usar calça e e eu fiz com um

vestido estampado, o menino no meu lugar, e uma irmã igual."

Pesquisadora: O que eles estão fazendo?

Gabi: "Estão passeando"

Título: Família Pereira

Pesquisadora: Por que este nome?

Gabi: "Porque tem um amigo e uma amiga com esse sobrenome"

2°) Uma família que você gostaria de ter

Verbalização

Gabi: "É a Katia e o Jonas."

Pesquisadora: E quem são eles?

Gabi: "A Katia é uma professora legal, que leva para passear no parque, o Jonas eu peguei do personagem do cara a cara, ele é bonzinho. A mãe dessa família é mais baixinha e tem o cabelo mais comprido que o da minha mãe."

Pesquisadora: O que eles estão fazendo?

Gabi: "Estão indo para o shopping."

Título: "A saída para o shopping"

3°)Uma família em que a mãe trabalha fora

Gabi: " ...eu conheço uma mãe aqui do prédio... "

Pesquisadora: Me conta um pouco sobre essa família que você fez.

Gabi: "O menino é fã do Mario Kart, o pai fica vendo desenho de gatinho e leva ele pra natação de terça e quinta, e a mãe vai trabalhar."

Pesquisadora: E isso aqui que você desenhou?

Gabi: Eles tem uma tartaruga de estimação.

Pesquisadora: E qual o nome que você dá para o seu desenho?

Gabi: "...não sei...deixa eu pensar" (...) "Já sei!" "Avós tomando conta, porque ele fica com os avós enquanto os pais trabalham."

Título: "Avós tomando conta"

4°) Uma família em que a mãe não trabalha fora

Verbalização

Após a instrução Gabi logo identifica que trata-se do seu modelo de família:

Gabi: "É a minha família."

Quando termina conta:

Gabi: "Eles estão saindo pra ir ao beach park."

Pesquisadora: O que é o beach park?

Gabi: "É um parque aquático super legal que a gente vai."

Título: "A família reunida"

Interpretação e análise

Os desenhos de Gabi são bem trabalhados e são compatíveis com a estrutura esperada

para sua idade. Faz uso de adornos tanto nas figuras femininas como masculina, com vestido

estampado, chapéu, óculos, botões, etc. Notamos que a figura paterna aparece sempre em

posição mais elevada em relação aos outros membros, sugerindo ser percebida por Gabi como

a figura de proteção desta família.

Quanto as atitudes básicas prevalece a identificação negativa (figura 1 e 3), Gabi faz o

desenho de uma família em comparação com a sua, é como se fosse sua família, mas os

membros tem características diferentes da realizada, como acontece no primeiro desenho.

Além disso, Gabi se coloca em duas produções como um menino. Também consta atitude de

oposição, diante da hostilidade expressa pelas "faltas", onde os membros são a sua família,

mas com características diferentes.

As figuras significativas são sentidas como positivas e negativas, estão incluídos nesta

esfera a figura paterna, materna e fraterna. Ao mesmo tempo em que a família faz passeios e

estão juntos, com figuras bem trabalhadas no conteúdo formal, por outro lado, apresentam

algumas características que não condizem com o que são na realidade.

Dentre os sentimentos expressos parece estar associados aos instintos de vida, pois os

personagens são bem desenhados, com feição agradável, os conteúdos das estórias envolvem

alegria e união. Sobre tendências e desejos prevalecem as construtivas, com impulsos

basicamente amorosos.

A ansiedade é mais depressiva, pois não constam elementos que indiquem que o ego

sente-se ameaçado. Gabi, além da sublimação, apresenta outras defesas como a racionalização

e certa negação. Como exposto nos dentes destacados no primeiro desenho, enquanto as

figuras sorriem. Além de explicar todos os elementos que fez diferente da família real, inclusive ela própria sendo um menino.

Existem aspectos curiosos em relação à figura fraterna que podem estar relacionados com a identificação com o outro sexo. Gabi evidencia a figura da irmã sentida como uma ameaça ao seu lugar, sobretudo diante do pai, e "virando" um menino o conflito proveniente da competição pode se amenizar.

Gabi também demonstra sentir o amor do pai pela irmã como uma ameaça, pois nos desenhos em que a irmã aparece, fica posicionada entre o pai e a figura que Gabi escolheu ser no desenho. Segundo os dados da entrevista os pais confirmam que o nascimento da irmã trouxe alguns sintomas para a criança. Inclusive, Glaucia acredita que a filha começou a "aprontar" na escola para chamar a atenção, a irmã mais nova é considerada mais "arteira" pelos pais e Glaucia avalia que talvez Gabi esteja querendo mostrar que "ela também faz arte".

Na família idealizada a irmã é omitida, reforçando esta análise.

Podemos analisar, ainda no desenho da família que gostaria de ter, que Gabi não faz os pais no mesmo plano da folha, ela fica no mesmo plano com o pai, mas a mãe é feita em um plano inferior aos dois, podendo indicar certa disputa da figura paterna com a mãe.

De um modo geral, podemos destacar que Gabi demonstra grande envolvimento afetivo com a mãe, sempre é a primeira figura a ser desenhada, e recebe adornos como vestidos estampados e penteados, sempre se representa ao lado dessa figura materna. O pai também é considerado um elemento presente e destacado, está sempre mais alto que os outros, porém talvez Gabi revele um desejo de maior proximidade, já que na família idealizada ele aparece no centro, com ela ao lado dele. Segundo os dados da entrevista, notamos que, embora o pai esteja atento e tenta participar, por outro, não está disponível em muitos momentos como quando precisa trabalhar em casa e não pode ser interrompido.

Gabi –Uma família qualquer



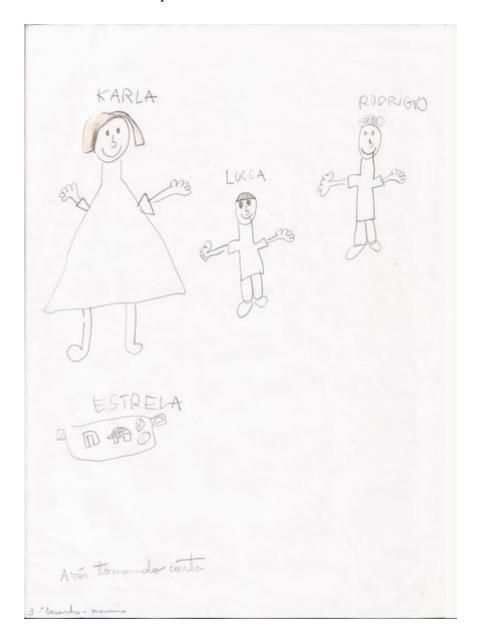
Gabi – Uma família que gostaria de ter



Gabi –Uma família que a mãe não trabalha fora



Gabi – Uma família que a mãe trabalha fora



Análise geral – Grupo B

Entre as três famílias em que a mãe não trabalha fora, observamos que apenas a família 3 B indica um bom relacionamento conjugal. A família 1B, expõe um histórico conturbado, resultante basicamente da falta de estruturação diante da divisão das tarefas domésticas, não ignorando outros fatores de ordem emocional individual, porém, o mais evidente que percebemos se refere à dificuldade em dividir as tarefas domésticas de modo satisfatório. A família 2 B também aparenta ter um relacionamento conjugal que deixa a desejar, o filho está entre os dois, há um alto grau de investimento narcísico no filho, e a mãe demonstra canalizar todas as energias para esse, o que pode ter relação com o câncer, como afirma na entrevista. Ambos mantém uma postura super protetora. A mãe não demonstra estar realizada, sente-se sobrecarregada e fala que a rotina é repetitiva e chata em muitos momentos.

Os desenhos das crianças refletem o discurso trazido pelos pais. Hugo é a criança que apresenta maiores conflitos, seus desejos indicam alto grau de angústia. No caso dos meninos (família 1 B e 2 B) percebemos que a mãe é a figura de maior investimento, mas na família 2 B envolve um caráter de disputa com a figura paterna. A situação em que a mãe trabalha fora não aparenta ser vivida como angustiante nas crianças da família 2B (Tiago) e 3 B (Gabi). Apenas para Hugo (família 1 B) que condiz com a realidade vivida, na situação em que a mãe trabalhava fora as crianças "ficavam à deriva" e por fim os pais se separaram.

Percebemos que nos três casos a percepção sobre a figura paterna apresenta algum grau de insatisfação, ou sentida como insuficiente. Na família de Hugo, quando a mãe não trabalha fora o pai é omitido no desenho. Para Tiago consiste em figura de disputa pelo amor da figura materna e, por fim, para Gabi, a família idealizada apresenta o pai ao seu lado, no mesmo plano da folha (a mãe um pouco mais abaixo), há também disputa, mas é pelo amor do pai, neste caso.

COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS

| | GRUPO A (famílias em que a mãe trabalha fora) | Grupo B (famílias em que a mãe <u>não</u> trabalha fora) | |
|---|---|--|--|
| FAMÍLIA | 1 A | 1B | |
| Conjugalidade | Insatisfatória, sexualidade comprometida, muita divergência | Conturbada, conflitos, histórico de separação | |
| Tempo de casados/ tempo de casados sem filhos | 15 anos de casados 9 anos sem filhos | 22 anos de casados7 anos sem filhos | |
| Realização pessoal da mulher | Frustração com o crescimento profissional | Pouco realizada | |
| Lugar ocupado pelo filho na família | Primogênita e única filha. Lugar central na vida conjugal. | Segundo filho, "paciente identificado" da família, principal responsável pela reconciliação conjugal | |
| Parentalidade | Pai menos participativo, figura de maior autoridade; mãe próxima e mais flexível* | Pai mais participativo, mãe menos participativa. Educação pautada no diálogo | |

| Modelo de família | Tradicional** | Democrática | | |
|---|---|---|--|--|
| FAMÍLIA | 2 A | 2 B | | |
| Conjugalidade | Insatisfatória, distancia afetiva | Insatisfatória, distância afetiva | | |
| Tempo de casados/tempo de casados sem filhos | 12 anos 3 anos sem filhos | 13 anos 6 anos sem filhos | | |
| Realização pessoal da mulher | Frustração com o crescimento profissional. | Pouco realizada, sente a rotina cansativa e repetitiva | | |
| Lugar ocupado pelo filho na família | Filha caçula | Filho único, lugar central e de grande projeção narcísica dos pais | | |
| Parentalidade | Mãe mais participativa, impõe autoridade, afetiva. Pai mais ausente, mais severo, com atitudes compensatórias, | Mãe como figura materna e paterna. Pai sem autoridade. Pais superprotetores. | | |
| Modelo de família | Tradicional | Hierárquica | | |
| FAMÍLIA | 3 A | 3 B | | |

| Conjugalidade | Satisfatória | Satisfatória | |
|---|--|--|--|
| Tempo de casados/tempo de casados sem filhos | 9 anos de casados 3 anos sem filhos | 8 anos de casados 1 ano sem filhos | |
| Realização pessoal da mulher | Realizada | Realizada | |
| Lugar ocupado pelo filho na famíla | Filho único, lugar central, alto grau de investimento afetivo | Primogênita, muito investida de projeções narcísicas do casal | |
| Parentalidade | Mãe adequada, afetuosa. Pai muito participativo. Educação democrática. | Mãe superprotetora, flexível, muito afetuosa. Pai racional, figura de maior autoridade, menos participativo. | |
| Modelo de família | Igualitário | Predominantemente tradicional | |

_

^{*} Gostaríamos de pontuar que selecionamos as características mais preponderantes de cada família, com fins puramente didáticos.

^{**} Os modelos de família tradicional, referem-se às famílias em que o homem não participa ou participa muito pouco das tarefas referentes à organização doméstica. Famílias consideradas hierárquicas, onde a tomada de decisões é prioritariamente de um dos cônjuges e por fim, democráticas, onde existe um equilíbrio maior entre a divisão de tarefas e tomada de decisões na família

A partir dos dados da entrevista com os casais, percebemos que dentro de nossa amostra o fator trabalho materno não configura um campo determinante para a satisfação conjugal e/ou realização pessoal da mulher. Entre os seis casais da pesquisa, quatro são considerados não plenamente realizados no casamento, entre estes dois fazem parte do grupo A e dois do grupo B.

A insatisfação conjugal parece estar diretamente relacionada à uma má distribuição das tarefas domésticas, desequilíbrio no nível de participação e comprometimento com os filhos. Outro fator implicado e que se mostrou relevante é a satisfação pessoal da mulher, na família 3 A e 3 B, onde se consideram plenamente realizadas, a relação conjugal também é satisfatória, o casal demonstra maior companheirismo nestas duas famílias. Não observamos relação entre o tempo de casados antes do primeiro filho e uma melhor parentalidade ou realização conjugal, embora dados da literatura apontem que um maior tempo de união pode favorecer o desenvolvimento da parentalidade (Gomes, 1998, Zanetti, 2011).

Outro aspecto observado é a relação entre realização pessoal da mulher com o lugar ocupado pelo filho. Percebemos que nas famílias onde a mãe não é considerada realizada (1 A, 2 A, 1, 2 B) os filhos parecem ocupar o lugar central de suas vidas, preenchendo o vazio da falta de realização pessoal. Apenas na família 1 B, onde a mãe não está plenamente realizada, o filho não detém este lugar de destaque, porém, Hugo parece ser o grande responsável pela união do casal após a separação de um ano.

A questão da autoridade de cada um dos pais demonstrou ter alguma relação com o trabalho da mulher, e mais ainda, sobre a divisão de tarefas e o modelo de família adotado. No grupo A, o pai parece ser a figura com maior autoridade, cujos filhos respeitam mais do que em relação a mãe. Apenas na família 3 A essa relação não está tão nítida. Já no grupo B não foi possível estabelecer relação entre o fato da mãe não trabalhar fora com a relação de autoridade, formando um todo heterogêneo. Na família 1 B, não parece haver diferença clara sobre quem ocupa o topo da hierarquia, já na família 2 B a mãe é a figura de maior autoridade, enquanto a postura de autoridade do pai é praticamente nula. Na família 3 B, está bem demarcada a posição de maior autoridade do pai, reproduzindo mais claramente o modelo de família tradicional.

Sobre a participação na vida do filho, notamos que em cinco, das seis famílias quem participa mais é a mãe, com exceção da família 3 A. Em termos de relação afetiva a figura

feminina se sobressai, embora os pais sejam afetuosos, o são em menor medida se comparados com a mãe, como acontece na família 1 A. Apenas na família 3 A parece existir um equilíbrio entre o pai e a mãe nesse sentido. Na família 2 B e 3 B o pai é pouco afetuoso e mais resguardado. Na família 1 B parece haver um equilíbrio, porém os pais são menos afetivos em relação aos outros pais entrevistados.

A partir desse apanhado geral sobre algumas categorias de análise que surgiram nas entrevistas, passamos agora para a análise comparativa entre os desenhos das crianças do Grupo A e do Grupo B.

O quadro a seguir enfatiza apenas os elementos de análise mais significativos, não comporta todos os critérios utilizados na análise individual, pois o intuito é facilitar a visualização comparativa e poder traçar uma linha de interpretação a partir dela.

UMA FAMÍLIA QUALQUER

| 1 A | 2 A | 3 A | 1 B | 2 B | 3 B |
|--------------------------------|--------------------------------|------------------------|--------------------------------|---------------------------|--------------------------------|
| Ana | Bia | Caio | Hugo | Tiago | Gabi |
| Identificação positiva | Identificação positiva | Identificação positiva | Identificação negativa | Identificação positiva | Identificação negativa |
| Figura | Figura | Figura | Figura | Figura | Figura |
| materna | materna | materna | materna | materna e | materna |
| positiva | positiva | positiva | positiva | paterna | positiva |
| Figura | Figura | Figura | Figura | inexistentes | Figura |
| paterna | paterna | paterna | paterna | Figura | paterna |
| distante | distante | positiva | positiva | fraterna | positiva |
| Figura fraterna positiva | Figura fraterna negativa | | Figura fraterna negativa | positiva | Figura fraterna positiva |
| positiva | (hostilizada) | | negauva | | positiva |

UMA FAMÍLIA QUE VOCÊ GOSTARIA DE TER

| 1 A | 2 A | 3 A | 1 B | 2 B | 3 B |
|---|--|--|--|---|---|
| Ana | Bia | Caio | Hugo | Tiago | Gabi |
| Figura materna positiva Figura fraterna positiva | Identificação positiva Figuras significativas ambivalentes Impulsos agressivos Tendências destrutivas | Identificação positiva Figura materna e paterna positivas Tendências construtivas Impulsos amorosos | Figura materna positiva (proteção) Figura fraterna negativa (competição e ciúmes) Figuras parentais sentidas como insuficientes (inclui os avós) | Identificação positiva Figura materna positiva Figura paterna negativa (sentimento de competição) | Identificação positiva Figura materna e paterna positiva (desejo de maior proximidade com a figura paterna) Figura fraterna ausente |

UMA FAMÍLIA EM QUE A MÃE <u>NÃO</u> TRABALHA FORA

| 1 A | 2 A | 3 A | 1 B | 2 B | 3 B |
|---|--|--|---|---|---|
| Ana | Bia | Caio | Hugo | Tiago | Gabi |
| Insegurança e oposição Figura materna ambivalente Figura paterna negativa, hostilizada Tendências destrutivas | Identificação positiva Figura paterna distante Identificação com a figura materna Insegurança | Identificação positiva Figuras materna e paterna positivas, porém indisponíveis | Identtificação negativa Figura materna positiva Figura paterna ambivalente (ausente) Figura fraterna negativa (ciúmes) | Identificação positiva Figura materna positiva Figura paterna ausente | Identificação negativa Figura materna e paterna positiva Figura fraterna positiva (mas com algum grau de disputa com o pai) |

UMA FAMÍLIA EM QUE A MÃE TRABALHA FORA

| 1 A | 2 A | 3 A | 1 B | 2 B | 3 B |
|--|--|--|--|---|---|
| Ana | Bia | Caio | Hugo | Tiago | Gabi |
| Insegurança e oposição Figura materna ambivalente Figura paterna negativa Ansiedade depressiva | Identificação positiva Figura paterna inexistente Figura materna ambivalente Tendências ambivalentes (construtivas e destrutivas) | Identificação positiva Figura materna e paterna positivas Tendências construtivas Impulsos amorosos | Insegurança Identificação negativa Figura materna negativa Figura paterna negativa Ansiedade paranóide | Aceitação Identificação positiva Figura materna positiva Figura paterna positiva | Identificação negativa Figura materna e paterna positiva Figura fraterna negativa |

Notamos que não há diferença, em termos de maior conflito, entre o desenho da família em que a mãe trabalha e em que a mãe não trabalha. As crianças que demonstram conflitos, o apresentam nas duas situações indistintamente, como observamos com Ana e Bia. No entanto, Hugo expressa maior grau de elementos conflituosos especialmente na situação em que a mãe trabalha fora, condizendo com a realidade apresentada por seus pais. Tiago (grupo B), por outro lado, na situação onde a mãe trabalha fora omite a figura paterna, ilustrando a percepção de sua ausência e podemos inferir, de acordo com o relato dos pais, um

grau de competição com esta figura. Porém, não denota situação de angústia, com a mãe trabalhando, Tiago consegue solucionar buscando outra figura materna, a avó.

Em especial, as crianças que não são filhas únicas, Bia (grupo A) e Gabi (grupo B) apresentaram conteúdos hostis direcionados às figuras fraternas. Gabi chega a omitir a irmã na família idealizada. Já Ana (grupo A), que não tem irmãos, é a única criança que revela necessidade de ter mais crianças em sua esfera doméstica, todos os seus desenhos contam com uma ou mais figuras fraternas.

De um modo geral, notamos que os desenhos mantém estreita relação com o discurso apresentado pelos pais. Nas dinâmicas onde o pai é menos participativo, ou menos envolvido, as crianças assim o expressam, como é o caso do primeiro desenho de Ana do grupo A (que segue hostilizando a figura paterna no terceiro e no quarto desenho), Bia, do grupo A, que retrata o pai fora da casa no primeiro desenho, Gabi, do grupo B, que indica o desejo de estar mais próxima da figura paterna na representação da família idealizada. Hugo, do grupo B, que também na família idealizada inclui mais figuras parentais, indicando não sentir os pais suficientes enquanto cuidadores. E por fim, Tiago, do grupo B, que omite a figura paterna no desenho em que a mãe trabalha fora. Todos condizem com a realidade de ter um pai menos participativo e menos envolvido com as tarefas referentes aos cuidados com os filhos.

Nas duas famílias que detectamos maior realização conjugal e parental (3 A e 3 B), as crianças tendem a reproduzir desenhos com tendências predominantemente construtivas e impulsos amorosos. A criança que demonstrou menos conflitos é Caio (família 3 A). Gabi (família 3 B) também demonstrou impulsos construtivos e amorosos, embora com algumas condutas de oposição e também identificação negativa.

Em síntese, os fatores que implicam maior ressonância nos conteúdos expressos pelas crianças, estão intimamente associados às questões relativas com uma boa relação conjugal, pautada no afeto e companheirismo, além de participação mutua na rotina do filho.

Conclusão da análise dos casos

A partir da análise dos dados das seis famílias participantes traçamos algumas considerações acerca de temas que emergiram nas entrevistas e na articulação desses às expressões gráficas e verbais das crianças.

Sobre a qualidade do vínculo conjugal, temos que entre as famílias com maior satisfação nessa área, como encontramos em 3 A e 3 B, os conflitos infantis são menores se comparados às crianças com pais insatisfeitos no casamento.

A criança que mais chamou nossa atenção foi Hugo, do grupo B, pois o menino demonstra grande insegurança, somada a um moderado grau de prejuízo em sua expressão verbal e gráfica, bem como uma adaptação social considerada pobre, conforme os pais indicaram e também diante da pouca interação com a pesquisadora. Esses elementos parecem estar em relação tênue com a primeira infância conturbada diante de uma mãe ausente e de um casal em desequilíbrio. Winnicott (1997) afirma que o ambiente precisa ser capaz de manter uma identificação íntima com o recém-nascido para responder às suas necessidades de modo satisfatório, caso contrário o desenvolvimento emocional da criança pode ser prejudicado. Parece que nessa família houve uma falha na função materna, sem que a criança pudesse contar com algum substituto capaz de preencher o vazio de seu desamparo inicial.

O desenho da família idealizada de Hugo demonstra que a criança não encontra sustentação nas figuras parentais, precisando incluir os avós nessa representação.

Por outro lado, na família 2 B, também observamos prejuízos diante do desequilíbrio parental. Tiago apresenta questões relacionadas à falta de contenção de seus impulsos agressivos, diante de uma mãe incapaz de frustra-lo, somado ao fato da figura paterna ser mais ausente. Além disso, os pais têm uma postura superprotetora e depositam projeções narcísicas profundas no menino. A mãe conta que ele não aceita regras e quer ganhar "no grito", às vezes bate nas outras crianças, além de apresentar outros problemas de indisciplina na escola. Essas atitudes revelam o conflito diante da diferença de tratamento recebido em casa e na escola.

A dinâmica parental é desequilibrada, a mãe se incumbe de todas as responsabilidades domésticas e educacionais, enquanto o pai mantém uma postura mais descomprometida. Podemos observar ainda que Joana não parou de trabalhar por opção e sente-se

sobrecarregada e entediada com a rotina. É possível que o alto grau de investimento narcísico no filho seja uma reação compensatória dessa insatisfação anterior. Além disso, a exposição de sua própria fragilidade e desamparo, proveniente da doença que quase a matou, talvez tenha interferido profundamente no modo como experimentou a maternidade – com medo e culpa por correr o risco de abandonar o filho.

Já a família 1 A apresenta uma conjugalidade pouco estruturada e Ana parece vir a ocupar o vazio entre esse casal. A mãe se considera menos realizada na carreira em relação ao marido e parece depositar na filha a função de compensar essa frustração. Notamos que não há incentivo à autonomia e independência. Embora o casal seja consciente dessa dependência da filha e se responsabilize por isso, não conseguem agir de modo diferente.

A criança é mais apegada e dependente da mãe, o pai é uma figura de maior autoridade, pautado no modelo de educação mais tradicional e também menos participativo, por conta do trabalho, eventualmente viaja e quando Ana era menor as viagens eram mais longas e mais frequentes. Fátima, por sua vez, exerce uma postura mais democrática e com maior participação na vida da menina. Ana aponta a figura paterna enquanto alvo de ataques hostis em seus desenhos, revelando que essa figura lhe confere um caráter negativo e não acolhedor. Além disso, parece sentir o ambiente doméstico "vazio", diante da representação de irmãos em todos os desenhos.

A família 2 A, revela um cenário parecido, há um desequilíbrio entre o casal na divisão de tarefas, com nítida sobrecarga para a mãe, além de se considerar pouco realizada na carreira. É interessante observar que a representação de Bia sobre as figuras paterna é materna é muito semelhante à exposta por Ana, apresentando forte identificação com a figura materna e uma identificação negativa com a figura paterna. Neste caso, também há identificação com a irmã mais velha, porém com uma natureza mais ambivalente. O pai é uma figura muito ausente nessa família, o que Bia parece demonstrar, justamente, é a falta de uma figura paterna capaz de conter seus impulsos agressivos e/ou acolhê-la em sua angústia.

Em relação ao grau de dependência infantil, percebemos que nas famílias em que a única fonte de satisfação e realização da mulher é a maternidade, a tendência a desenvolver uma relação de dependência mútua com o filho é maior. Como observamos nas famílias 1 A, 2 B e 3 B. Estes dados condizem com a pesquisa de Yarrow (1962, citado por Pereira, 1978),

em que o autor afirma ser a satisfação da mulher a variável mais importante sobre o incentivo à autonomia da criança.

Outro elemento diz respeito ao modo como o trabalho da mulher é considerado em cada família. Percebemos que nas famílias que seguem um modelo de organização mais tradicional (como em 1 A, 2 A e 2 B) a profissão da mulher é considerada secundária se comparada à do marido. Notamos que a menor realização profissional das mulheres das famílias 1 A e 2 A, deve-se à este posicionamento implícito na dinâmica familiar, pois ambas afirmam que deixaram de investir na carreira para poder cuidar melhor dos filhos. Os dados encontrados condizem com a pesquisa de Meirelles (2001), em que a autora afirma que o trabalho da mulher é considerado secundário, principalmente após o nascimento dos filhos.

Por outro lado, a relação igualitária estabelecida na família 3 A sugere que quando a postura do marido é mais participativa, a mulher é mais realizada na profissão e investe na carreira. O casal demonstra deter uma postura adequada frente ao filho e a relação é considerada positiva pela criança. A mãe não apresenta atitudes compensatórias diante da criança, conseguindo administrar a vida profissional e familiar de modo satisfatório.

O pai de Caio, da família 3 A, que, embora apresente uma conduta adequada, expõe seus medos por não exercer o papel de autoridade esperado dos pais das famílias tradicionais. Além disso, a postura de certa forma negligente do pai da família 1 B, diante do receio de interferir na profissão da mulher (e ser taxado de ultrapassado), não exigiu dessa maior participação nos anos iniciais dos filhos.

A representação das crianças parece indicar que o fator de maior influência sobre seus conteúdos emocionais no âmbito familiar, está relacionado ao grau de envolvimento e participação de ambos os pais em sua vida, favoráveis quando existe uma boa constituição conjugal e realização pessoal em outras áreas da vida.

Capítulo VIII – Considerações Finais

Neste estudo nos propusemos a investigar as relações familiares contemporâneas, a partir da insígnia do trabalho materno. Nosso principal objetivo estava em tentar compreender se o fato da mãe trabalhar fora refletia na percepção da criança sobre sua relação com seus pais. Podemos afirmar que os desenhos foram bons instrumentos para avaliar o reflexo da dinâmica familiar na percepção da criança sobre suas relações familiares.

Pudemos encontrar co-relações entre o discurso dos pais e os conteúdos gráficos expressos pelas crianças, indicando que o método empregado foi sensível para avaliar o que havia sido proposto. Porém, não encontramos indicadores de que o trabalho materno, enquanto fator isolado, determine a natureza da relação entre pais e filhos na população estudada.

Verificamos que os principais elementos influentes sobre a representação infantil das figuras paterna e materna, estão associados a uma conjugalidade satisfatória, pautada no companheirismo e proximidade afetiva entre os cônjuges e também a parentalidade, vivida enquanto fonte complementar de realização pessoal.

Além disso, também observamos que o modo de constituição do vínculo conjugal esteve diretamente relacionado ao desenvolvimento de uma parentalidade considerada satisfatória, isto é, em que os pais conseguem deter uma postura consistente frente à criança, estabelecem limites e regras, boa relação afetiva, etc. Estes dados estão de acordo com os apontamentos de Gomes (1998) e vão também de encontro com os dados obtidos pela pesquisa de Zannetti (2011).

Esta pesquisa pode apontar alguns elementos importantes referentes aos modelos de família da atualidade e evidenciou o quanto estão presentes resquícios do modelo tradicional na organização da dinâmica familiar e/ou no imaginário dos pais. Esta confluência de valores é também responsável por inúmeros questionamentos e na maioria das famílias que investigamos, apresenta grande confusão sobre o lugar a ser ocupado pelas figuras parentais.

Por fim, percebemos que o processo de transição dos papéis de gênero, vivenciados intensamente pela família brasileira a partir da década de 70, conforme expusemos no primeiro capítulo deste trabalho, exercem ainda grande influência sobre os conflitos

experimentados pelos pais da atualidade. A intersecção entre o modelo tradicional e moderno, ao mesmo tempo em que permite maior flexibilidade de papéis, também é fonte de conflitos conjugais, diante de uma divisão de tarefas insatisfatória, ainda pautada por ideais sexistas.

Os resquícios do modelo tradicional de família parecem afetar ainda, e muito, as possibilidades de realização pessoal e profissional da mulher, gerando "ruídos" na relação conjugal, bem como no modo de parentar seus filhos.

Capítulo IX – **Referências**

Araujo, M. F. (1993) Família igualitária ou democrática? As transformações atuais da família no Brasil. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

Ardaillon, D. (1997). O salário da liberdade: profissão e maternidade, negociações para uma igualdade na diferença. São Paulo: Annablume.

Ariès, P. (1978). A História social da criança e da Família. Rio de Janeiro: Zahar editores.

Badinter, E. (1981) *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova fronteira.

_____ (2011) O conflito: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record.

Beauvoir, S. (1970) *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

Berthoud, C. M. E. (2000). Re-significando a parentalidade: os desafios de ser pais na atualidade. São Paulo: Cabral.

Bruschini, C. (1993). *O trabalho da mulher no Brasil: Tendências Recentes*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

Chaves, U. H. (2006). Família e... Comunicação, divórcio, mudança. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Costa, J. F (2004). Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Cunha, J. A. (2003). Psicodiagnóstico-V. Porto Alegre: Artmed.

Carter, B., McGoldrick, M. (2001). As mudanças no ciclo de vida familiar: um estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas.

Diniz, G. R. S. (1996). Dilemas de trabalho, papel de gênero e matrimônio em casais que trabalham fora em tempo integral. In: *Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal*. Coletâneas da ANPEPP, n.1, pag 101-112. Rio de Janeiro.

Esteca, F. M (2004). A emancipação feminia: consequências para a relação conjugal. Trabalho de Conclusão de Curso, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Féres-Carneiro, T. (1996). Terapia familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 16, n.1, Brasília, 15 (2).

Ferraz, F. C. (2008). O primado masculino em xeque. *Interlocuções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura*. São Paulo: Escuta.

Furusawa, L. M. (2003). *Estudo das representações da imago paterna no teste de Rorschach*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Giddens, A. (2003). A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedade modernas. São Paulo: Unesp.

Gilligan, C. (1992). *Uma voz diferente*. Rio de janeiro: Rosa dos tempos.

Gomes, I. C. (2001). A família atual: O interjogo de papéis. *I Congresso de Psicologia Clínica*. São Paulo: Anais do I Congresso de Psicologia Clínica.

Gomes, I. C., Levy, L. (junho, 2009). Psicanálise de família e casal: Principais referenciais teóricos e perspectivas brasileiras. Canoas: Aletheia, n.29.

Kamita, R. C. (2004). Revista "A mensageira": alvorecer de uma nova era? Universidade Estadual de Londrina (UEL). Disponível em: http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/10268

Kehl, M. R. (2001). Lugares do feminino e do masculino na família. *A criança na contemporaneidade e a psicanálise*, São Paulo: Casa do Psicólogo.

| (2003) Em defesa da família tentacular. |
|---|
| (2006) O pai antes de Édipo. |

Disponíveis em www.mariaritakehl.psc.br/

Lebovici, S. (2006). Diálogo Letícia Solis-Ponton e Serge Lebovici. Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Macedo, R. M. S. (1994). Família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? *Cadernos de Pesquisa*.

Maldonado, M. T. (1999). Psicologia da gravidez: parto e puerpério. São Paulo: Saraiva.

Mandelbaum, B. P. H. (2008). Psicanálise da família. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Meirelles, V. M. (2001). Feminino superlativo: mulher, família, carreira. Dissertação de mestrado. Pontificia Universidade Católica, São Paulo.

Meyer, L. (1987). Família: Dinâmica e Terapia (uma abordagem psicanalítica). São Paulo: Brasiliense.

Minuchin, S. (1990) Famílias, funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes médicas.

Missonnier, S. (2006). O início da parentalidade, tornar-se mãe, tornar-se pai. As interações dos pais e da criança antes do nascimento. Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio.

Moraes, M. L. Q. (2001). A estrutura contemporânea da família. *A criança na contemporaneidade e a psicanálise*, São Paulo: Casa do Psicólogo.

Pereira, R. S. A.(1978). *A ocupação materna segundo o ponto de vista da criança*. Dissertação de mestrado. Pontificia Universidade Católica, São Paulo.

Pieszezman, M. L. (2004). Família e estrutura: a abordagem estrutural da família. *Família e ...* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Pincus, L. e Dare, C. (1981). Psicodinâmica da família. Porto Alegre: Artes médicas.

Phillips, A. (2006). Winnicott .São Paulo: ideias e letras.

Porot, M. (1952). A criança e a família. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.

Rago, M. (1997). Trabalho feminino e sexualidade. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto: Fundação UNESP.

Romanelli, G. (1995). Autoridade e poder na família. *A família contemporânea em debate*. EDUC: São Paulo.

Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., Oliveira, Z. M. (set/2009). Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil. *Psicologia USP* 20 (3), p.437-464.

Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago.

Shorter, E. (1975). *A formação da família moderna*. Lisboa: Terramar.

Silva, M. C. P. (2004). Prefácio. Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio.

Silva, M. C. P (2009). A construção da parentalidade em mães adolescentes com vistas à prevenção de transtornos de desenvolvimento. Pesquisa de pós-doutorado, Pontificia Universidade Católica de São Paulo.

Silva, C. N. & Anastácio, S. M. G. (2008). O descompasso entre a função parental e a dupla carreira dos pais. *Família e educação: Olhares da psicologia*. São Paulo: Paulinas.

Solis-Ponton, L. (2004). A construção da parentalidade. Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio.

Souza, A. S. L. (2007). Dois vértices emocionais. O livro de ouro da psicanálise.Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S. A.

Melanie Klein e o brincar levado a sério: rumo à possibilidade de análise com crianças. *Psicanálise com crianças*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Souza, R. M. (1994). *Paternidade em transformação: o pai singular e sua família*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Stierlin, H. (1995) Psicanálise e teoria sistêmica: dois paradigmais em ação. *O casal em crise*. São Paulo: Summus.

Winnicott, D. (1997) "A família e o desenvolvimento individual". São Paulo: Martins Fontes.

(2002). Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes.

Tanis, B. (2001). A criança na contemporaneidade e a psicanálise: mentes e midias: diálogos interdisciplinares. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Tardivo, L. (1997). Avaliação e interpretação. *Formas de investigação clínica em psicologia*. São Paulo: Vetor.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Rio de Janeiro: Vozes.

Trinca, W. (1997). Formas de investigação clínica em psicologia. São Paulo: Vetor.

Rossetti-Ferreira, Amorim & Oliveira (Jul-Set/2009). Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil. *Psicologia USP*: 20 (3) SP Jul-Set/2009.

Zanetti, S. A. (2008). Efeitos da fragilização dos papéis parentais em determinados comportamentos de crianças no ambiente escolar, na contemporaneidade. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

ANEXOS

1. Convite

Estou realizando uma pesquisa de Mestrado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo a respeito da organização familiar em relação à ocupação materna e os sentimentos da criança frente à sua situação familiar.

Neste momento, preciso realizar uma entrevista com os pais que preenchem com os requisitos da pesquisa, ou seja: estar em união estável, com filhos na faixa etária de sete anos, com mães que trabalham em período integral ou que optaram por não trabalhar fora, formando assim dois grupos distintos para nosso estudo.

O objetivo de nossa pesquisa é trazer contribuições para o estudo e compreensão da família contemporânea no que se refere aos cuidados com as crianças frente aos desafios de nossa sociedade atual, que trazem consigo inúmeras dúvidas para aqueles que desejam dar uma boa educação para seus filhos e convivem cotidianamente com mitos e informações a respeito de como fazê-lo, gerando dúvida e insegurança para o casal.

Os interessados em contribuir com este estudo serão muito bem-vindos.

Atenciosamente,

Fabiana Esteca

Psicóloga, especialista em Terapia de Casal e Família, mestranda em Psicologia do Desenvolvimento pelo IP-USP.

2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estamos realizando uma pesquisa de Mestrado da Universidade de São Paulo, trata-se de um estudo sobre papéis de gênero no espaço doméstico e a percepção dos filhos sobre sua família. Para tanto, precisaremos realizar uma entrevista com os senhores pais e um encontro com seu (sua) filho (a) para que este realize alguns desenhos relacionados ao nosso tema. O objetivo da pesquisa é compreender como a família atual esta se adaptando frente às transformações suscitadas pela entrada das mulheres no mercado de trabalho.

Informamos que a participação não é obrigatória, não haverá qualquer despesa para participar desta pesquisa, o consentimento poderá ser retirado a qualquer momento e cada participante tem a liberdade de recusar responder qualquer pergunta, embora asseguramos não ser o assunto passível de causar qualquer dano ou constrangimento.

Declaramos, ainda, o nosso compromisso com o Código de Ética Profissional do Psicólogo assegurando que os dados coletados serão mantidos em sigilo, ou seja, a publicação não incluirá informações que permitam qualquer identificação. Com a autorização dos senhores, a entrevista será gravada e posteriormente apagada.

Em caso de dúvidas, os senhores poderão solicitar informações com a responsável pela pesquisa — Fabiana Mara Esteca (CRP 06/79085) - a qualquer momento, pelo endereço eletrônico fabiana.esteca@gmail.com ou pelo telefone: (11) 9878-8582.

| Nós,informados dos objetivos | ee | icados de que os dados coletados serão |
|------------------------------|-----------------------------|---|
| confidenciais e que pode | emos optar pela retirada do | consentimento a qualquer momento da os na pesquisa e de nosso (a) filho (a) |
| | · | |
| | | Assinatura do pai |
| | _ | Assinatura da mãe |
| | _ | Assinatura da pesquisadora |

3. Roteiro da entrevista sobre a dinâmica conjugal e parental

| Primeira parte: Dados gerais |
|---|
| Data de aplicação do questionário:// |
| Nome da criança: |
| Data de nascimento da criança:// |
| Idade: |
| Número total de crianças que vivem na casa: |
| Idade: |
| Nome mãe:Idadeescolaridade:profissão |
| Trabalha fora: () Sim () Não |
| Período: |
| Nome do pai:Idadeescolaridade:Profissão |
| Trabalha fora () Sim () Não |
| Período: |
| Tempo de casados: |

Quanto tempo de casados antes do nascimento do primeiro filho? Houve planejamento? Em caso afirmativo, quais as principais razões para optar por ter filhos naquele momento? Em caso negativo, como receberam a notícia, quais as principais esferas da vida que cada um mobilizou para a chegada do primeiro filho?

- Para ambos: Em sua opinião qual é o melhor momento para se decidir ter um filho?
- Vocês poderiam me contar um pouco sobre a vida de "X" (nome da criança), desde o nascimento? (buscar informações a respeito da amamentação e desmame, controle dos esfíncteres, ocorrência de sintomas especiais (como enurese, roer unhas, alterações de sono, etc), processo de entrada na escolinha, reação a estranhos e a períodos de separação, principais preocupações durante o processo de desenvolvimento do filho)

- Com quem contavam quando precisavam de cuidados auxiliares para o filho (a)?
- Como se dá a divisão de tarefas domésticas entre o casal?
- -Como cada um define a relação que têm com "x" (nome da criança)
- Tem alguma preocupação sobre a rotina de seu filho?

Para ambos: - Que concessões está/esteve disposto (a) a fazer para lidar melhor com os encargos da sua vida cotidiana?

- -Tem algo que gostaria de modificar em sua vida? Ou que faria diferente?
- Qual a gratificação que obtém a partir do trabalho/ocupação e da vida em família?

Últimas considerações

- O que é ser pai e mãe na opinião de vocês? Qual foi o impacto causado pela maternidade/paternidade em suas vidas?